

A rotina do absurdo



Pedro Valls Feu Rosa

2024

Dedicatória



Vem de Rui Barbosa a exclamação de que “cada jornalista é, para o comum do povo, ao mesmo tempo um mestre de primeiras letras e um catedrático de democracia em ação, um advogado e um censor, um familiar e um magistrado. Bebidas com o primeiro pão do dia, suas lições penetram até o fundo das consciências inexpertas, onde vão elaborar a moral usual, os sentimentos e os impulsos de que depende a sorte dos governos e das nações”.

A João Luiz Caser, amigo querido e um dos mais sérios profissionais da imprensa que jamais conheci, dedico esta singela obra.

Agradecimento



Vem de Antístines a lição de que “o reconhecimento é a memória do coração”.

A Luciano Rangel, cuja amizade me honra desde os tempos de infância, minha gratidão pelo incentivo a escrever.

Direitos autorais



Não escrevi este livro para obter ganhos financeiros. Assim, fique à vontade para distribuí-lo livremente. Apenas solicito que eventuais citações sejam acompanhadas de referência à fonte.

Mensagem do autor



Vá à janela. Respire fundo. Contemple, a partir de um ponto de vista mais distante, o cenário que se descortina.

Perceba que desmoralizamos o escândalo. Transformamos vítimas em culpados. Exaltamos os honestos como seres excepcionais. O que deveria ser regra virou exceção - e vice-versa. Só nos falta, talvez, ver o rabo abanando o cachorro. Em uma expressão: vivemos, sem o perceber, sob a rotina do absurdo.

Daí o título desta singela obra, cujo conteúdo busca simplesmente o induzir de reflexões serenas, tão necessárias mas ao mesmo tempo tão ausentes nos angustiados dias que vivemos.

Provincianismo



Temos uma das mais ricas línguas do planeta. E, no entanto, falar em “intervalo do café” virou algo “brega”. O chique é “coffee break”. Nossos aparelhos eletrônicos, fabricados aqui para nós mesmos, quase nunca tem botões “liga/desliga” – só “on” e “off”. Talvez, no imaginário de alguns, o uso de palavras inglesas nos coloque no tão sonhado 1º Mundo. E neste devaneio nos esquecemos de que 68% dos brasileiros entre 15 e 64 anos não conseguem ler nada além de um anúncio de 5 palavras – que dirá em inglês!

Nosso país vê, com pesar, que 3 a cada 4 de seus filhos com mais de 60 anos são desdentados – somente em São Paulo 68% deles já perderam todos os dentes. Nada menos que 30 milhões de brasileiros nunca foram a um dentista. Mas, se algum dia conseguirem ir, serão atendidos em prédios chamados de “Medical Health Diagnostic Surgery Plaza Center” ou coisa que o valha. É difícil de entender o motivo de tantos endereços em inglês!

O Brasil recebe apenas 0,59% dos turistas que circulam pelo planeta (dados de 2006). No entanto já está difícil encontrar aqui algum hotel com o nome muito diferente de “Resort Convention Palace Comfort Hotels Bureau Business & Inn”.

Se falarmos de endereços residenciais esta realidade não será diferente. Aliás, um estudo do BNDES mostrou a necessidade de reduzirmos nosso déficit habitacional, que já alcança incríveis 8 milhões de moradias. Mas, apesar disso, nossa reconhecida criatividade não funciona na hora de “batizá-los” – lá estão os “Royal Port Residence Service Flat American Tower Building” da vida, construídos por brasileiros em bairros brasileiros e esperando seus moradores brasileiros.

O que mais choca nesta perda de identidade que está transformando nosso país em um subúrbio norte-americano é estar ela sendo promovida não pelo povo mais humilde, mas pela camada mais esclarecida da população – e, pensando bem, teriam mesmo que ser os poucos letrados, já que 68% dos brasileiros mal conseguem falar português.

Um dos mais importantes cientistas sociais do mundo, Immanuel Wallerstein, disse em seu livro “O Declínio do Poder Americano” que a hegemonia dos EUA começa a chegar ao fim. Qual país assumirá o seu lugar? Eu espero que não seja o Butão – nomes de prédios em Dzonga seriam muito difíceis de ler.

Os elefantes



Não faz muito tempo uma comissão de parlamentares declarou ser inaceitável que neste país dois milhões de pensionistas ainda estejam vivendo na pobreza. Eles também protestaram por uma simplificação nas regras da aposentadoria.

Constatou-se que mais de 30% dos pensionistas deste país vivem em estado de pobreza. Apurou-se que um dos grandes responsáveis por esta calamidade é a complexidade do sistema previdenciário - assim, 1,7 milhão de pensionistas simplesmente não conseguem receber todos os benefícios a que teriam direito.

Os parlamentares demonstraram que, como muitos pensionistas tem dificuldades para ir às repartições públicas deste país, um simples serviço de atendimento por telefone poderia ser implantado para que através dele pudessem ser solicitados diversos benefícios.

O valor dos benefícios também foi objeto de pesadas críticas. Os parlamentares propuseram um aumento próximo a 100%, sem o qual, alertaram, "não seria possível viver com dignidade".

O presidente da Comissão Especial, ao apresentar seu relatório, declarou que "o Governo deveria assumir o compromisso de erradicar a pobreza dos pensionistas".

Tudo isto levou o sistema previdenciário deste país ao descrédito.

Uma pesquisa de opinião pública concluiu que apenas 15% dos trabalhadores acreditam que a aposentadoria lhes proporcionará condições básicas de subsistência.

Repercutindo tão sérios dados, a imprensa deste país entrevistou o dirigente de uma Associação de Pensionistas, o qual declarou que "as pessoas idosas deveriam viver com dignidade em suas aposentadorias, e não forçadas a reduzir padrões e economizar".

Um dos mais respeitados especialistas em questões previdenciárias deste país, ao ser entrevistado, foi direto: "Qualquer pessoa que esteja confiando no sistema previdenciário oficial não terá motivos para sorrir no momento de sua aposentadoria".

Este país não fica em nenhum local pobre ou atrasado da África, Ásia ou América Latina. Absolutamente. Estamos a falar de um país rico, mas que detém o pouco honroso título de quarto pior sistema previdenciário da opulenta Europa - sim, naquele continente ainda existem três outros países nos quais a taxa de pobreza dos pensionistas vai além de 30%. Inglaterra, um passo à frente!

Chamou-me a atenção neste chocante debate, travado em uma das regiões mais ricas do mundo, e que tanto gasta em armas e conflitos, as declarações de um porta-voz do governo: "mesmo os mais pobres pensionistas da Inglaterra estão melhores do que os mais pobres pensionistas de outros países. Mesmo os mais pobres pensionistas da Inglaterra estão bem melhores que os mais pobres pensionistas da França ou da Alemanha".

Este quadro, mundial, me fez lembrar dos elefantes. Dizem que a manada é solidária e jamais abandona qualquer de seus membros, quando este cai velho e doente. Quanto aos seres humanos, com a palavra Francis Blanche: "hoje em dia o único respeito que se tem pelos mais velhos é quando eles vêm engarrafados".

Leis esquecidas



Conforme Otto Lara Resende exclamou certa vez, "no Brasil lei é como vacina - umas pegam, outras não". Fiquei a pensar nisso há alguns dias, consultando o impecável serviço de divulgação das leis municipais mantido pela Prefeitura de Vitória na Internet.

Comecei pela Lei nº 351, de 1954. Segundo li no artigo 296 as calçadas de Vitória deveriam ter sido mantidas permanentemente em bom estado de conservação, lisas e planas. Se esta lei tão simples tivesse sido cumprida uma senhora idosa que conheci não teria falecido, há alguns anos, vítima de complicações que uma queda em dada calçada esburacada causou!

Havia também os artigos 590 e 1.124, que proibiam perturbar o sossego público com ruídos excessivos. Se esta lei tivesse pegado, o repouso de tantas pessoas idosas, doentes, recém-nascidas ou mesmo de cidadãos apenas cansados estaria preservado. Não teríamos, também, festas organizadas pelo Poder Público sendo realizadas em bairros residenciais e sequer chegado ao ponto de precisar de um

Disque-Silêncio, prova maior da incapacidade de observar até mesmo regras mínimas de convivência e respeito ao próximo.

E que dizer do artigo 204? Falava-se ali que os prédios deveriam ter um afastamento mínimo de 1,5 metro da divisa lateral do terreno. Se esta lei tivesse sido observada desde 1954 não teríamos hoje em Vitória tantos edifícios colados uns nos outros, bloqueando a ventilação de uma cidade cada vez mais quente e abafada.

E o artigo 578? Segundo ele, "o fabricante de bebidas ou de quaisquer produtos alimentícios que empregar substâncias ou processos nocivos à saúde pública perderá os produtos fabricados". Se esta lei tivesse pegado não teríamos, por exemplo, produtos suspeitos de causar câncer à venda no comércio, colocando em risco a saúde até mesmo de nossas crianças.

Encontrei também a Lei nº 903, de 1960. Ela autorizava a construção de um banheiro público nas imediações do prédio dos Correios e Telégrafos. Se o saudável exemplo dessa lei tivesse sido assimilado muitos semelhantes nossos não precisariam hoje fazer suas necessidades atrás de muros, árvores ou postes, se degradando e degradando um pouco cada um de nós.

Todas estas leis já existiam aqui em Vitória há mais de meio século! Se elas tivessem sido minimamente obedecidas nossa realidade atual seria muito diferente - menos poluída e mais humana. Teríamos homenageado a civilização. O mais chocante é que estamos a falar de leis que definiam questões simples, básicas e lógicas demais para não terem sido observadas! Se perderam, porém, pelo emaranhado jurídico brasileiro.

Calculou-se que o Brasil tem quase 800 mil normas em vigor. Salta aos olhos que não será através de mais leis que resolveremos o problema do descumprimento delas. Precisamos, na verdade, de menos leis - porém mais simples, voltadas à nossa realidade e aos nossos valores, estimulando uma cultura de respeito a elas. Afinal, como ensinava Montesquieu, "as leis inúteis enfraquecem as necessárias".

Ópera bufa



Dia desses li que no ano de 2014 nada menos que 207.400 pessoas perderam a vida por conta de problemas relacionados ao consumo de drogas ilícitas. Eis aí, seguramente, uma tragédia comentada intensa e extensamente pelo planeta afora.

Por conta disso, o melhor dos nossos aparelhos policial e judicial foi entregue à nobre tarefa de reprimir o consumo e o tráfico de drogas ilícitas. Idêntica missão foi conferida aos militares norte-americanos que ocupam inúmeras bases aqui na América do Sul, praticamente cercando a Amazônia brasileira.

Desta crise, a das drogas ilícitas, ocupa-se de forma ativa a imprensa mundial - basta abrir-se um jornal ou uma revista para constatar-se o imenso espaço que lhe é dedicado.

Enquanto isso, nos idos de 2010, a ONU divulgou que o consumo de álcool é responsável por 2,5 milhões de mortes a cada ano. Constatou-se ainda que ele está relacionado a nada menos que 25% dos casos de

homicídio.

É curioso: o álcool, sozinho, ceifa doze vezes mais vidas que as drogas ilícitas, e pouco se fala nisso! Aliás, eis aí um assunto que, ressaltado um ou outro artigo científico, praticamente não é comentado. Por que será?

Há também o cigarro. A cada seis segundos morre alguém por conta dele. Faça uma experiência: conte até seis. Um, dois, três, quatro, cinco, seis - morreu outro semelhante seu! A cada ano, são seis milhões de mortes. E não sei de nenhuma tropa armada ou aparelho legal enfrentando esta praga!

Fiquei ainda mais intrigado ao ler, há alguns dias, que à poluição atmosférica, isoladamente considerada, são atribuídas inacreditáveis 6,5 milhões de mortes a cada ano! São 31 vezes mais óbitos que aqueles derivados do consumo de drogas ilícitas, 2,6 vezes mais que aqueles oriundos da ingestão de álcool, e bem mais que os derivados do hábito de fumar.

Também aqui, surpreende o fato de que, à exceção de algumas poucas reportagens de caráter científico, a poluição do ar não tem ensejado reação praticamente alguma! Apesar de suas causas serem conhecidas e já terem sido até mesmo identificadas, não temos notícia de grandes movimentações a respeito. Aliás, quando movimentam-se as autoridades, logo recebem o título de “afoitas” e tudo acaba dando em nada, sob o silêncio de todas as vítimas - digo, de toda a população. Por que será?

De dar pena



Imagine um sujeito que, subitamente apaixonado, decidiu casar-se! Marcada a data das núpcias e reservada a igreja, nosso personagem ficou a pensar que poderia ser humilhante comparecer à cerimônia sozinho - ele ea um solitário - enquanto sua futura esposa levaria familiares e amigos.

A solução estava em uma empresa indiana da cidade de Jodhpur, chamada "Best Guests Centre", especializada em arrumar convidados para casamentos! Parece inacreditável, mas eles contratam atores para se fazerem presentes em qualquer cerimônia, observando vestuário e regras de etiqueta compatíveis com os desejos do cliente. Eles são tão detalhistas que chegam a estudar as famílias dos noivos, para evitar qualquer deslize que possa revelar a razão de suas presenças - o dinheiro!

Graças a esta empresa o casamento do nosso personagem foi um sucesso de mídia! Mas ele quis ir além. Teve a idéia de impressionar sua jovem noiva durante a lua-de-mel. Foi quando contratou uma outra empresa, norte-americana, de nome "Celeb 4 a Day", especializada em transformar pessoas anônimas em celebridades por um dia ou dois. E assim, em sua lua-de-mel, nosso personagem foi seguido por um falso "paparazzi" que tirava fotos dele o dia inteiro, concedeu entrevistas

coletivas em restaurantes a falsos jornalistas e até deu autógrafos a fãs de mentirinha que o abordavam várias vezes ao dia.

Como seria de se esperar, um casamento iniciado nestas bases não durou muito. E assim eis nosso personagem de volta à solidão! Buscando extravasar sua raiva, foi a um bar da cidade espanhola de Cullera, no qual os clientes pagam para ter o direito de ofender os pobres garçons das mais variadas formas! Foi assim, após xingar uma meia dúzia deles, que nosso personagem acalmou-se.

Passou-se o tempo, e veio a velhice. Preocupado com o futuro, e mais exatamente com a vida após a morte, decidiu adquirir um ingresso para o paraíso. Para tanto, buscou uma empresa norte-americana chamada "Ticket to Heaven", onde, por US\$ 19,95 mais as despesas postais, adquiriu esta preciosidade. Segundo a empresa o ingresso, pessoal e intransferível, deveria ser colocado em seu caixão.

Já muito idoso, e às portas da morte, nosso solitário personagem ficou a pensar que não iria ninguém ao seu velório - o que seria muito desagradável! Assim, procurou ele um serviço disponível nas cidades espanholas de Campanario, Extremadura, Galícia e Canárias, através do qual qualquer morto pode ter certeza de que estará sempre rodeado de pessoas chorando sua morte e rezando por ele.

E foi assim que no velório de nosso exótico personagem estavam diversas senhoras das mais distintas, chorando e rezando o dia inteiro a troco de 30 Euros - ele havia contratado somente as melhores na arte do choro e da lamentação, desprezando outras menos especializadas cujo preço era de apenas 20 Euros.

Nosso curioso personagem é fictício. Mas as empresas que citei não. Elas existem. São reais. Refletem uma humanidade profundamente doente.

Nem lá nem cá



Dia desses li que uma senhora norte-americana telefonou para o serviço de emergência da polícia de Ohio a fim de se queixar de uma refeição que encomendara a um restaurante. “Não está conforme o meu gosto”, disse ela. Poucos minutos depois foi presa por abusar de um serviço público.

Nos idos de 2014 dois turistas alemães decidiram invadir uma estação ferroviária e pichar um vagão de trem em Cingapura. Devidamente identificados pelas autoridades através de filmagens, foram localizados já fora do país, na Malaysia. Presos e recambiados, em três meses já estavam julgados e condenados.

Algum tempo depois, na Austrália, um passageiro embriagado começou a ofender, aos gritos, os comissários de bordo. Em seguida ao pouso da aeronave foi imediatamente preso. Poucos dias depois já estava condenado.

No Japão, em 2008, alguém tornou público que seis estudantes de uma escola de Gifu, em viagem a Florença, na Itália, gravaram seus nomes na parede da igreja de Santa Maria del Fiore. Imediatamente em seguida os alunos foram suspensos do colégio e o professor responsável pela excursão perdeu o emprego. O governo japonês até indagou às autoridades italianas se elas aceitariam que os culpados lá retornassem para limpar a sujeira que haviam feito - o que os italianos, polidamente, recusaram.

No Reino Unido moradores de Londres denunciaram à polícia que o cachorro de um vizinho estava embriagado, dando vexame em via pública. Em questão de minutos o canino, da raça labrador, estava sendo tratado em um hospital veterinário e seu dono explicando-se em uma delegacia.

Ainda naquele país um morador de Redditch decidiu “navegar” pela Internet valendo-se da rede sem fio de um vizinho - que percebeu o ato e chamou a polícia. Acusado de “obter serviços de comunicação eletrônica desonestamente”, o invasor acabou preso - e preso respondeu a um processo.

Diante destes exemplos alguns poderiam dizer ser desnecessário tamanho rigor. Vá lá que seja! Agora dirija-se à janela e contemple o cotidiano do nosso país. Será que não temos ido ao outro extremo? Fico a pensar se já não passou da hora de buscarmos, com serenidade, um ponto de equilíbrio - a criação de uma cultura que, respeitando nosso espírito liberal e alegre, nos proporcione mais civilidade, justiça e paz social.

Em nome Dele



Dia desses, assistindo ao noticiário, recordei uma chocante exclamação de Blaise Pascal: “Nunca o ser humano pratica o mal tão completamente e com tanto prazer como quando o faz por convicção religiosa”.

Contemple as guerras da humanidade. Quase sempre lá estará, à frente das tropas em marcha, algum símbolo religioso contrastando com as piores maldades que o espírito humano consiga engendrar.

Lance um olhar sobre a multidão de refugiados que nos envergonha enquanto humanidade, roubados até da dignidade. São, quase sempre, meros infiéis aos olhos fundamentalistas de seus opressores.

Pense, por um átimo que seja, nos torturados. Perante a intolerância de alguns fariseus não são seres humanos - são daqueles pecadores que a Santa Inquisição tão bem definiu, indignos de misericórdia.

Passeie pelo mundo e veja mulheres sendo apedrejadas até a morte pelos motivos mais banais. Note que seus executores lançam cada pedra em oração.

Medite sobre seus inumeráveis semelhantes mortos da forma mais brutal possível porque, sendo impuros, estavam a pisar em solo sagrado.

Escute o lamento daqueles tantos que perderam seus empregos e meios de sustento porque rezavam para a divindade errada.

Calcule a dor das crianças cujo futuro foi comprometido - e até mesmo destruído - por conta da fé dos seus pais.

Imagine o imenso número de religiosos assassinados de forma bárbara por terem ousado pregar a palavra de outro credo.

Lamente o tempo perdido e o atraso causado por conta do obscurantismo que lançou sobre brilhantes inventores e cientistas a pecha de hereges, eliminando suas obras e até mesmo suas vidas.

Chore pelas obras maravilhosas no campo das artes e da literatura que a humanidade perdeu porque seus autores foram condenados à morte e ao esquecimento por motivos religiosos.

Ore pelas autoridades que, sob pesado sacrifício pessoal, tentaram proteger as vítimas de perseguições religiosas e acabaram elas mesmas perseguidas.

Dedique uma prece aos governantes que deram a vida tentando levar luz a povos sufocados pelo obscurantismo cruel que o extremismo religioso exala.

Solidarize-se com as minorias que vivem oprimidas porque não compartilham da fé das majorias.

Apiede-se dos apaixonados que não puderam simplesmente se amar por conta do fanatismo religioso dos que os rodeavam.

Reze pela alma dos tantos profissionais da imprensa que tombaram no cumprimento do dever de informar verdades consideradas incômodas por fanáticos religiosos.

Homenageie a memória dos escritores vítimas de perseguições atrozes por terem simplesmente externado uma opinião contrária à de

alguns candidatos a salvo.

Finalmente, dirija seu olhar às milhões de pessoas comuns cujas vidas foram pioradas por conta de dolorosas restrições saídas das interpretações absurdas de alguns líderes religiosos.

Levanto-me. Vou à janela. Vejo o horror triunfando. Pergunto-me: como consegue? E subitamente recordo-me, com Francis Bacon, que “os crocodilos derramam lágrimas quando devoram suas vítimas. Eis aí sua sabedoria”.

Estado doente



Não faz muito tempo uma senhora de 81 anos morreu na Espanha, vítima de infarto, após aguardar 232 dias por uma consulta no serviço público de saúde. Na Bahia uma velhinha de 103 anos que mal conseguia respirar só conseguiu tratamento correto cinco dias depois, quando um jornal denunciou o caso. No Japão um senhor de 69 anos de idade sofreu um acidente de bicicleta e morreu após ter sido recusado em - acredite - 14 hospitais!

Estes três episódios, realçados sob o pano de fundo das milhões de pessoas abandonadas pelos fétidos corredores de alguns hospitais públicos pelo mundo afora, nos colocam a pensar no real empenho do Estado em proporcionar assistência médica digna ao povo.

A saída, por incrível que pareça, tem sido a caridade. Segundo a Organização Mundial de Saúde, inacreditáveis 40% dos tratamentos de saúde no mundo são proporcionados por organizações religiosas! Eis aí um número vergonhoso para os Estados, que, para piorar, no mais das vezes não ajudam e ainda atrapalham o trabalho voluntário de tantos abnegados.

Exemplifico com o caso da África, continente no qual a malária mata cerca de um milhão de seres humanos a cada ano, a maioria crianças. Estudos voluntários detectaram que apenas 2% das crianças dormiam protegidas por mosquiteiros adequados.

Seria de se esperar que, diante deste trabalho, os Estados - aqueles mesmos de tantos gastos supérfluos - distribuíssem os mosquiteiros, tão simples quanto baratos. Mas que nada! Somente às custas de doações, a maioria delas conseguida pela ONU, foi possível passar de 2% para 20% o número de crianças protegidas por mosquiteiros nos últimos seis anos. O resultado: 125 mil delas deixaram de morrer a cada ano. Seria exagero dizer que as outras 875 mil que ainda morrem a cada ano por falta de um mosquiteiro são assassinadas pelo Estado?

No Iraque, apesar do intenso trabalho voluntário de tantas organizações da sociedade civil, uma epidemia de cólera matou milhares de pessoas há alguns anos. Segundo apurou-se, o Estado estava purificando a água servida para a população com cloro vencido há anos, e comprado a troco de suborno. Enquanto isso, nas Filipinas, um aumento de 10% nas propinas cobradas de médicos reduziu a taxa de imunização infantil em mais de 20%.

Aliás, sobre este assunto, em 2006 a Transparência Internacional divulgou um estudo comprovando que a corrupção no setor de saúde em escala mundial chega a impressionantes 15% dos US\$ 3 trilhões correspondentes aos gastos totais. No Brasil, segundo dados divulgados pela Controladoria-Geral da União em 2008, a corrupção, o desperdício e a má-gestão desviam do dinheiro público investido na saúde R\$ 426,4 milhões, o equivalente a 25,1% do R\$ 1,69 bilhão repassado pelo Ministério da Saúde a 1.341 municípios.

Diante desta realidade só resta àqueles semelhantes nossos abandonados em um mundo de dor e tormento lembrar a famosa frase de Lothar Schmidt: "O que nos dá a Administração? A Administração nos dá o que pensar".

Mais loucos



Dia desses li que, lá na Rússia, o deputado Ilya Gaffner propôs que a população comesse menos durante a crise econômica. Observou, em seguida, que "os banquetes natalícios já passaram e as pessoas encheram os estômagos". Transcrevo, finalmente, um trecho de sua entrevista: "os preços dos alimentos subiram cerca de 25% em relação a janeiro do ano passado. Não vejo aí uma grande tragédia" - afinal, "está provado cientificamente que o corpo humano funciona melhor quando está com fome e frio".

Por falar em pobreza, milhares de habitantes de Bangladesh, absolutamente famintos e sem esperança, tem buscado fugir do país pelo mar - muitos morrem durante a travessia. Eis que, referindo-se a tão pungente drama humano, a Primeira-Ministra daquele país, Sheikh Hasina, definiu-os como "doentes mentais", acusando-os de "prejudicar a imagem do país".

Às voltas com problema idêntico, inclusive no que toca ao número de mortes em decorrência de naufrágios durante a travessia pelo Mar Mediterrâneo, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Hungria, Peter Sijjarto, rotulou o ato de acolher os refugiados como uma "estupidez": "estupidez é deixar centenas de milhares de pessoas, ou mesmo milhões, entrar na Europa sem controle, quando toda a gente, europeus

e migrantes, vê que eles não vão conseguir encontrar aqui o que esperavam".

A "solução" para este problema, encontrou-a a política alemã Frauke Petry, conforme noticiado pelo sério jornal "The Times": "os guardas de fronteira deveriam, se necessário, atirar nos migrantes que tentam entrar ilegalmente" na Alemanha.

Nas Filipinas, o prefeito de Capas, Antonio Rodriguez, notabilizou-se por distribuir aos eleitores, com recursos públicos, urnas funerárias com seu nome pintado.

Na Índia, o parlamentar Tapas Pal assim pronunciou-se, em um célebre discurso, sobre seus adversários políticos: "Eu não os pouparei. Eu liberarei meus homens para estuprarem suas mulheres".

Na China, um partido político fez imprimir 7,6 mil rolos de papel higiênico com imagens de candidatos adversários - para cada folha, uma fotografia de algum deles.

Diante destes exemplos, e de tantos outros, fico a pensar em uma interessante frase de Bernard Shaw: "precisamos de mais loucos no mundo - veja só para onde as pessoas normais nos levaram".

Divina comédia



Há algum tempo descobriram um sinal de trânsito defeituoso lá no Japão, na cidade de Fukushima. O dito cujo funcionava - ou deveria funcionar - no cruzamento de Aizu-Wakamatsu. Porém, devido a um erro de programação, durante alguns segundos o semáforo indicava "luz verde" para todos que estivessem aguardando passagem.

Como seria de se esperar, acabou acontecendo um acidente - felizmente uma colisão sem maiores consequências. A Polícia, após ouvir os dois motoristas envolvidos dizerem que o sinal estava "verde" quando entraram no cruzamento, imediatamente iniciou uma ampla investigação, que acabou por descobrir a falha na programação.

Vamos aos resultados, que transcrevo do sério jornal "The Japan Times": "A Polícia admitiu que o erro foi inteiramente devido à sua negligência. Ela pediu desculpas aos motoristas, compensando-os por todos os custos dos danos causados".

O Chefe da Seção de Controle de Tráfego, Masato Motoyoshi, assim declarou aos jornais: "Eu instruí todas as estações para que inspecionem os semáforos sob suas jurisdições. Nós tomaremos os cuidados para assegurar que nada assim volte a ocorrer".

Deste episódio extraímos notável lição de respeito à cidadania: de forma rápida abriu-se uma investigação e, uma vez constatado o erro,

pediu-se desculpas publicamente e providenciou-se o completo ressarcimento dos danos - não houve necessidade de longos processos judiciais, execuções, penhoras ou seja lá o que for.

Este exemplo ganha especial importância se considerarmos a pobreza do Japão, um país pequeno, exposto a terremotos frequentes e carente de riquezas minerais.

Mas vamos a um outro caso, acontecido nas Ilhas Maldivas e noticiado pelo jornal "Haveeru Daily". Lá, sete motocicletas estacionadas uma ao lado da outra foram abalroadas por um veículo do governo, e quatro delas acabaram completamente destruídas. Apurou-se que o veículo oficial vinha em excesso de velocidade quando seu condutor perdeu o controle da direção.

Imediatamente o Governo apresentou desculpas públicas, recolheu as motocicletas danificadas e convocou os proprietários das mesmas a fim de que fossem indenizados. Também lá não houve necessidade de longos processos judiciais.

Enquanto isso, não faz muito tempo li que buracos causaram, em um trecho de apenas 200 km de uma rodovia brasileira, 118 acidentes dos quais resultaram 97 feridos e 10 mortos. Até onde sei a Administração Pública ainda não se preocupou em indenizar estes infelizes motoristas ou suas pobres famílias. Aliás, li que a única atitude concreta adotada foi a de colocar naquele trecho as tristes mas tão comuns placas de "Cuidado! Buracos na Pista!".

Dante Alighieri, em seu livro "A Divina Comédia", escreveu que na porta do inferno há uma placa com os dizeres "deixai toda esperança, vós que entráis". Talvez, ao lado das placas que alertam sobre a existência de buracos, devesse ser colocado também este aviso, endereçado aos contribuintes brasileiros que por lá passassem.

Loucura e poder



Dia desses, meio que ao acaso, lembrei-me de Nikolai Grozev. Trata-se do Prefeito Municipal de Nova Zagora, na Bulgária - uma cidade que tem enfrentado sérios problemas de trânsito, sendo palco de muitos acidentes e mortes deles decorrentes.

Preocupado com tal situação, este alcaide decidiu enfrentá-la: adquiriu quatro quilos de açúcar, que espalhou pessoalmente pelas vias da cidade - segundo reza uma antiga tradição local, este gesto espantaria os espíritos ruins que seriam a causa de tantos infortúnios.

Não muito longe dali, no Turcomenistão, o presidente Gurbanguly Berdimuhamedov proibiu a importação de veículos negros, vermelhos ou azuis - recomendando, ainda, que apenas os de cor branca sejam conduzidos no país. Segundo antigas crenças a cor branca atrairia sorte. Li, ainda, que o governo gastou uma fortuna trocando toda a frota oficial por veículos brancos e revestindo de mármore - branco, claro - os principais edifícios da capital do país, Ashgabat.

Nas Filipinas, país que padece sob o tráfico de entorpecentes, o então presidente Rodrigo Duterte anunciou a concessão de medalhas e prêmios aos cidadãos que matarem traficantes. Textualmente, prometeu o seguinte: "Eu pagarei, por um traficante, cinco milhões de Pesos se

ele estiver morto. Caso esteja vivo, somente 4,999 milhões". No que toca ao governo, prometeu que em seis meses este matará 100.000 criminosos diversos. Finalmente, ele corrigiu uma reportagem que lhe atribuía 700 homicídios - "não, não foram 700, mas 1.700", esclareceu.

Nos EUA o prefeito de Fairbanks, no Alasca, gastou US\$ 7 mil em despesas judiciais para cobrar uma dívida de US\$ 37,50. Do outro lado do Oceano Atlântico, no Reino Unido, a cidade de Surrey está gastando milhares de libras, também em despesas judiciais, para cobrar uma multa de £ 60 de uma mãe que, durante alguns dias, em seguida ao Natal, deixou de levar seu filho à escola por conta de uma viagem.

Não pense serem estes exemplos o retrato de civilizações exóticas. Muito pelo contrário. Olhe pela sua janela e perceba que muito do que vivemos - e sofremos - somente pode ser explicado pela loucura e insensibilidade de alguns poucos. E recorde-se, então, das palavras de Shakespeare, a exclaimar ser "uma infelicidade da época que os doidos guiem os cegos".

Sorte e azar



Convido-o a um exercício mental. Imagine ter dormido uma hora a menos durante a noite passada. Certamente você experimentará algum efeito negativo ao longo do dia, ainda que bem leve - afinal, somos todos seres humanos.

Pois bem: pesquisadores norte-americanos da Universidade de Washington constataram que nesses dias, e somente neles, as penas impostas aos condenados pelos juízes norte-americanos foram 5% mais longas.

Este resultado talvez tenha relação com uma outra pesquisa, não menos intrigante, levada a efeito pela Universidade Estadual da Louisiana (EUA) entre 1996 e 2012. Constatou-se que quando um time de futebol americano local sofria alguma derrota inesperada, nos dias imediatamente seguintes as penas eram 7% mais altas - 14%, se o juiz graduara-se na mesma universidade do time.

Do outro lado do mundo, em Israel, cientistas da Universidade Ben-Gurion realizaram, nos idos de 2011, um estudo análogo. Ao longo de 10 meses foram analisadas milhares de decisões de oito juízes que trabalhavam em três sessões, com intervalos para um lanche e o almoço. Veja só: constatou-se que quanto maior a fome e a sede dos juízes mais severas eram as penas impostas.

Os resultados desta pesquisa, publicada na revista da Academia

Nacional de Ciências dos EUA, chegam a ser chocantes: no início de cada sessão, as chances de um condenado conseguir livramento condicional eram de 65%, percentual que ia caindo até chegar a zero no seu final - e estes valores foram praticamente os mesmos para cada um dos oito juízes.

A propósito deste quadro, data de 1930 uma interessante frase proferida pelo filósofo e juiz norte-americano Jerome Frank: "justiça é o que o juiz comeu no café da manhã". Desejou ele, com tal pensamento, firmar a ideia de que, assim como ocorre com absolutamente qualquer profissão, há fatores triviais, emocionais ou físicos, que podem influenciar decisivamente no desempenho dos juízes.

Diante desta realidade, e colocando-me no lugar daquele infeliz que foi sentenciado imediatamente antes do almoço, com "chance zero" de obter liberdade condicional, fico a pensar se nosso modelo de sistema judicial está, além de completamente esgotado, profundamente errado. Se somos, afinal, imperfeitos demais para julgar monocraticamente nossos semelhantes.

Louco, eu?



Aconteceu lá na China: uma mulher, suspeitando que seu marido a traía, passou para ele uma cápsula de veneno de rato durante um longo e aparentemente apaixonado beijo - um verdadeiro "beijo da morte".

Naquele mesmo país uma outra mulher constatou, ao ir dormir, que seu marido não havia lavado os pés antes de ir para a cama. Enfurecida e com medo de ser contaminada por alguma doença, adotou uma solução simples: matou-o ateando fogo nos lençóis.

Já uma mulher norte-americana foi menos feroz, porém mais irritante: ela chegou a ser presa por se encharcar de perfume, encher a casa de remédio para inseto e desinfetante e ainda queimar velas aromáticas - tudo para infernizar seu marido, que sofre de séria alergia a produtos químicos!

Vem também dos Estados Unidos o caso da velhinha que deu uma

vigorosa surra no marido, quebrando-lhe até algumas costelas, por uma "pulada de cerca" cometida espantosos 35 anos antes - imagine a pavorosa cena de uma senhora de 78 anos espancando o marido de 84!

Evidentemente não são apenas as mulheres a terem este tipo de comportamento. Voltemos à China: a esposa de um torcedor fanático, que acompanhava um jogo pela televisão, caiu na besteira de reclamar quando este comemorou um gol do seu time. Acabou trancada dentro de um quarto, a fim de que o "maridão" pudesse ver o resto do jogo sossegado.

Diante de casamentos tão conflituosos um juiz da Arábia Saudita está defendendo a tese de que maridos tem o direito de "dar uns tabefes" nas esposas que gastam demais. Transcrevo as palavras dele: "Se uma pessoa dá \$ 320 à sua esposa e ela gasta \$ 240 comprando supérfluos em alguma loja, e se ele dá uns tabefes na cara dela, ela mereceu a punição". Já no Irã uma mulher foi a um juizado pedir que fossem limitadas as surras que seu marido lhe dava a "apenas" uma por semana.

Seria este tipo de atitude "coisa de país exótico"? Quem dera! Inglaterra, apresente-se: segundo uma recente pesquisa de opinião pública realizada naquele país uma em cada sete pessoas acredita ser aceitável que um homem bata em sua namorada se ela estiver usando "roupas sensuais" em público. O mesmo percentual de entrevistados disse que "não há o menor problema em um homem bater na sua esposa se ela chateá-lo".

O problema é que, em países reputados civilizados, surras podem resultar em processos judiciais. Para evitar isto foi lançado na Espanha, há algum tempo, um livro que ensina os maridos a baterem em suas esposas sem deixarem marcas que os incriminem. Merece especial destaque o capítulo seis, no qual são indicadas as partes do corpo sobre as quais devem ser desferidos os golpes e os instrumentos a serem utilizados - tudo, e transcrevo um trecho, "para não deixar hematomas ou cicatrizes, que são passíveis de denúncias penais".

Diante de todos estes exemplos de loucura de pessoas que se dizem sãs não consigo deixar de pensar em uma curiosa frase da jornalista Diléa Frate: "os loucos são assim mesmo, nunca acham que estão doidos".

Insensibilidade



Dia desses o presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, assegurou que as mulheres que não têm filhos "negam sua feminilidade", ficam "incompletas" e não são mais do que "meias pessoas".

Ainda na Turquia, o advogado Yavuz Balkan foi a público defender uma certa "Bolsa-Prostituta", no valor de 75 Liras, para o sexo masculino. A justificativa: "se os homens satisfizerem suas necessidades sexuais, estou certo de que 99% dos feminicídios serão eliminados".

Na Espanha as mulheres presentes à missa dominical da Catedral de Toledo ouviram o sacerdote ler um sermão que continha o seguinte trecho: "A maior parte das mulheres que morrem são mortas pelos seus maridos, que não as aceitam, as rejeitam, porque elas não acatam as suas exigências".

Há, também lá, o caso da mulher grávida, vítima de estupro, que ouviu de uma juíza, em plena sala de audiências, as seguintes perguntas: "Você fechou suas pernas com força? Você fechou seus órgãos femininos"? Atenção: aqui a protagonista foi uma juíza!

Ainda sobre estupros, a australiana Jacqueline Hamill trabalhava em uma prisão na cidade de Davao, nas Filipinas, quando foi estuprada e morta por presidiários, durante um motim. O então prefeito da cidade,

Rodrigo Duterte, assim se pronunciou sobre tão triste episódio: "Eles a estupraram, todos alinhados. Eu fiquei bravo que ela foi estuprada, mas ela era tão bonita. Eu pensei, o prefeito deveria ter sido o primeiro". Duramente criticado pela imprensa, recusou-se a pedir desculpas, dizendo: "É assim que os homens falam".

Nos EUA os absorventes femininos são taxados como "bens de consumo de luxo" em nada menos que 40 estados. Ainda naquele país, uma lei do Estado de Arkansas permite ao marido bater na esposa uma vez por mês. No Japão 30% das mulheres que trabalham são vítimas de assédio sexual. Na Espanha 84% das presidiárias são vítimas de abuso sexual. Na Indonésia testes de virgindade são obrigatórios para as mulheres que desejam estudar em universidades. Na Nicarágua o homem é o único representante da família.

A cada uma das pessoas que, por ação ou omissão, permitem a perpetuação deste tão antigo quanto implacável quadro de discriminação contra as mulheres, dedico a famosa acusação de Stanislaw Jerzy Lec: "tinha a consciência limpa: não a usava nunca".

Herodes vive



Domingo é dia de ir à missa. Dia de orar e falar mal de Herodes, rei da Judeia, o soberano cruel que decretou a morte dos recém-nascidos de Belém. Calculou-se que naquela cidade viviam cerca de mil habitantes, dos quais uns vinte se enquadrariam na ordem de execução.

Atualmente, segundo dados da ONU/FAO, nosso planeta produz alimentos em quantidade suficiente para sustentar todos os seus habitantes. No entanto, a cada cinco segundos morre uma criança de fome. Isto significa que a cada cem segundos repetimos a chacina de Herodes.

Nos EUA 25% das crianças abaixo de 12 anos passam fome. No Reino Unido uma a cada dez crianças vive na miséria. Na França 8% dos menores de 18 anos estão entregues à pobreza - mal que afeta uma a cada sete crianças alemãs. E no tão rico Brasil - ali, do outro lado da rua - um exército de 50 mil crianças perambula à cata de esmolas. Fazem parte de uma massa de 23 milhões de jovens indigentes.

No campo da saúde nossa vergonha é ainda maior. A cada 30 segundos a malária ceifa a vida de alguma criança pelo mundo afora. No nosso país, a cada dia, 20 crianças morrem por conta de doenças causadas pela falta de um simples esgoto sanitário. Sim, a cada dia repetimos sobre o solo deste país tão cristão a chacina de Herodes,

aquele monstro bárbaro.

Há quem diga que ele morreu. Eu discordo. Herodes vive.

Diante desta vergonha, perante tamanha falta de coração e de sentimentos, é inevitável a busca pelos culpados. E eles estão por toda parte - afinal, um mal tão grande não pode mesmo ser obra de poucos.

Mas que tal discutirmos, aqui e agora, a nossa parcela de culpa enquanto parte do mundo das leis? Não falo, aqui, de Poder Judiciário. Falo de algo mais amplo. Falo de todo um sistema legal que tem falhado.

Violência contra crianças? Apenas 32 países em todo o planeta a proíbem em todas as suas formas. Desenvolvimento e geração de riqueza? O Brasil poderia crescer 20% mais a cada ano se suas leis fossem aplicadas com maior rapidez e presteza. Impunidade? Da recente crise econômica de 2008, que lançou dezenas de milhões de semelhantes nossos na miséria, não restou um único processado em todo o globo.

Eis aí a nossa culpa, nossa tão grande culpa: resistimos às mudanças, sem perceber que as coisas da vida passam - e passam muito depressa.

Herodes vive!



Segundo o Evangelho de Mateus Herodes I, rei da Judéia, tentou matar o menino Jesus determinando a morte de todos os recém-nascidos de Belém.

O escritor Raymond Brown, em seu livro “O Nascimento do Messias”, estimou que naquela época habitavam a cidade de Belém cerca de mil habitantes, dos quais uns vinte se enquadrariam nos termos da bárbara ordem de Herodes – assim, este monstro teria assassinado umas vinte crianças.

Atualmente, segundo dados coletados pela FAO, nosso planeta produz alimentos em quantidade suficiente para sustentar todos os seus habitantes. No entanto, 963 milhões de semelhantes nossos estão desnutridos. Dentro deste quadro, segundo a ONU, a cada cinco segundos morre uma criança vítima da fome. Isto significa que a cada cem segundos repetimos a chacina de Herodes.

Algun desavisado poderia dizer que este é um problema exclusivo dos lugares mais atrasados do planeta. Grande engano: há poucos meses li um relatório da “Community Foundations of Canada”, dando conta de que naquele rico país uma a cada cinco crianças vive na pobreza.

Ao sul da fronteira, nos EUA, recente pesquisa constatou que 15 milhões de crianças, ou uma a cada quatro, vivem abaixo da linha de

pobreza. Denunciou-se que 22% dos norte-americanos abaixo de 18 anos e 25% dos abaixo de 12 anos passam fome. Calculou-se que todos os dias nasciam naquele rico país 2,6 mil crianças na pobreza, das quais 27 morreriam em função dela. Atualmente, no Estado do Mississippi, 51% das crianças não conseguem sequer suprir suas necessidades básicas.

Na rica Inglaterra recente estudo encontrou 5,5 milhões de crianças vivendo na pobreza. Uma a cada dez crianças daquele país é extremamente pobre e vive à margem da sociedade. Quanto às crianças “apenas pobres”, seriam cerca de 30%.

Se cruzarmos o Canal Britânico e chegarmos à França não encontraremos uma situação muito diferente. Lá, cerca de 8% dos menores de 18 anos são pobres e padecem sob o flagelo de doenças e falta de abrigo e educação.

Na rica Alemanha o problema é bem mais grave. Estimou-se que naquele país uma a cada sete crianças até 15 anos de idade vive na pobreza. O mais grave é que diversas pesquisas previram um alarmante agravamento do problema nos próximos anos.

Enquanto isso há alguns anos os gastos militares globais alcançaram a espantosa cifra de US\$ 1,34 trilhão, ou cerca de US\$ 200 para cada pessoa do planeta.

Para melhor compreendermos o que significam estes números calculemos que nossos governos gastam a cada dia US\$ 3,6 bilhões somente com armas. Enquanto isso, segundo a ONU, 19% da humanidade sobrevivem aos trancos e barrancos com menos de US\$ 1 por dia. Estes são números tão simples como chocante é a verdade que revelam.

E domingo chegou. É dia de ir à Igreja, ler a Bíblia sagrada e horrorizar-se com a monstruosidade de Herodes, aquele governante impiedoso que ordenou o assassinato de vinte crianças. Dizem que Herodes nasceu no ano 73 a.C., tendo morrido no ano 4 d.C. Eu

discordo. Herodes ainda vive!

Flint e Vitória



Você já ouviu falar de Flint? Trata-se da sétima maior cidade de Michigan (EUA). Sua economia gravita em torno de empresas que lá se instalaram por conta de generosos benefícios fiscais. Como elas apenas necessitam, no mais das vezes, de mão-de-obra pouco qualificada, 41,6% de seus habitantes vivem abaixo da linha da pobreza.

Eis que, em um dado dia, uma destas empresas - a maior delas, uma montadora de veículos - detectou que a água fornecida pela rede pública causava ferrugem em seus produtos, sendo contaminada e imprópria até para uso industrial.

A situação foi resolvida da seguinte forma: a montadora de veículos recebeu ajuda das autoridades municipais para passar a receber água da vizinha cidade de Detroit. Problema resolvido!

Enquanto isso a população continuava a usar e beber daquela água imprópria, recordemos, até para uso industrial. Somente um ano depois, por conta de uma verdadeira epidemia de doenças relacionadas à contaminação da água, o caso transformou-se em um escândalo.

Constatou-se, então, que os habitantes da cidade estavam expostos a diversas toxinas - e vários morreram por conta delas. Nove mil crianças apresentavam sintomas de intoxicação por chumbo, com consequentes danos ao cérebro.

Diante da repercussão negativa a nível nacional, finalmente movimentaram-se as autoridades: o povo de Flint passou, então, a receber aquela mesma água lá de Detroit, consumida pela montadora de automóveis, adequada para uso industrial e humano.

Lembrei-me deste episódio ao ler uma tese de doutorado apresentada à USP, desenvolvida em torno do ar daqui de Vitória. Transcrevo algumas conclusões:

"As prevalências de sintomas respiratórios encontradas foram elevadas em Jardim Camburi e Jardim da Penha, quando comparadas a estudos nacionais e internacionais".

"Foi encontrada uma associação entre proximidade da indústria, contribuição industrial à poluição, e sintoma respiratório no bairro de Jardim Camburi".

Pense, agora, em quantas crianças daqui estão sofrendo por conta de doenças respiratórias as mais diversas. Calcule quantos dias de vida você terá a menos por conta dos resíduos industriais aspirados para seu pulmão. E lembre, com as vítimas de Flint, da famosa frase de Henry Ford: "amar o povo é fácil, o difícil é amar o próximo".

Odor do inferno



Dia desses li que a poluição do ar está relacionada a 550.000 mortes prematuras somente na Europa. São pessoas em idade produtiva, cujas vidas se encerram prematuramente por conta de doenças cardíacas, câncer etc.

Retiremos da equação o aspecto humano e fiquemos apenas com o material. Será quando constataremos que estas mortes custam ao continente europeu, a cada ano, nada menos que 115 bilhões de Euros.

Decidi pesquisar mais sobre o tema. Descobri que apenas em 2013 a poluição do ar - e só ela - tirou a vida de 5,5 milhões de pessoas. Vamos ao custo econômico desta mortandade: 1% do PIB planetário, consideradas as perdas em produtividade, gastos com tratamentos etc.

Mas voltemos ao aspecto humano. Segundo constatado pelo UNICEF os "poluentes não se limitam a causar danos aos pulmões em desenvolvimento das crianças - eles podem se infiltrar no sistema vascular cerebral, causando danos permanentes ao cérebro".

São elas, as crianças inocentes, por tantos maus cinicamente apontadas como "o nosso futuro", as principais vítimas desta poluição

assassina. Só em mortes, desconsiderados os casos de doenças crônicas, foram 658.000 em 2012, conforme estimativa da OMS (crianças com menos de cinco anos de idade).

Diante destes dados fiquei a recordar uma pesquisa divulgada nos idos de 2008 pelo IBGE, segundo a qual Vitória apresenta uma quantidade de enxofre no ar superior à de São Paulo - nesta, oito microgramas por metro cúbico de ar, contra dez daquela.

Passados uns oito anos li na imprensa que "o médico Luiz Werber Bandeira, chefe da área de Imunologia Clínica e Experimental da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, é definitivo ao afirmar que nenhum dos moradores da Grande Vitória ficará livre de doenças produzidas pela poluição do ar".

Destas moléstias, esclarece, "80% são cardiovasculares; o restante se divide entre doenças pulmonares crônicas, infecções respiratórias agudas e câncer de pulmão".

Pois é. A esta altura, algum desavisado poderia imaginar que o título deste texto é relativo ao odor característico do enxofre. Nada mais falso. Seja ele, antes, um alerta aos tantos que, por ação ou omissão, vitimam impunemente toda uma população indefesa há décadas, esquecendo que as coisas da vida passam, e passam muito depressa...

Peço desculpas



Errar é humano. Eis aí uma verdade simples, a retratar o quanto somos imperfeitos. Aliás, segundo Cousins, esta é a nossa essência: a imperfeição. Daí a importância da humildade, definida por Confúcio como "o sólido fundamento de todas as virtudes".

Fiquei a pensar nisso ao ler que o Chefe de Polícia de Trento, na Itália, foi a público pedir desculpas a uma senhora que havia sido grosseiramente atendida por um policial. Registro, inclusive, que este gesto de humildade foi acompanhado do envio de flores para a casa dela.

Esta notícia me trouxe à memória um outro episódio, acontecido no Japão. Um policial de Kyoto utilizou uma viatura para dar carona a alguns conhecidos que estavam indo jogar golfe. Alguém viu e denunciou o uso indevido de um bem público. Eis que o Delegado-Chefe foi a público, em nome da instituição, pedir desculpas pela falta do seu subordinado.

Há também o caso do motorista de Manchester, no Reino Unido, que estacionou e trancou uma ambulância sem observar que havia um idoso lá dentro. Após tomar todas as providências que o caso requeria, punindo o servidor, a administração municipal foi a público declarar, de forma clara, que pedia desculpas pelo erro, prometendo não mais repeti-lo.

Cito ainda o policial norte-americano que multou sua própria viatura,

estacionada em local irregular, pedindo desculpas a um cidadão que reclamara. Ou até mesmo um parlamentar britânico que foi a público reconhecer ter gasto indevidamente dada verba que recebera, desculpando-se e prometendo não mais errar.

Todos estes equívocos foram fatos da vida. Aconteceram e certamente irão acontecer de novo. O que contou, porém, foi a resposta ao erro. Talvez esteja aí uma reflexão oportuna em um país no qual é cada vez mais observada a ironia de Millor Fernandes: "errar é humano; botar a culpa nos outros também".

Morreu uma criança em alguma fila de hospital? É simples: a culpa é do governo anterior. Soltaram irresponsavelmente algum assaltante perigoso, que acabou por matar mais gente pelas ruas? Fácil: é tudo culpa das leis. Morreu alguém vítima das péssimas condições de nossas estradas? Culpa da imprudência, claro. Um cidadão foi humilhado em alguma repartição? Ora, são as péssimas condições de trabalho - nada que um bom concurso não resolva.

Está morrendo gente de fome sobre um solo tão rico? Culpa da crise econômica, evidentemente. Apontou-se algum caso de corrupção? Tudo calúnia, intriga da oposição. Os corruptos ficaram impunes? Culpa da Constituição Federal. Alguns menores estão matando inocentes pelas ruas? Ora, é este Estatuto deles! Está faltando infra-estrutura? É a falta de dinheiro. Gastou-se muito em subvenções e propaganda oficial? Culpa do sistema político, claro!

Pois é. Talvez, no final das contas, nosso maior problema esteja naqueles homens públicos que nunca erram - não foram nomeados ou eleitos, mas ungidos! Esquecem-se daquele provérbio italiano segundo o qual "quando o jogo acaba o rei e o peão voltam para a mesma caixa".

O extrativismo



Hegel, o famoso filósofo alemão, exclamou certa vez que "a única coisa que a história ensina é que ela não nos ensinou nada". Eis aí uma frase que se encaixa como luva no Brasil de nossa geração, que insiste em permanecer exportador de riquezas naturais e importador de tecnologia.

Talvez devesse ser lembrado por todos nós o exemplo de D. João V, o rei português apontado como um dos responsáveis pelo desperdício do ouro carregado do Brasil - que chegou a 14 toneladas anuais. Segundo consta, no reinado dele o gasto em festas e supérfluos foi tamanho que mereceu até um versinho: "Ai quanto veludo e seda, e quantos finos brocados! Ai, como está com seus cofres completamente arrasados".

Foi assim que 60% do nosso ouro acabaram com a Inglaterra, credora de Portugal, que o utilizou sabiamente para financiar as bases da futura Revolução Industrial e se desenvolver de forma sólida.

Ignorando esta lição, o Brasil segue firme no extrativismo. Porém, e eis aí algo sério, já dá para ver no horizonte o final da festa - foi o que extraí de uma pesquisa divulgada há algum tempo.

Vamos começar pelo minério de ferro. Temos 7,1% das reservas mundiais e somos o 2º maior produtor. Tudo isto seria suportável se o minério de ferro fosse uma riqueza renovável. Mas não é. Se o ritmo de

extração se mantiver nos níveis atuais (e ele só tem aumentado) em 82 anos nossas reservas conhecidas estarão esgotadas.

Há também o níquel. Temos 6,7% das reservas mundiais e somos o 7º maior produtor. Porém, a continuarmos nesta toada, em 116 anos passaremos a importadores. Somos também grandes exportadores de bauxita - o 2º do mundo, para ser exato. Nós podemos exportar tanta bauxita por termos a 3ª maior reserva do planeta - que, no entanto, acabará em 159 anos caso seja mantido o nível de exploração.

E o que dizer do chumbo? Temos a maior reserva do mundo e somos o 11º produtor. Porém, a se manter o ritmo de extração, em 96 anos não o teremos mais. Mas pior ainda é o caso do nióbio, um metal valiosíssimo. Temos a maior reserva do planeta e somos os maiores produtores - porém só durante mais 35 anos, quando estarão esgotadas nossas fontes.

Somos também grandes exportadores de estanho. Temos a 3ª maior reserva do mundo e somos o 5º maior produtor - mas por pouco tempo, já que em 80 anos também esta riqueza terá se esgotado. Não nos esqueçamos do ouro: temos a 10ª maior reserva e somos o 14º produtor mundial - mas por meros 43 anos, tempo previsto para o esgotamento das jazidas.

Finalmente, o Brasil também foi abençoado com a 6ª maior reserva de diamantes do mundo, e atualmente é o 9º maior produtor. Porém, no ritmo atual de extração, daqui a 123 anos também esta riqueza estará esgotada.

Fico a pensar no país que entregaremos para a geração seguinte. Abrimos mão de desenvolver um parque industrial próprio, desnacionalizamos nossas mais importantes empresas e estamos consumindo inebriadamente as maiores riquezas não-renováveis que a natureza nos ofereceu. Cuidado, Brasil!

É Natal!



Eu fui à guerra. Estava lá, nas trincheiras, buscando a morte dos inimigos. Não havia tempo para pensar ou sentir - matar ou morrer era o nosso credo, avançar não importa a que custo nossa divisa.

À minha frente, entre as nossas trincheiras e as do inimigo, o sangue dos corpos daqueles que tombaram na refrega misturava-se à lama, compondo um cenário dantesco embalado pelas gargalhadas de Satanás.

E eis que caiu a noite do dia 24 de dezembro. Um a um, morteiros, canhões e fuzis foram silenciando diante do grito de nossas consciências. Ao final, só restou aquele silêncio opressor que faz estremecer mesmo as almas mais embrutecidas. Foi quando ouvi um canção de Natal, ecoando lá das trincheiras inimigas.

O quadro era absurdo - as notas musicais sobrevoavam os corpos insepultos de tantos soldados, pousando a seguir em nossos corações angustiados. Alguns de nós responderam, começando a cantar em coro. As vozes eram tristes, soluçantes e abafadas, mas de uma beleza angelical - ousou arremedar que nunca terá havido perante o Criador concerto mais sublime.

Um dos nossos, coração tão marejado quanto os olhos, levanta-se então da trincheira. Parte de peito aberto rumo ao inimigo levando não o aço que fere ou o chumbo que perfura, mas o coração que cativa - vai lá abraçá-lo. Outros o seguem - eu inclusive.

Descobrimos, naquele lugar desolado pelo mal, um sacerdote. Foi ali, entre cadáveres e canhões, que rezou-se talvez a mais linda missa que um religioso jamais ambicionaria celebrar. E lá estava eu, ao lado dos inimigos que matei e dos que ainda viviam, buscando pela escuridão deste mundo a luz da redenção.

Findas as orações nossas rações de campanha compuseram, como que por milagre, a mais deliciosa ceia de Natal jamais servida. Não havia, é certo, o tilintar de cristais - mas quem precisa deles diante do som infinitamente mais agradável das batidas de centenas de corações entrando em harmonia?

Após uma noite verdadeiramente feliz decidimos sepultar nossos mortos, lado a lado. Com a voz embargada dos penitentes encomendamos juntos ao Criador as almas daqueles irmãos cujas vidas havíamos subtraído na véspera. Foi ali, de mãos dadas com meus inimigos, que finalmente me compreendi efêmero diante da eternidade e insignificante sob o infinito.

Fomos todos - franceses, ingleses e alemães - punidos por estes momentos de grandeza e misericórdia. Afinal, aos senhores da guerra só agrada a paz dos cemitérios. Transferidos para campos de batalha ainda mais violentos, fomos perecendo um a um - mas com a alma leve de uma criança.

A guerra, claro, chegou a um fim - mas aquele Natal de 1914, visto pela ótica de um desconhecido soldado, permanece entre nós, superando a História e convocando nossas mentes a uma reflexão. Onde a personalidade, quando alguns poucos decidem que nossos destinos negarão a lógica mais elementar? Das guerras à corrupção, dos desmandos à sanha da burocracia, lá está Incitatus nos pisoteando a todos e ditando as medidas de nossa humanidade.

A hipocrisia



A quantas anda a Justiça dos Homens?

Começo minha resposta pela França: “Justiça asfixiada. Sobrecarga de trabalho, acumulação de processos, dificuldade de aplicar as penas. Os ratos percorrem as salas insalubres dos cartórios, pelos quais transitam milhares de pessoas processadas. Os elevadores foram desligados há cinco meses depois que um operário foi eletrocutado”. Eis aí, sem retoques, a descrição do Tribunal de Bobigny, o segundo maior daquele país, feita pelo sério jornal “Le Monde”.

No Reino Unido outro jornal estampava na capa: “British Justice - rotten to the core”, algo como “justiça britânica - podre até a medula”. Já na Espanha a queixa é outra: “Apesar de a Justiça ser honesta e tecnicamente boa, seu principal problema é que chega tarde”.

Na Austrália uma comissão encarregada da reforma das leis chegou à seguinte conclusão: “Todos os sistemas judiciários padecem com problemas sistêmicos associados ao custo dos processos e ao tempo gasto para decidir”. Sobre a Itália li que “a Associação de Magistrados iniciou uma greve em protesto contra as medidas do governo para reformar a Justiça”. Nos EUA, lá estão as crianças condenadas a prisão perpétua, os doentes mentais condenados à morte e os presos de

Guantánamo gritando por justiça.

A conclusão é muito simples: o mundo das leis funciona mal no planeta inteiro. E sempre funcionou. As causas desta surpreendente realidade são muitas. Mas há uma, a principal delas, que reflete talvez o maior desafio da raça humana: a recusa das elites em admitir que a lei deve ser para todos - aos miseráveis, a justiça; aos poderosos, a morosidade do Poder Judiciário.

Sobre este aspecto gosto especialmente de duas frases tão singelas quanto profundas. A primeira vem de Balzac: “as leis são teias de aranha, pelas quais passam as moscas grandes e nas quais ficam presas as pequenas”. A outra, de Bettiol: “direito é a expressão da vontade dos mais fortes”.

Pois é. Quando a hipocrisia ceder lugar à igualdade o ambiente no mundo das leis será mais sereno, os processos mais simples e o Poder Judiciário mais rápido.

Neste dia a economia brasileira crescerá uns US\$ 100 bilhões, o volume de investimentos subirá 10,4%, a produção será elevada em 13,7%, a oferta de empregos será 9,4% maior e todos ganharão. Simples assim.

A pirataria



Dia desses meditava sobre a África. Trata-se de um continente riquíssimo: abriga as maiores reservas mundiais de bauxita, cromo, manganês, platina e zircônio. Seu solo contém 57% das reservas conhecidas de diamante do planeta, 48% das de cromo e 19% das de ouro e urânio.

Paradoxalmente, no entanto, este solo tão rico abriga um povo miserável! De acordo com o Banco Mundial 67% dos africanos - 670 milhões de pessoas - vivem (eu disse vivem?) com no máximo US\$ 3,10 por dia.

Como isto é possível? Haveria alguma explicação lógica? Decidi, então, pesquisar algo a respeito.

Descobri, para início de conversa, que a África ganha, anualmente, US\$ 19 bilhões em ajuda externa. Porém, os mesmos países que nos encantam com tanta generosidade recebem US\$ 68 bilhões através de fraudes fiscais praticadas por suas empresas lá instaladas - isto equivale a 6,1% do PIB de todo o continente. Acentuo: esta rubrica refere-se apenas a fraudes fiscais e evasão de divisas.

Aquele continente perde, a cada ano, US\$ 29 bilhões somente em função da extração ilegal de riquezas minerais, vegetais e animais praticada por empresas estrangeiras. Aliás, por falar em empresas estrangeiras, a remessa de lucros destas aos seus países de origem

tem alcançado a espantosa cifra de US\$ 32,4 bilhões. Curiosamente os lucros delas aumentam, porém os preços das riquezas não-renováveis que de lá extraem só diminuem - o do petróleo, por exemplo, caiu 51% desde 2011.

Adicione a esta conta US\$ 26,6 bilhões em função dos prejuízos econômicos decorrentes das mudanças climáticas - e não são os africanos, claramente, responsáveis por mais esta praga. Em seguida acrescente outros US\$ 6 bilhões - é quanto o continente perde em função da emigração do melhor de sua força de trabalho, física e intelectualmente considerada.

Acentuo que apenas estamos falando de rubricas absolutamente simples e fáceis de visualizar, relativas às mais puras e refinadas ganância e opressão por parte de alguns poucos conglomerados. E apenas elas já seriam mais do que suficientes para a eliminação da miséria de todo aquele povo.

Pois é. Eis aí a realidade da África. Proponho, agora, um exercício: pesquise estes mesmos indicadores, porém substituindo a África pela América Latina ou pelo Brasil. Qual verdade terrível será encontrada?

Nosso futuro



Eis uma boa notícia para todos os brasileiros: segundo um relatório do Conselho Nacional de Inteligência dos EUA sobre como estará o planeta em 2025 a economia do Brasil poderá crescer muito. Previu-se que nossa economia receberá um vigoroso impulso em função da crescente produção de petróleo, gás natural, biocombustíveis e até de alimentos.

Porém, o que há de mais importante neste relatório é um alerta para a nossa geração: se o Brasil não conseguir, a curto prazo, ter instituições mais eficientes e índices de criminalidade menores, toda esta riqueza que está por chegar pouco significará.

A aposta dos norte-americanos é que não conseguiremos. Afirmam que “a competitividade da América Latina continuará inferior à da Ásia”, e que “partes [do continente] continuarão entre as áreas mais violentas do mundo. Organizações criminosas voltadas para o tráfico de drogas e quadrilhas locais continuarão a comprometer a segurança pública”, sendo que “estes fatores, somados à fraqueza do sistema legal”, se traduzirão em países falidos.

Nada mais verdadeiro. Nossa geração está a um passo de ver o crescimento real do Brasil – mas no entanto dele está abrindo mão por conta de uma omissão quase criminosa. Sim, grande tem sido o nosso silêncio!

Vivemos em um país embrutecido, no qual são gastos US\$ 16 bilhões a cada ano só com a criminalidade, e achamos ingenuamente que “as vítimas é que deram bobeira”. Por conta dos vergonhosos índices de criminalidade perdemos 11% do nosso PIB. E preferimos “mudar de assunto e falar de coisas mais agradáveis”.

Nosso sistema legal está falido e não sabe – apenas 2,5% dos crimes acabam em processo e somente 1% dos condenados cumprem suas penas até o fim. Mas evitamos falar nisso – preferimos ir linchando os criminosos pelas ruas, na incrível média de quatro por semana. O Brasil perde US\$ 100 bilhões a cada ano só com a morosidade do Poder Judiciário, mas nossa geração resiste a simplificá-lo - prefere se perder na perfumaria dos formalismos inúteis.

A administração pública vai mal - segundo diversos estudos somos o país que tem a maior carga de burocracia do mundo! Por conta disso nossos imóveis são até 425% mais caros e deixamos de aumentar nosso PIB 2,2% a cada ano. Mas já concluímos que "isso é assim mesmo" e preferimos recorrer aos já tradicionais "jeitinhos".

Perdemos outros 5% do nosso PIB com a corrupção. Segundo o IBPT 32% de todos os impostos pagos no Brasil são desviados por conta desta falta de vergonha. E tudo indica que nossa geração não deixará para a seguinte sequer a proibição de que pessoas que respondam a processos por corrupção possam se candidatar a cargos públicos!

Temos visto a riqueza sorrir como nunca para o nosso país - arrisco dizer que se não formos omissos nossos filhos habitarão o Brasil grande com o qual sempre sonhamos. Se falharmos, seja nosso epitáfio a advertência de Martin Luther King: "nossa geração não lamenta tanto os crimes dos perversos quanto o estarrecedor silêncio dos bondosos".

O papel aceitou



Há vários anos adquiri o hábito diário de ler jornais de outros países. Trata-se de um passeio fascinante pela realidade de outros povos e até sobre a visão que eles tem do Brasil. Sim, já aprendi muito sobre o nosso país lendo jornais do Casaquistão e do Butão, por exemplo.

Como não poderia deixar de ser, de vez em quando encontro alguma notícia curiosa - e hoje quero compartilhar algumas delas. Começo por uma que li em um jornal norte-americano, que tem o seguinte título: “Advogado processa a si próprio acidentalmente”. Vem também daquele país esta outra: “Condado gastará US\$ 250.000 para divulgar que está sem dinheiro”.

Muito interessante também era uma notícia lá da Austrália, dando conta de que um veículo do Exército foi tão bem camuflado no meio de uma mata que simplesmente não estava sendo encontrado - a notícia transmite o pedido de ajuda dos militares à população, no sentido de procurar a viatura perdida.

Quem também pedia a ajuda da população era um jornal norte-americano. No caso, para procurar um criminoso foragido. A notícia trazia a imagem de um mascarado - sim, nada se via do rosto dele - seguida da expressão “se você viu esta pessoa avise as autoridades”.

Não menos confuso é um outro jornal, igualmente norte-americano, que exibiu a seguinte notícia: “O Centro de Controle de Venenos de

Utah lembra a todos para não tomarem veneno”. Já um outro, ao tratar do destino de resíduos nucleares, trazia a seguinte manchete: “DOE to do NEPA’s EIS on BNFL’s AMWTP at INEEL after SRA protest”. Entenderam?

Na mesma linha, um outro jornal dos EUA noticiou que “Agentes Federais fizeram uma busca em uma loja de armas e encontraram armas”. Enquanto isso um outro jornal, lá do Reino Unido, informava que um “homem morto é encontrado em um túmulo”. Ainda daquele país vem a significativa notícia a seguir: “Estatísticas mostram que a gravidez de adolescentes é menos frequente depois que eles completam 25 anos”.

Uma outra brilhante análise, esta oriunda de um jornal norte-americano: “Vítimas de homicídio raramente falam com a Polícia”. No mesmo sentido, eis uma incrível manchete de um jornal europeu: “Diana estava viva horas antes de morrer”. A quem achar que foi apenas um engano, segue o texto da notícia: “Uma série de vídeos inéditos revelou que a princesa Diana estava viva e bem antes de morrer tragicamente em Paris, há dez anos”. Mas falando em mortes, vejam esta incrível notícia de um jornal britânico: “17 pessoas permanecem mortas em um tiroteio acontecido no necrotério”.

Enquanto isso um outro jornal, este norte-americano, anunciou: “Videntes preveem que o mundo não acabou ontem”. Não menos confusa foi esta: “Encontro sobre abertura de encontros está fechado”.

Diante destas notícias, todas elas oriundas de veículos de comunicação absolutamente respeitáveis, fico a meditar sobre uma frase de Samuel Butler, segundo quem “o mais importante serviço prestado pela imprensa é educar as pessoas para encarar o texto impresso com desconfiança”.

Sem coração



Dia desses li que apenas um terço dos portadores de HIV do planeta tem acesso a tratamento e medicamentos - e que 90% dos tratamentos dispensados aos portadores de HIV na África são custeados por fontes externas, sem a participação dos governos locais.

Decidi estudar o tema. Constatei que a cada 30 segundos morre uma criança vítima de malária lá na África - o problema é que em um continente tão rico não se consegue comprar nem inseticidas para protegê-las. Aliás, apenas 2% delas conseguem um simples mosquiteiro.

A informação seguinte veio da Organização Mundial da Saúde: anunciou-se que 40% de todos os tratamentos de saúde no mundo são proporcionados por organizações religiosas. Diante de um número tão sério seria o caso de se perguntar: cadê o Estado?

Minha descoberta seguinte foi assustadora: nada menos que 10% das doenças que afetam a humanidade e 6,3% de todas as mortes delas decorrentes poderiam ser evitadas se as pessoas dispusessem de saneamento básico - um simples serviço de saneamento básico!

Apurei que os hospitais norte-americanos arrancam de seus pacientes nada menos que US\$ 10 bilhões a cada ano em valores indevidos. Em tempo: a expressão “arrancam” deve-se a que 90% das contas lá pagas seriam claramente fraudulentas.

Ainda sobre aquele país assustei-me ao saber que 52 milhões de habitantes não dispõem de assistência oficial à saúde - daí 41% da população estarem pagando prestações de tratamentos médicos ou às voltas com os tribunais por não terem condições de pagá-los. A propósito, 25% dos norte-americanos jogam suas receitas no lixo por não terem dinheiro para adquirir os medicamentos prescritos.

Este quadro insustentável, segundo aprendi, é sustentado por conta de existirem em Washington quatro lobistas da área da saúde para cada membro do Congresso. Aos resultados: uma criança nascida em El Salvador enfrenta taxas de mortalidade de 9,7%, enquanto que em Detroit de 15,5% - algo tão surpreendente quanto repulsivo, consideradas as diferenças entre os dois países.

Anoto, finalmente, que a cada ano 2,3 milhões de semelhantes nossos morrem vítimas de apenas oito doenças por não terem acesso a simples vacinas.

E é assim, diante destes números, que chego a uma conclusão: o problema da saúde está no coração - mais precisamente na falta dele.

Penas e pena



No Egito 683 simpatizantes da Irmandade Muçulmana foram condenados à morte pelo assassinato de um policial. No Congo foram 51 em função de duas mortes.

Nos EUA um ladrão roubou US\$ 264 de um restaurante utilizando uma arma de brinquedo. Acabou condenado a prisão perpétua.

Digna de menção, igualmente, a existência de 300 deficientes mentais no “corredor da morte”, aguardando execução. Sobre um deles determinou-se que fosse tratado até que compreendesse o seu destino: a execução por uma injeção letal.

Ainda naquele país um motorista foi condenado a 99 anos de prisão por ter sido surpreendido pela sétima vez dirigindo embriagado.

Por falar em motoristas um outro foi condenado a prisão perpétua na China, por evasão de pedágios.

No Reino Unido constatou-se que 3.000 condenados estão encarcerados por conta de penas indefinidas - ninguém sabe quando ou mesmo se algum dia serão libertados.

No Irã um acusado condenado à morte por conta de tráfico de drogas, que alegou inocência ao longo de um julgamento que teria durado dois minutos, ouviu de seu juiz que “se ele fosse inocente iria para o paraíso”.

Também vem de lá uma sentença que condenou dada mulher adúltera à morte por apedrejamento.

Na Malaysia um réu viu-se condenado a 27 anos de prisão e 78 chicotadas. Seu crime: estelionato.

Na Arábia Saudita o editor de um jornal foi condenado a 10 anos de prisão e 1.000 chicotadas por ter permitido a publicação de matérias nas quais temas religiosos eram discutidos. Uma outra pessoa foi condenada à morte por utilizar Twitter e Whatsapp.

No Quênia três homens foram condenados à morte por terem afanado 30 abacaxis.

Em Cingapura um homem foi enforcado por ter tentado traficar 1 kg de maconha. O mesmo fim teve uma mulher condenada pelo tráfico de 31 gramas de heroína.

Alguém poderia dizer serem as penas acima não mais que deploráveis exceções. Não, não são. Compõem a rotina da humanidade há milhares de anos. Refletem um sistema judicial claramente incompatível com o que se espera de uma humanidade evoluída.

Levante-se. Vá à janela. Contemple, com olhos de ver, o nosso mundo. Perceba as imensas possibilidades que se nos apresentam. Assuste-se com o quanto perdemos investindo cegamente no “mais da mesma coisa”. E comece a sonhar com um novo - e mais inteligente - modelo de justiça.

Verdade simples



O que uma criança não conseguir entender ninguém mais entenderá, pois a verdade é simples. Eis aí uma frase milenar, absolutamente singela, que deveria ser mais observada por nossa geração.

Dia desses, por exemplo, li que o Brasil perde, a cada ano, uns 2,3% do PIB só com a corrupção. Descobri que a Controladoria-Geral da União, após uma auditoria realizada em 15.000 contratos com estados, municípios e ONGs, encontrou irregularidades em 80% deles. Apenas nesses contratos foram flagrados desvios da ordem de R\$ 7 bilhões.

Decidi pesquisar um pouco mais e constatei que 51% das empresas aqui instaladas admitiram ter pago propina a servidores ou autoridades. E que 25% delas tem despesas de até 10% de suas receitas com subornos - aliás, 70% separam nada menos que 3% de seus faturamentos para esta triste rubrica.

Um quadro desses atrapalha muito o nosso desenvolvimento - eis aí uma verdade simples, que qualquer criança entende. Vamos aos números: quase 70% das 1.642 empresas consultadas declararam manter restrições quanto a novos investimentos por conta da corrupção. Neste sentido foi didática a acusação do presidente de uma empresa suíça, fabricante de relógios: "não dá para fazer negócios no Brasil, tudo

que precisamos fazer no país só ocorre com corrupção".

Uma criança entenderia, com facilidade, que combater esta praga deveria ser uma das prioridades nacionais. Igualmente simples é a verdade de que os dois maiores estímulos à corrupção são a burocracia excessiva e a impunidade. A partir daí não seria muito difícil concluir que deveríamos racionalizar nosso sistema legal.

Curiosamente, no entanto, praticamente nada se faz neste sentido - e isso criança nenhuma entende. Continuamos sendo um dos líderes mundiais em exigências burocráticas e em impunidade.

No que refere à burocracia seja seu símbolo o "atestado de residência", aquela conta qualquer emitida por uma empresa privada que nos tornará seres domiciliados perante os mais elevados órgãos da administração pública - acredite, já tive, quando presidia o Tribunal Regional Eleitoral, que providenciar um desses para poder assinar em nome da instituição.

Já quanto à impunidade represente-a o "retrabalho", sempre presente nos procedimentos criminais - a Polícia ouve todos e resume tudo, para que em seguida o Ministério Público narre todo o caso novamente e possibilite ao Poder Judiciário, além de explicar tudo de novo, ouvir uma vez mais praticamente todos que já foram ouvidos. Entendeu? Não? Então parabéns: você é normal!

Como explicar isso para uma criança? Cheguei à conclusão de que não conseguiria - não por dificuldades no manejo de uma caneta, mas por questões humanitárias. Seria doloroso retirar de uma criança a inocência, expondo de forma crua o mal que a ganância de alguns poucos custará ao seu futuro.

Pois é. E ainda há quem diga que a culpa pelo atraso do Brasil é do "Zé-Povinho". Mentira! Ele é vítima. A culpa é nossa, enquanto elite dirigente. E isto qualquer criança entende.

A Corte



Final de ano. Estacionamento praticamente lotado de um centro comercial. Eis que surge o dono de um veículo luxuoso, movido a gasolina, e o estaciona em uma vaga exclusiva para modelos elétricos. Para não “dar na pinta” amarra o cabo de carregamento na tampa do bocal de abastecimento e vai embora, feliz e fagueiro - e os “otários” que se conformem.

Um dia qualquer em algum bairro nobre. O proprietário de um carro caríssimo, pessoa importante demais para contornar o quarteirão rumo à sua morada, simplesmente segue a rotina de percorrer algumas centenas de metros pela contramão - e que se danem as renas!

Final de tarde em uma movimentada avenida. O condutor de um vistoso automóvel, em alta velocidade, passa abalroando um outro - e segue como se nada tivesse acontecido. E a vítima? Ora, a vítima! Afinal, quem a mandou atrapalhar-lhe a passagem? Que vá queixar-se ao bispo!

Um dia de chuva. Pessoas se aglomeram em um ponto de ônibus. Diante delas uma imensa lâmina de água, cortada em alta velocidade pelo motorista de um dispendioso "SUV" - que algumas centenas de metros à frente é visto rindo do “banho” que deu naquele pessoal.

Uma vaga de estacionamento em uma rua ampla. Um ambiente

pacato em uma tarde radiosa. E eis que comparece o motorista de um outro "SUV" a tentar nela guardar seu veículo. Após umas duas tentativas abalroa o carro estacionado à frente, danificando-lhe o farolete. Sem sequer dignar-se a saltar do veículo decide ir embora - simplesmente ir embora! Afinal, muito atrevimento do proprietário daquele carro deixá-lo estacionado ali, à sua frente!

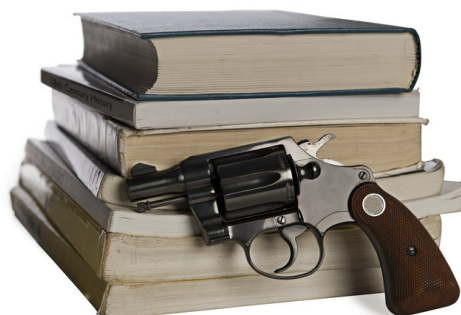
Uma via qualquer, seja lá em que horário for. Placas em profusão deixam claro para todos o limite de velocidade. Destaca-se no cenário um caríssimo carro esportivo, conduzido em excesso de velocidade e da forma mais arrogante possível - sejam os pobres mortais que cumprem a lei agredidos a toques de buzina, gestos ofensivos e até palavrões se não derem passagem imediata. As leis são para os outros, afinal!

Uma faixa de pedestres, clara sob o sol que brilhava. Um idoso começa a atravessar a rua e quase é atropelado por uma impetuosa condutora a bordo de um veículo conversível novinho em folha. Com o susto ele cai no asfalto e fica por lá. E a motorista? Sequer reduziu a marcha. Ao fim do cabo, foi muita ousadia daquele velhinho incauto obstruir seu caminho.

Estas são, sem retoques, cenas cotidianas do trânsito brasileiro. Cada um de nós já testemunhou episódios assim - e bem mais de uma vez. Para complicar ainda mais este quadro os péssimos exemplos de pessoas claramente instruídas e abastadas começam a inspirar outros condutores - afinal, se eles podem, por que não eu?

Quando do bicentenário da Revolução Francesa alguém perguntou à então governante do Reino Unido, Margareth Thatcher, o que havia a se comemorar. Sua resposta: "Nada. A única mudança verificada é que após ela a patuleia passou a chamar-se povo". Será que ao proferir tão sinistra acusação ela estava a pensar nesse pessoal da Corte?

A civilidade



Dia desses, lendo um jornal norte-americano, deparei-me com um singular título: "A habilidade mais importante para os trabalhadores de classe média não está sendo ensinada nas escolas". Fiquei curioso: a que se referiria a matéria?

Transcrevo, a seguir, seu primeiro parágrafo: "Os estudantes norte-americanos são julgados por seu desempenho em matemática, leitura e ciências. O mercado de trabalho, porém, está cada vez mais premiando de forma especial os profissionais sociáveis. Assim, as escolas que focam unicamente nas habilidades cognitivas, negligenciando as sociais, podem estar deixando de considerar um componente essencial para o sucesso no mercado de trabalho".

Vamos a alguns números: entre 1980 e 2012 a proporção de empregos que exigem conhecimentos teóricos aumentou 5% e a oferta de funções meramente repetitivas caiu 10% - em contraste com a quantidade de empregos que demandam sociabilidade, que subiu 15%.

Atento a este fenômeno um instituto de pesquisas norte-americano constatou que pessoas atualmente com 60 anos de idade teriam apenas 0,5% a mais de chances de obter emprego se forem sociáveis. Enquanto isso, para as que contam 30 anos, as perspectivas são 2,6% melhores. Para a próxima geração, que começa a chegar em um mercado a cada dia mais focado na prestação de serviços, este número deve subir substancialmente. Ou, invertendo-se a frase, neste novo

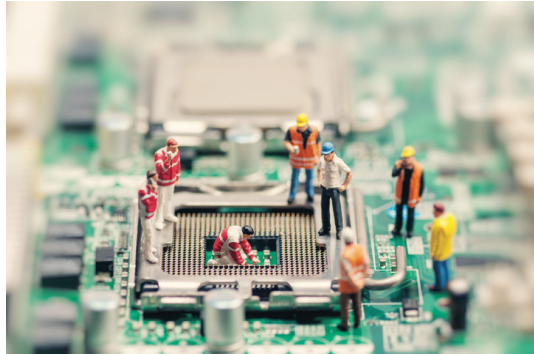
milênio serão cada vez piores as perspectivas daquelas pessoas pouco sociáveis.

Fiquei a meditar sobre as escolas brasileiras, nas quais 68% dos professores - dentre mais de 500 pesquisados nas redes pública e privada - dizem ter sérias dificuldades de vínculo com seus alunos.

Seja símbolo desta triste realidade o professor baiano que, já no dia de sua primeira aula em uma escola particular de Salvador, foi atingido por um azulejo arremessado por dado aluno da Terceira Série - perdeu bastante sangue e quase ficou cego. Em São Paulo segue um não menos chocante retrato da realidade pelas palavras de outro professor: "Em minha escola há toque de recolher".

Finalizo com uma pesquisa da OCDE que coloca o Brasil como "campeão" mundial de violência contra professores - uma vergonha para nossa bandeira, na qual lê-se "Ordem e Progresso". Pois é. Temo que em breve seja outra a nossa divisa. Que pena!

Nós e os “bits”



Nos idos de 1999 o governo do Reino Unido implementou um sistema informatizado denominado “Horizon”, destinado a fiscalizar de forma automática a contabilidade de dados concessionários de serviço público.

A ideia era boa: substituir as prestações de conta em papel pela modernidade dos computadores. O problema é que o programa tinha uma séria falha, qual a de fazer desaparecer valores da contabilidade, dando a impressão de que haviam sido desviados.

O governo, então, diante de relatórios aparentemente corretos indicando o desaparecimento de fundos, acionava a polícia e a justiça.

Os acusados, no mais das vezes, não tinham como se defender diante de documentos contábeis gerados por um sistema dos mais avançados do mundo. Acabavam caindo em desgraça e até mesmo condenados criminalmente.

Detectado o erro do sistema apurou-se que ao longo de 16 anos mais de 700 pessoas foram condenadas injustamente a penas de prisão. Muitas outras perderam suas economias para “restituir” aqueles valores supostamente desviados. Todas, sem exceção, tiveram suas vida e reputação destruídas. Algumas decidiram fugir pela via do suicídio.

Quem paga por isso? Aliás, é possível pagar-se por isso?

Diante deste exemplo peço licença para oferecer uma reflexão. Não sou um reacionário - muito pelo contrário, escrevo programas de computador há quase 50 anos. Já apresentei alguns deles nos EUA, Reino Unido, Suécia e Austrália. Fui um dos pioneiros a nível mundial na elaboração de sistemas de decisão baseados na arquitetura de redes neurais. Sempre busquei a modernidade.

É com esta legitimidade que questiono veementemente um mundo no qual algoritmos “burros” são definidos como “inteligência artificial”. Um tempo onde calibrar-se a execução de uma expressão matemática recebe o nome de “aprendizado” ou “treinamento”. O pior: uma era na qual o que sai de um sistema informatizado qualquer tem presunção de veracidade, com reflexos sérios na vida das pessoas - da civil à criminal, passando pela profissional.

Eu recrimino, e com todas as minhas forças, quem submete a vida e a honra de seus semelhantes a algoritmos cujas variáveis fogem ao conhecimento dos próprios programadores. Eu repudio o uso de fórmulas matemáticas “cegas” como instrumento de controle de países inteiros. Isso está errado! Isso não pode ser!

A humanidade precisa, com urgência, definir parâmetros de transparência para tais sistemas. Impor mecanismos de revisão. Proporcionar à sociedade civil organizada instrumentos para que os auditem. Estabelecer o que programas de computador podem e o que não podem fazer de forma autônoma. Criar meios de prevenir erros, inclusive judiciais, deles decorrentes. Diferenciar formalmente o ato de complementar o ser humano daquele de substituí-lo.

Não será fácil. Enfrentaremos, nesta quadra, estruturas sinistras. Arrisco dizer ser este o desafio maior dos nossos tempos. Mas superá-lo significará preservar a democracia e a cidadania. Talvez a sua própria felicidade. Ou a da raça humana.

O noticiário



Yemen, 2017. O flagelo da guerra abate-se sobre esta região miserável do planeta. Vamos a alguns números, levantados após cerca de um ano de conflito: 130 crianças mortas por dia, ou uma a cada 18 minutos, e 400.000 em necessidade de tratamento urgente por conta de doenças causadas pelas vicissitudes da guerra - fome, falta de medicamentos etc. Estima-se que 30% delas morrerão. Curiosamente, um quadro tão dramático recebeu da esmagadora maioria da imprensa ocidental um tratamento meramente burocrático.

Congo, década de 1990. Inicia-se um violento conflito em torno da exploração de coltan, um minério raro sem o qual não teríamos a maioria dos aparelhos eletrônicos modernos. Nos últimos 20 anos esta guerra já ceifou seis milhões de vidas - o mais sangrento conflito desde a Segunda Guerra Mundial. Uma investigação identificou 157 empresas ocidentais envolvidas com a exploração deste mineral - e calculou-se o custo de um telefone celular produzido com coltan extraído daquele país: a vida de duas crianças. É interessante: no mundo ocidental praticamente não se noticia este tão grave conflito!

Fallujah, 2015. Pela pena do jornalista Larry Everest alguns poucos jornais noticiaram que "os EUA usaram bombas de fragmentação, fósforo branco e urânio empobrecido contra o povo iraquiano, todas elas

consideradas armas de destruição em massa, suspeitas de induzirem câncer e deformações em fetos. Presencia-se uma taxa de deformações congênitas na cidade de Fallujah que supera até as verificadas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki em seguida aos bombardeios nucleares".

Colômbia, 2014. Um chocante relatório da Anistia Internacional, que praticamente não encontrou repercussão, expôs que a guerra civil que assola aquele país desde 1956 já produziu nada menos que 7 milhões de mortes - a maioria delas após o ano 2000. Somente para que se tenha uma ideia, em 2002 aquele conflito ceifou a vida de 744.799 seres humanos.

É intrigante: nenhuma das informações acima recebeu ampla divulgação! Conflitos de muito menor relevância, ou mesmo divórcios escandalosos de algumas celebridades, encontraram repercussão muito maior.

É quando a humanidade deveria lançar-se ao seu talvez mais importante e premente desafio: resolver a crise do acesso à informação em plena... era da informação!

Sem sentido



Decidi escrever um texto absolutamente sem sentido. Pensei em simplesmente amontoar notícias que leio de jornais do mundo, sem qualquer nexos lógico. Como ficaria?

Na Itália o vereador Luigi de Fanis decidiu nomear como sua secretária uma certa Lucia Zingariello. Antes de nomeá-la, porém, exigiu sua assinatura em um contrato no qual ela se obrigava a manter relações sexuais com ele "pelo menos quatro vezes por mês".

No Butão a Assembleia Nacional proibiu os parlamentares de entrarem com computadores no plenário em razão do receio de que eles percam tempo jogando ou vendo fotografias com temas pornográficos.

No Quênia uma cabra compareceu a um juizado para depor como testemunha em um caso de bestialidade. O acusado, Kitsao Gona, foi condenado a dez anos de prisão. Impressionou a todos, durante o julgamento, o ar altivo do animal.

No Reino Unido as autoridades policiais prenderam um cachorro sob a acusação de furtar ossos em uma loja. O canino só foi solto após as vítimas declararem formalmente que não apresentariam queixa contra

ele.

No Egito seis pessoas de uma mesma família pularam em um poço para salvar uma galinha. Morreram todas afogadas. Em tempo: a galinha se salvou.

No Reino Unido pesquisadores descobriram que um em cada cinco adultos dorme abraçado com algum ursinho de pelúcia.

Na Índia a cidade de Shahar Maipur decidiu enfrentar para valer o sério problema da defecação a céu aberto - só poderá casar-se quem vá morar em uma casa equipada com banheiro.

Na Arábia Saudita um juiz decidiu que maridos podem dar uns tabefes nas esposas caso elas gastem além da conta.

Nos EUA um banco da Florida proibiu dado cliente de sacar dinheiro de sua conta corrente por não poder fornecer suas impressões digitais. Detalhe: o dito cujo não tem um braço sequer.

No Canadá um turista frustrado processou a República Dominicana sob o fundamento de que choveu durante praticamente toda a sua estadia naquele país.

Nos EUA uma carta foi entregue ao destinatário com 47 anos de atraso - e no Reino Unido uma outra apenas chegou 90 anos após ter sido enviada.

No Canadá uma senhora foi multada por não ter colocado a mão no corrimão de uma escada rolante.

No Reino Unido seis em cada dez bombeiros hidráulicos admitiram urinar nas pias das casas nas quais trabalham.

Na Espanha um religioso decidiu proibir um casal de chorar durante o enterro do filho - os soluços estavam atrapalhando as orações.

Na Malaysia Yahaya Wahab recebeu uma conta de telefone no valor de 218 trilhões de dólares - e bem assim uma ameaça de processo caso não a quitasse no prazo improrrogável de dez dias.

No Reino Unido um candidato a vereador foi processado por ter comprado votos. A "moeda de troca" consistiu em pedaços de bolo para eleitoras idosas.

Na Suíça cerca de mil banqueiros estariam evitando sair do país por medo da prisão - ao que parece estavam envolvidos em um grosso esquema de sonegação.

E é assim, diante da lógica desta loucura toda, que termino, sentido, este texto sem sentido.

Desvalorizadas



Dia desses meditava sobre o uniforme das comissárias de bordo de algumas empresas aéreas - aliás, da maior parte delas. Há alguns anos obedeciam ao padrão que esperamos encontrar pelas ruas - elegantes e recatados. Eis que uma certa "modernidade" alterou tudo isso: os uniformes passaram a ser absolutamente indiscretos no que diz respeito à silhueta daquelas profissionais.

Fico a imaginar as consequências desta mudança para mulheres que passam seus dias levantando maletas, fechando bagageiros, recolhendo bandejas etc. no meio de corredores estreitos. Já testemunhei, a bordo, cenas as mais constrangedoras patrocinadas pelo descaramento de alguns passageiros, seguidas de um humilhante e na prática quase que inevitável silêncio.

Há também o caso das atrizes. Não faz muito tempo, em dado filme que tinha como pano de fundo uma organização criminosa, uma das personagens vai ao banho. Era apenas um banho e nada mais do que um banho! Não se relacionava em absolutamente nada com o roteiro básico - apenas um banho, afinal! E eis a atriz filmada inteiramente nua em uma cena absolutamente sem relevância para o contexto do filme. Por que tamanha exposição?

E as recepcionistas? Não faz muito tempo denunciou-se no Reino Unido um humilhante "código de vestimentas", no mais das vezes informal, obrigando-as, por exemplo, ao uso de saltos altos - não importando se tivessem problemas nos pés ou coluna - e modelos justos. Foi deplorável o depoimento de uma delas, forçada a usar saltos altos durante jornadas diárias de nove horas, relatando seus problemas nos joelhos e coluna.

O episódio seguinte vem da tão civilizada Suíça: um dos maiores e mais respeitáveis conglomerados financeiros daquele país definiu que suas funcionárias deveriam utilizar roupas íntimas de cor vermelha, que contrastassem com as blusas brancas do uniforme.

Finalizo em Israel, país notadamente religioso, onde uma empresa aérea estabeleceu que as comissárias deveriam usar saltos altos até o momento da decolagem da aeronave!

Qualquer uma dessas mulheres bem poderia ser sua mãe, irmã ou filha. Mas vá lá que seja - não são. Medite então sobre a doída acusação de Auguste Rodin: "A civilização não é, em suma, senão uma camada de pintura que qualquer chuvinha lava". E pergunte-se: somos mesmo civilizados?

Os porcos



Dia desses, lendo um jornal da China, encontrei uma notícia curiosa: em um rio próximo a Shanghai descobriram algumas carcaças de porcos boiando - umas duas dezenas.

Não dei, naquele dia, a devida importância a este fato. Mas eis que o desfile de suínos falecidos, além de não parar, não parou de aumentar! Em poucos dias eles já eram quinhentos. Em uma semana cinco mil.

Pois bem: no dia em que escrevi estas linhas eles já eram 16.000! Enquanto isso, por incrível que pareça, as autoridades ainda não tinham conseguido localizar a origem precisa de todos aqueles suínos.

Paralelamente, em Gana, 40 milhões de toneladas de lixo tóxico aparecem todos os anos. Recentemente decidiram fazer alguns testes em dada escola localizada perto de um “lixão” e constataram que as crianças apresentavam índices de contaminação por chumbo e cádmio 50 vezes superior ao máximo tolerável - e que o solo ao lado continha chumbo em índices doze vezes superiores ao máximo admitido.

Dizem alguns que a tal “montanha” de lixo tóxico lançada todos os anos sobre aquele país africano vem da Europa ou dos EUA. Mas a verdade é que, como os porcos lá de Shanghai, não se sabe ao certo de onde aparece.

A Albânia também tem sido “contemplada” com lixo desta natureza - de eletrônicos a medicamentos vencidos, passando por resíduos de óleo. Um único carregamento, interceptado em 2009, continha 1.500 toneladas de óleo usado, meia tonelada de baterias e duas toneladas de componentes químicos comprovadamente cancerígenos.

Discute-se sobre a origem deste lixo. Alguns acusam a Europa e há até quem aponte organizações mafiosas como culpadas. Porém, exauridos os ânimos investigatórios, o fato é que, assim como ocorre com os porcos de Shanghai, ainda não se entendeu muito bem o que está acontecendo.

No não tão distante ano de 2006 só a Califórnia (EUA) despachou para a “lixreira” (alguns países do resto do mundo) mais de nove mil toneladas de lixo eletrônico, rico em resíduos perigosos como o chumbo e o mercúrio. Deste total cerca de 1.190 toneladas vieram parar aqui no Brasil.

Uma vez mais, assim como acontece com os porcos lá de Shanghai, ninguém consegue saber ao certo o que está havendo.

Segundo o Greenpeace “a cada ano milhares de toneladas de lixo tóxico dos Estados Unidos da América são lançados em fazendas, praias e desertos no Bangladesh, Haiti, Somália, Brasil e dezenas de outros países”. Consta que até poluentes capturados por filtros de chaminés entrariam neste “coquetel”, quase sempre rotulado como “fertilizante” para iludir a fiscalização.

Porém, assim como os chineses em relação aos porcos de Shanghai, os ocidentais ainda não conseguiram descobrir quem exatamente está espalhando tanto lixo tóxico pelo planeta, em contraste com tantas políticas de defesa da natureza.

Enquanto isso lá se vão, rio abaixo, as carcaças dos 16.000 suínos chineses. Anônimas, silenciosas, carregam em seus lombos a advertência eterna de Ernest Hemingway: “por quem os sinos dobram? Eles dobram por nós”.

A mediocridade



Dia desses li uma interessante reflexão atribuída a Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica: "todos nós nascemos originais e morremos cópias". São palavras que, na era do "politicamente correto", merecem alguns momentos de meditação.

Observe que de uns tempos para cá todos parecem ter a mesma opinião sobre os principais temas relativos à humanidade - e utilizei a expressão "parecem" porque aos que eventualmente discordam de algo reserva-se o limbo ou a discriminação pura e simples.

Fico a recordar, diante deste quadro, das palavras - hoje tão negligenciadas - de Voltaire: "não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte vosso direito de dizê-las".

Veja, com olhos de ver, os principais meios de comunicação da humanidade. Observe que todos parecem refletir um só caminho e defender uma só "verdade". É difícil neles encontrar uma entrevista ou manifestação de opinião divergente quanto a estas tais "verdades" - as exceções são quase sempre retratadas de forma a minar-lhes a credibilidade. E contemple Voltaire a inquietar-se na tumba.

Pense em alguma reunião social. Experimente emitir alguma opinião diferente daquelas que, rotuladas como "politicamente corretas", já estejam entranhadas no espírito de seus interlocutores - para constatar-se relegado ao desprezo, enquanto alvo de olhares de reprovação. E

pense em Voltaire revirando-se no túmulo.

Tão mais chocante este quadro quando em contraste com a "Era da Informação", da qual tanto nos orgulhamos enquanto humanidade. A despeito de fascinados pela oportunidade da troca de ideias com pessoas de cada canto e recanto deste planeta, quão poucos de nós ousam questionar aqueles "conceitos estabelecidos".

Seria o nosso conformismo fruto do medo da solidão? Afinal, integrar uma massa - ser um "animal de rebanho", nas palavras de Nietzsche - é uma tendência que brota do receio do isolamento social.

O perigo deste agir é que, excluindo-nos da história, a ela alçamos, aqui e ali, déspotas e falsos profetas - que o diga a patente e inequívoca decadência espiritual e moral da humanidade.

Contemplando tão triste realidade, encerro estas linhas com a profunda indagação de Spinoza: é possível fazer da multidão uma coletividade de homens livres, em vez de um ajuntamento de escravos?

A mediocridade



Início este texto na Grécia clássica, recordando Sócrates - com quem o conhecimento humano tem um imenso débito. Foi ele a nos mostrar como usar a razão, um dos precursores da lógica e criador da dialética. Sua obra filosófica ainda hoje nos cativa. Porém a humanidade foi ingrata com seu filho ilustre: de 500 homens livres sorteados entre a população de Atenas 360 votaram por sua morte. E ei-lo tomando cicuta, vítima da mais refinada mediocridade.

E que dizer de Pitágoras? De seu famoso teorema à introdução da prova na matemática, da descoberta dos números irracionais aos seus estudos filosóficos, tínhamos nele um gênio - que morreu exilado no distante Metaponto, dizem alguns que até queimado vivo em um incêndio provocado por manifestantes.

Não nos esqueçamos de Galileu. A este devemos o aprimoramento do telescópio e obras fabulosas sobre mecânica e astronomia - que, sem medo de errar, deram vigoroso impulso a uma verdadeira revolução científica que se alastraria na Europa, com reflexos até os nossos dias. Porém também aqui fomos ingratos: Galileu morreu pobre, cego e em prisão domiciliar.

Há também um certo Alan Turing, a quem devemos o desenvolvimento do computador - inclusive do que decodificou os códigos secretos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, permitindo a vitória da liberdade. Em reconhecimento pelo imenso bem

que fizera à humanidade foi processado por homossexualidade e acabou cometendo suicídio um pouco antes de completar 42 anos de idade.

Lembra das chapas de raios-x, que tantas vidas salvam? Foram fruto do trabalho de Wilhelm Conrad Röntgen. Detalhe: ele recusou-se a patentear qualquer coisa relacionada com a produção ou o uso de raios-x, acreditando que eles deveriam ser usados para o benefício da humanidade. Morreu pobre, lá na Alemanha, desamparado pelo povo a quem tanto orgulho dera - e dá.

Do outro lado do planeta temos o exemplo de Kung-fu-tsé - que conhecemos como Confúcio. Ao longo de sua existência produziu reflexões magníficas sobre como é possível conduzir a vida sem recorrer à especulação metafísica. Seus ensinamentos ainda hoje, passados já dois mil e quinhentos anos, encantam. Paradoxalmente, passou a vida buscando - sem sucesso - empregar-se de forma estável em algum lugar. Morreu melancolicamente, amparado apenas por seus discípulos.

Na Itália Nicolau Maquiavel recebeu como paga pelos textos eternos que escreveu morrer miserável, assistido apenas por alguns poucos amigos. Na Espanha Cristóvão Colombo morreu na mais completa pobreza - uma recompensa por ter proporcionado à raça humana a descoberta da América. No Brasil Landell de Moura inventou o rádio, transmitindo a voz humana dois anos antes de Marconi transmitir meros sinais telegráficos - para ter sua invenção destruída por brasileiros que o acusaram de ser bruxo e até louco.

Após este devaneio pelos tempos passados retorno ao presente com uma nota de pesar no coração, pensando no quanto custa a mediocridade ao desenvolvimento da raça humana.

Lição de Uganda



Dia desses, lendo um jornal lá de Uganda, deparei-me com uma frase absolutamente surpreendente e instigante: "a educação está causando pobreza e desemprego". Seu autor, por paradoxal que possa parecer, integra o mundo acadêmico: o Professor Jacques Zeelen, da Universidade de Gulu.

Disse ele, explicando sua ideia: "há um desencontro entre o sistema educacional e o mercado de trabalho" do qual resulta uma geração preparada para empregos que não existem e despreparada para os que existem. Secundou-o o Professor John Asibo, Diretor do Conselho Nacional de Educação Superior: "você não precisa estudar em uma universidade para ser uma pessoa de sucesso".

Decidi saber mais sobre o assunto. Li em um jornal do Vietnam que "o número de graduados desempregados já é de 20% da força de trabalho". Em Cingapura somente seis a cada dez graduados conseguem emprego após seis meses da formatura. Na Rússia 30% dos graduados não conseguem uma ocupação definida. No Reino

Unido 50% dos formandos não conseguem trabalho compatível com os cursos que fizeram. Na Índia 75% dos que cursaram engenharia estão desempregados. França: "14% dos sem-abrigo frequentaram curso superior". Malaysia: "40.000 graduados desempregados".

E a famosa Coreia do Sul, cujo sistema educacional é tão elogiado? Com a palavra seu próprio governo: "um a cada três desempregados são graduados". Na China: "quase 50% dos formandos no desemprego".

Concluí, assim, o acerto da parte inicial da frase do professor de Uganda: temos preparado nossos jovens para empregos que não existem. Sim, mas e os empregos que existem?

Começemos pela Alemanha, que "sofre com a falta de trabalhadores qualificados" - um déficit estimado em 3 milhões de braços para 2030. Na Argentina "as empresas não conseguem os técnicos que necessitam". Na Polônia seis a cada dez empresas tem dificuldades em contratar funcionários. Em Israel empresas "buscam inutilmente por trabalhadores qualificados". Em El Salvador "os jovens não estudam o que deles o mundo necessita". Encerro estas linhas com o título de uma matéria publicada em um jornal argentino: "Desajuste entre educação e trabalho: a cada 100 advogados correspondem 31 engenheiros".

Não sei a quantas anda a situação no Brasil. Será que temos estado atentos à lição que vem lá de Uganda?

Evite morrer



Dia desses, relendo Cervantes, deparei-me com uma singular reflexão: “não há recordação que o tempo não apague nem dor que a morte não faça cessar”. Bons tempos, aqueles de Cervantes - uma época na qual o mundo fazia mais sentido.

Hoje, é bem verdade, saboreamos incontáveis avanços. Já fomos à Lua e nos preparamos para ir a Marte. Mas o fato é que o aprimoramento de nossa tecnologia sobrepujou a evolução dos nossos cérebros, arrisco dizer que mesmo das nossas almas.

Sustento minha tese com a morte. Antigamente, nos sábios dias de Cervantes, era bem mais simples morrer. Morria-se e pronto! A morte era permitida em qualquer lugar e a qualquer momento.

Tudo isso mudou. Assim, por exemplo, os habitantes da cidade de Sarpourenx, na França, só podem morrer se dispuserem de uma cova no cemitério local - acredite, esta proibição consta de um decreto municipal.

A sanha invasiva dos burocratas não ficou só na França. Chegou à Espanha, onde, na cidade de Lanjaron, por conta de obras de reforma feitas no cemitério municipal, simplesmente proibiu-se a morte. Transcrevo o texto do decreto: “Está proibido morrer em Lanjaron. Os infratores responderão por seus atos”. Eis aí a prova de que a

burocracia tudo pode e tudo supera - até mesmo a morte.

E o bom e velho capitalismo? Antigamente restrito a esta vida, hoje já alcançou o além. Que o diga uma empresa norte-americana que lançou no mercado “ingressos para o Paraíso”. Por uns R\$ 30 mais R\$ 9 de frete você recebe em casa um bilhete, pessoal e intransferível, que deverá ser colocado em seu caixão. Detalhe: a empresa avisa que não devolverá o valor pago caso o Paraíso não exista.

Naqueles velhos tempos mortos eram coisa séria. As pessoas tiravam o chapéu à mera passagem de um cortejo fúnebre. O ambiente nos velórios era circunspecto e respeitoso. Mas até isso já começa a mudar, conforme indica a atividade de uma empresa norte-americana especializada em adquirir espaço publicitário em caixões. Ela paga até uns R\$ 190 por cada espaço publicitário.

Assim, por exemplo, se o morto era motorista de caminhão, pense em um caixão enfeitado com propagandas de postos de gasolina e óleos lubrificantes. Se veterinário, com adesivos de marcas de ração para cachorros, e por aí vamos. Fico a pensar na urna funerária de um profissional do circo - um palhaço ou um domador...

Houve um tempo no qual pessoas morriam e eram sepultadas ou cremadas em paz, sem maiores problemas - e eis aí um sinal de respeito tanto ao morto como aos seus entes queridos. Isto acabou. Hoje não raramente há que se esperar dias até que a burocracia libere os corpos para suas famílias - principalmente se forem miseráveis. E assim, nos confusos tempos atuais, até a paz dos cemitérios depende da eficiência dos burocratas.

Este o tratamento que temos dispensado aos mortos. A partir dele, que tal meditarmos sobre como temos atendido os vivos? A quantas anda, afinal, o espírito cristão por esta humanidade que tanto celebra seus avanços e descobertas?

Cadê os pobres?



Dia desses ouvi, mais uma vez, certa frase muito pronunciada aqui no Brasil: "o problema da criminalidade é um fruto da pobreza". Eis como, de forma absolutamente singela, nossa sociedade rotineiramente resume um desafio tão complexo.

Diante desta afirmação, trombeteada de forma absolutamente grave por um idoso interlocutor, fiquei a meditar sobre as fortunas desviadas dos cofres públicos, no mais das vezes impunemente, por já ricos senhores. Eis aí um dos mais sérios problemas da humanidade!

Há também aqueles abastados empresários cujas fortunas, abrigadas em paraísos fiscais, passando ao largo do recolhimento de tributos, algo inevitável apenas para os menos favorecidos, sangram a humanidade - por vezes literalmente, em função das crises que causam.

Por falar em empresas não nos esqueçamos daquelas poderosas corporações envolvidas em crimes que vão desde o uso de mão-de-obra escrava até o saquear puro e simples de riquezas minerais de outros povos, por vezes através de conflitos os mais devastadores.

Fiquei a meditar sobre os poderosos dirigentes de grandes corporações que, buscando aumentar seus já milionários salários, reduzem custos ao preço de impor aos consumidores - crianças incluídas - produtos sabidamente nocivos à saúde.

O que dizer dos ricos e poderosos detentores de diversos meios de comunicação utilizados para dominar por vezes países inteiros, em obediência a interesses os mais escusos, vitimando milhões de seres humanos inocentes?

Igualmente dignas de menção são as tantas autoridades que, malgrado providas de todas as garantias legais e desfrutando de razoáveis padrões de vida, comportam-se como leões diante de carneiros e carneiros diante de leões, proporcionando aos ricos e poderosos uma impunidade abjeta.

Pensem, finalmente, nos competentes e ricos profissionais, das mais diversas áreas, cujas vidas são dedicadas a servir de suporte a cúmplices, digo, a igualmente abonados senhores que se nutrem no mesmo coxo imundo do mal.

Eis aí, e peço desculpas se esqueci de algo, a relação da pior, mais violenta e danosa criminalidade que flagela a humanidade. Pois é: e cadê os pobres? A estes só resta, pelas mãos do Estado, representar 99,99% da população carcerária - seja no Brasil, seja pelo planeta afora. Quanta injustiça, meu Deus!

Absurdo normal



Agora é lei: nenhum budista poderá reencarnar a menos que pegue, antes de morrer, uma autorização do governo. É isso mesmo: antes de pensar em “abotoar o paletó” - aliás, em “dobrar a túnica” - um monge deve pedir autorização à burocracia chinesa.

Enquanto isso, na Suíça, um bode utilizado como mascote por um partido político foi raptado por candidatos rivais a poucos dias das eleições. O nome do dito animal, sério candidato a “bode expiatório”, é Zottel.

No Irã 17 crianças travavam uma animada “guerra” de pistolas de água em um parque de Teerã. Eis que por lá chegou a autoridade policial prendendo-as todas sob a acusação de perturbação da moralidade pública.

Pense agora em um bebê de apenas um mês que já seja portador de diploma de curso superior e esteja devidamente empregado em um alto cargo público, recebendo um salário condigno. Descobriram este prodígio lá na Nigéria. Não é à toa que o governo daquele país gasta US\$ 175 milhões a cada ano com pensionistas que só existem no papel.

Pior do que este caso foi um outro acontecido na Índia: constatou-se que o prefeito da capital do país pagava salários a 22.853 funcionários públicos que simplesmente não existiam.

Nesta mesma linha alguém descobriu que o governo da África do Sul pagava as aulas de nada menos que 101.000 alunos - todos fantasmas. Nunca existiram!

Na Rússia um governador aconselhou a população a adquirir helicópteros para evitar os irritantes engarrafamentos de trânsito. Já na França o problema era a morte: um decreto municipal proibiu toda a população de morrer, em função da falta de vagas no cemitério local. O decreto acenou com “severas punições” para os transgressores.

Nos EUA o prédio da vetusta, respeitada e eficiente SWAT, orgulho da polícia daquele país, tão bem retratada em filmes e seriados, foi invadido por ladrões. Os amigos do alheio carregaram desde escopetas até metralhadoras, além de uma grande quantidade de munições.

Na Espanha, em Zaragoza, a administração municipal ameaçou de despejo os mortos que estiverem inadimplentes com seus impostos - serão exumados dos cemitérios locais e novamente enterrados, porém em valas comuns. Segundo apurei uns 30 mil defuntos estão nesta situação.

Encerro esta coletânea com uma inesquecível frase de Jorge Coelho, presidente de um partido político português: “só um maluco é que se mete na vida pública”.

É este o ponto que gostaria de abordar: o da insensatez - da loucura mesmo - que devasta a humanidade. Basta dizer que nenhum dos grotescos episódios acima descritos foi objeto de ampla divulgação. Eis aí o fato verdadeiramente preocupante: já vemos como “normais” atos e situações absolutamente anormais - quando muito merecem alguns poucos dias de noticiário localizado, e só.

Problemas existem e sempre existirão - fique isto bem claro. Porém o que temos visto pelo mundo afora alcançou o paroxismo. Vivemos hoje na era da desmoralização do escândalo e da rotina do absurdo - e isto não é, e não pode ser, considerado normal.

O mundo livre



Dia desses fiquei a lembrar do mundo que vi quando criança. Havia a "Cortina de Ferro", ou o "Império do Mal", no qual a repressão do Estado era impiedosa. Em contraste, o "lado de cá" era o "Mundo Livre". Palavras como "privacidade", "direitos humanos" e outras de idêntico valor, sagradas para o "lado de cá", não existiam nos dicionários do "lado de lá".

Recordo-me dos filmes daquela época. As cenas "do lado de lá" eram sempre cinzentas, pálidas, quase sem cor, mostradas sob trilhas sonoras capazes de deprimir o mais renitente dos otimistas. Já as do "lado de cá" destacavam-se pelo colorido intenso, compondo, com músicas sempre alegres, uma mensagem de amor pela liberdade.

Minha infância, assim como o "lado de lá" e o "lado de cá", acabou. Trombeteia-se, sobre os escombros do Muro de Berlim, a vitória do "Mundo Livre".

Enquanto todas essas coisas maravilhosas vão acontecendo um jornalista da BBC, retornando para seu hotel de madrugada, teve a infeliz ideia de atravessar, fora da faixa, uma rua deserta da cidade de Adelaide, na Austrália - acabou submetido por nada menos que quatro

zelosos policiais. Descobri que naquele país quem perturba um casamento pode acabar condenado a dois anos de prisão.

Nos EUA é proibido alimentar mendigos - quem o fizer passará uma temporada em alguma cela. Na França, em Calais, terá igual destino quem doar comida para imigrantes famintos - que sequer de banheiros dispõem, já que a polícia ameaçou carregar voluntários que instalavam alguns.

Na Europa descobriram que as salas utilizadas pelas delegações da União Européia em Bruxelas estavam "grampeadas". No Reino Unido denunciou-se que 25% das informações recolhidas pelo governo sobre a população violam direitos constitucionais básicos. Nos EUA descobriram que uma só agência governamental armazenou nada menos que 151 milhões de registros telefônicos em 2016.

Não nos esqueçamos, finalmente, daquela "cultura de segurança" que empurra-se pela goela abaixo da população, no mais das vezes para mascarar os pecados dos Estados. Foi assim que aquelas "sinistras barreiras policiais" do "lado de lá" se transformaram em "blitz" do "lado de cá", cujos alvos, tanto "lá" como "cá", são quase sempre pacatos cidadãos.

Que estranho! Será que, ao final das contas, o "Mundo Livre" perdeu?

Inútil



Dia desses ouvi uma piada segunda a qual, quando da Criação, nosso país teria sido privilegiado com riquezas imensas e poupado da maioria dos desastres naturais para compensar o “Zé Povinho” que seria colocado aqui.

Menos lembrada, porém de muito maior importância, é uma acusação terrível feita por ninguém menos que Theodore Roosevelt, o 26º presidente dos EUA: “Por detrás do Governo ostensivo acha-se um Governo invisível, que não deve fidelidade nem reconhece qualquer responsabilidade perante o povo. Destruir este Governo invisível, dissolver esta maligna aliança entre negócios corruptos e política corrupta, há que ser a primeira tarefa de Estado. Este país pertence ao povo. Seus recursos, seus negócios, suas leis, suas instituições, deveriam ser utilizadas, mantidas ou alteradas somente da maneira que melhor atendesse o interesse coletivo”.

Que “Governo invisível” é esse, afinal? Será que ele existe só lá nos EUA? Seria ele o responsável por muitas das mazelas inexplicáveis que afligem a humanidade?

Como explicar, por exemplo, a opção rodoviária feita pelo Brasil, um país de dimensões continentais? Por conta de termos negligenciado os transportes marítimo e ferroviário passamos as décadas a morrer aos milhares em rodovias que mais parecem matadouros. Culpa do “Zé Povinho” ou desse tal “Governo invisível”?

Qual a explicação para o fato de dependermos tanto de exportar recursos naturais a preço de banana para importá-los depois a peso de ouro sob a forma de produtos industrializados? Quem ganha com isso? Seria obra do “Zé Povinho” ou do tal “Governo invisível”?

E o brutal processo de desindustrialização e internacionalização a que nossa economia foi submetida no século passado? A entrega de vastos setores - os mais lucrativos, aliás - ao capital estrangeiro? Quem lucra com isso? O “Zé Povinho” ou esse “Governo invisível”?

E os juros? É difícil de entender como chegamos a um ponto no qual os recursos que destinamos no orçamento de 2006 para custear a Previdência Social, a Assistência Social, a Saúde, a Educação, o Trabalho, a Reforma Agrária, a Segurança Pública, o Urbanismo, a Habitação, os Direitos da Cidadania, o Desporto e Lazer, a Cultura e até o Saneamento, somados, deram apenas R\$ 317,9 bilhões - R\$ 7,9 bilhões a menos do que pagamos só de juros naquele ano. Este descalabro histórico seria culpa do “Zé Povinho” ou desse “Governo invisível”?

Os brasileiros pouco falam sobre tudo isso. Vivem como a maioria da humanidade, praticamente em estado de alienação. Seria isso obra do “Zé Povinho” ou desse famoso e sinistro “Governo invisível”?

Perceba que estamos todos a viver em um mundo, em um país, totalmente sem lógica - que somente a existência de um “Governo invisível” pode explicar. Somos, cada um de nós, vítimas dele. Combatê-lo não importa em qual esfera for é nosso dever, sob pena de, em não muito tempo, chegarmos aos portais da eternidade cantarolando o refrão da famosa música do grupo Ultraje a Rigor: “inútil, a gente somos inútil”.

Cargos e homens



Dia desses lia um jornal lá do distante Irã, do qual sou assinante. Trata-se de um país praticamente "demonizado" no Ocidente, alvo de cotidianas acusações de extremismo político e religioso. Um jornal iraniano seria, assim, o último lugar para buscar alguma notícia positiva sobre o Papa - sim, sobre o líder da Igreja Católica.

No entanto lá estava a matéria - longa, por sinal. Ecoava suas falas e preocupações sobre a humanidade, tão permeada por guerras e injustiças. Destacava sua preocupação para com o sofrimento cruelmente imposto a tantos refugiados pelo mundo afora. Realçava seus pronunciamentos em defesa da preservação do meio-ambiente.

O jornal iraniano, quem diria, falava de Jesus - a ser visto, nas palavras do Papa Francisco, na face de cada criança inocente que padece em função das guerras da Síria, do Iraque e do Yemen.

Li e reli bem mais de uma vez a longa matéria. Demoradamente sobre ela meditei - e dela retirei várias reflexões. Uma delas, aquela

relativa ao tratamento dispensado pela imprensa aos ocupantes de cargos e funções públicas.

Vivemos na era do "marketing político", das "assessorias de comunicação" e das "pesquisas de opinião pública" - tudo isso quase sempre custeado com recursos públicos. Se o noticiário é favorável ao homem público, ponto para sua assessoria - e, se desfavorável, parta-se para a desconstrução da imagem do veículo que o publicou.

Em meio a este fenômeno, e talvez por conta dele, agiganta-se a mediocridade do "politicamente correto" e da cultura das "composições a qualquer custo", ao preço da perda da personalidade dos homens públicos.

Pois é: eu não consigo imaginar qual pesquisa de opinião pública realizada no Irã daria ao Papa Francisco respaldo para que suas palavras lá encontrassem eco. Não imagino no mundo uma assessoria de imprensa diligente a ponto de conseguir que fosse publicado em um jornal iraniano uma série de elogios às suas atitudes. No entanto, a desmentir todas as probabilidades, lá estava a matéria, reluzente e cintilante.

Talvez, diante de um povo tão perplexo, sofrido e carente de justiça, devêssemos, enquanto autoridades, à vista deste episódio, prestar menos atenção às assessorias, reclamar menos da imprensa e, principalmente, recordar que um cargo não faz um homem, e sim o inverso.

$$2+2=4$$



Dia desses lia sobre um efeito denominado “Inverno da Fome Holandês” - que me levou a meditar sobre a simplicidade de diversos conceitos esquecidos nos tempos presentes.

Nos idos de 1944 houve um grande surto de fome na Holanda por conta da Segunda Guerra Mundial. Milhares morreram. Logo em seguida, com o fim do conflito, rapidamente o país retornou à normalidade.

Décadas depois médicos de Utrecht e de Amsterdam analisaram os dados de 7.845 mulheres que viveram naquela época de escassez. Constataram, em mães e filhos, um sensível aumento dos índices de doenças cardíacas e obesidade. Realço, para máxima clareza: pessoas que ainda eram feto durante o período da fome apresentaram, quando adultas, claras “cicatrices” na forma de diversas doenças.

Este estudo me conduziu a um outro realizado na Universidade McGill, do Canadá. Após análise dos cérebros de 24 crianças vítimas de suicídio constatou-se que os daquelas submetidas a abusos apresentavam claras deformações a nível genético.

Ainda mais conclusiva foi uma pesquisa realizada na Nova Zelândia ao longo de vinte anos sobre milhares de pessoas. Constatou-se que aquelas submetidas a graves abusos durante a infância eram mais

propensas a ações violentas na idade adulta.

Lembrei-me em seguida de certo jovem norte-americano viciado em um violento videogame cujo objetivo é roubar carros e matar policiais. Em um dado dia, sem o menor motivo, saiu pelas ruas decidido a roubar um carro. Acabou preso. Na Delegacia conseguiu pegar uma arma e matou três policiais. Condenado à morte, declarou que “a vida é como um videogame: em alguma hora você morre”. Enquanto isso diversos estudos concluíram que 80% das crianças norte-americanas se divertem com jogos similares - descobri até um cujo objetivo é estuprar mulheres. Aos resultados: segundo a Escola de Medicina de Nova York essas crianças são onze vezes mais propensas a apresentarem comportamentos agressivos.

Recordei-me de um alerta da Associação Americana de Psicologia no sentido de que antes de completarem o 1º grau as crianças norte-americanas terão visto 8.000 assassinatos e 100.000 atos de violência na TV.

Encerrei minhas divagações relendo um excepcional editorial do jornal “The Japan Times”: “A urbanização e o colapso da convivência familiar privaram as crianças de espaços físicos e sociais onde elas se sentiam queridas e onde podiam desenvolver amizades. E os pais estão tão preocupados com o tempo e perturbados pelo trabalho que já quase não interagem com seus filhos. Muitas crianças que se tornam violentas carregam um profundo sentimento de terem sido negligenciadas ou ignoradas”.

Diante disso tudo pense nas escolas - de ontem e de hoje. Converse com algum professor idoso. Descubra a chocante queda no nível de civilização das salas de aula. Depois olhe para sua rua. Perceba nela uma sociedade a cada dia mais violenta e desigual, angustiada pela falta de, em uma expressão, espiritualidade.

Pois é. Será que temos ignorado a boa e velha matemática?

Pobres ricos



Aconteceu lá nos EUA: a professora Angela Strube foi presa por furtar o dinheiro da merenda de seus alunos. Enquanto isso, com US\$ 2.700 no bolso, um cidadão de nome Robert Mitchell foi preso por furtar de dada loja uma lata de sardinhas que custava US\$ 1,98. A propósito, li que naquele país a cada 90 segundos um carrinho de supermercado é furtado. Aliás, furtos em estabelecimentos comerciais respondem por quase metade dos crimes lá cometidos - representando um prejuízo para a economia estimado em US\$ 30 bilhões a cada ano.

Do outro lado do Oceano Atlântico, na sisuda Alemanha, autoridades policiais divulgaram a ocorrência de 391.000 casos de furtos praticados em lojas ao longo de um único ano, totalizando US\$ 2,4 bilhões em prejuízos. Apurou-se, segundo as autoridades, que este é o perfil médio dos culpados: "crianças, adultos, idosos ou quem você quiser".

No Reino Unido inicio pelo caso de David Davies. Aos 68 anos de idade este senhor teve um ataque cardíaco. Foi carregado às pressas para um hospital. Enquanto as equipes de emergência tentavam ressuscitá-lo seu relógio foi furtado! Vem também daquele país o caso de Harry Hankinson, sentenciado a 16 meses de prisão após ter cometido seu furto de número 521! Sim, foram 521 furtos cometidos em estabelecimentos os mais diversos. Há também o registro de duas

crianças de três anos de idade surpreendidas furtando em lojas - uma prática que, no total, sangra a economia em robustos US\$ 4 bilhões a cada ano.

Na Noruega o padre John Olav Hodne teve sua carteira e celular furtados dentro da igreja de Melhus, enquanto lá realizava uma missa. Algo parecido aconteceu em Portugal, onde uma jovem fiel foi surpreendida apanhando a caixa de doações de uma igreja. Em outro templo, no Japão, a vítima foi uma imagem de Buda. Na Bulgária furtaram um banheiro de uma rodovia - enquanto que na Rússia carregaram toda a pavimentação de outra. Na Turquia uma ponte inteira. Na Jamaica toda uma praia.

Vejam que só citei sociedades educadas e de bom nível econômico - estão fora os "furtos famélicos" praticados em comunidades miseráveis. No entanto os números e exemplos chocam! Como explicá-los, em um mundo no qual é politicamente correto dizer-se que "o crime é fruto da pobreza"? Sim, como explicá-los diante destes pobres ricos?

Deus é justo



Há alguns dias meditava sobre o caso do pai que abusava sexualmente de sua filha de apenas seis anos de idade enquanto com ela assistia a filmes pornográficos. Acabou condenado a 18 anos de reclusão.

Há também o avô que mantinha relações sexuais com suas duas netas, uma de cinco anos de idade e a outra de sete anos. Viu-se condenado a cumprir uma pena de 33 anos de reclusão.

E que dizer do caso do padrasto que abusava da enteada? Quando o descobriram a vítima, com apenas 14 anos de idade, já era mãe de dois filhos. Este drama resultou em uma condenação a 40 anos de reclusão.

Cito em seguida a vítima deficiente estuprada pelo próprio irmão - que foi condenado a amargar 13 anos de reclusão.

Igualmente estuprada foi uma criança de apenas 11 anos de idade - seu próprio pai foi o culpado, após embriagá-la duas vezes. Por conta disso cumpre pena de 13 anos de reclusão.

Um outro pai costumava chegar em casa bêbado e estuprar a filha, de apenas oito anos de idade. Acabou processado e condenado a cumprir uma pena de 9 anos de reclusão.

Não nos esqueçamos do padrasto que abusava sexualmente de suas duas enteadas - de 8 e 12 anos de idade - enquanto assistia a filmes pornográficos. Isto resultou em uma pena de 31 anos de reclusão.

Digno de menção, igualmente, o pai que abusou sexualmente de suas duas filhas, de 10 e 12 anos de idade. Foi condenado a 12 anos de reclusão.

Nem os meninos escapam: um, de apenas oito anos de idade, foi abusado sexualmente por um vizinho - que viu-se condenado a oito anos de reclusão.

Não menos abjeto foi o caso do tio que estuprou sua sobrinha de 11 anos de idade, quase que diariamente, ao longo de dois anos, engravidando-a. Recebeu uma condenação de 22 anos de reclusão.

Crime similar foi cometido pelo pai de outra menina, igualmente de 11 anos de idade. A condenação alcançou 15 anos de reclusão.

Recordemos, também, o episódio de abuso sexual praticado por um cidadão contra uma amiguinha de sua neta - que contava apenas nove anos de idade. O resultado foi uma pena de nove anos de reclusão.

Encerro com o caso do pai que começou a abusar sexualmente de sua filha quando esta contava apenas três anos de idade! Acabou condenado a cumprir 15 anos de reclusão.

Sabe o que há de chocante em todos estes casos? Compuseram a “rotina” de um único Juiz de Direito, em um único Juizado, durante apenas sete meses!

Fico a recordar trechos da famosa oração do pai de Bob Russell: “Ó

Senhor, sabemos o que diz Sua palavra, “maldição aos que chamam o mal de bem”, mas é exatamente o que temos feito. Nós temos perdido o equilíbrio espiritual e invertido nossos valores. Nós temos cometido adultério e chamado a isto um caso. Nós temos aprovado a perversão e chamado a isto estilo de vida alternativo. Nós temos poluído o ar com profanações e pornografia, e chamamos a isto liberdade de expressão”.

Pois é. Que cada uma dessas crianças nos perdoe - afinal, nas palavras de Thomas Jefferson, “eu temo pela minha espécie quando penso que Deus é justo”.

Bruxas de hoje



Você sabia que na Europa, entre 1550 e 1700, 80.000 pessoas foram levadas a julgamento acusadas de bruxaria? Para a metade delas o destino seria a morte, quase sempre na fogueira. Subitamente todo este fanatismo absurdo sumiu! Tão rapidamente como chegou, desapareceu da "ordem do dia". Por que será?

A pergunta fica ainda mais intrigante diante do fato de que até cerca de 1400 a Igreja Católica simplesmente dizia que bruxas não existiam! É digno de menção, a propósito, um decreto do Papa Alexandre IV, datado de 1258, proibindo execuções em função de "bruxaria".

Esta estranha anomalia, que passou despercebida aos olhos de larga parcela da humanidade, aguçou a curiosidade de dois pesquisadores norte-americanos, Peter Leeson e Jacob Russ. Ambos observaram, inicialmente, um detalhe: o início da "caça às bruxas" coincidiu com o da denominada Reforma Protestante.

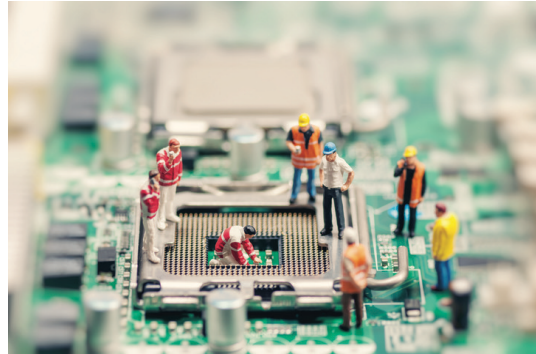
Havia, pois, que se criar um "inimigo", um "perigo social" que induzisse na população um sentimento de pânico, desestimulando adesões a quaisquer novas ideias ou doutrinas. Não por acaso, citam os pesquisadores, a Alemanha, berço da Reforma Protestante, foi palco de 40% de todos os julgamentos por bruxaria. A radical Escócia, e só ela, julgou nada menos que 3.563 pessoas por tal motivo. Enquanto

isso, por conta de suas posições firmemente tradicionalistas, a Espanha, Itália, Portugal e Irlanda, somados, contribuíram com apenas 6% do total!

Logo depois, apontam os pesquisadores, toda uma série de tratados de paz colocou um fim a um ciclo de guerras, muitas das quais tinham como pano de fundo precisamente certas questões religiosas - e eis que então, como que por mágica, a "caça às bruxas" foi varrida para debaixo do tapete da história. Ficou apenas a lembrança, cada vez mais tênue, dos tantos anônimos que enfrentaram a morte na fogueira, elevada à condição de monumento em honra da crueldade humana.

Alguns séculos se passaram. Chegamos ao início de um novo milênio. É quando convido-o a ir à janela e contemplar o mundo dos nossos dias - e a imensa quantidade de "bruxas" que nele tem sido criadas de forma a satisfazer interesses os mais abjetos. Medite sobre os direitos civis e sociais duramente conquistados que temos perdido por conta delas - afinal, há que se sacrificar alguns por certas causas.

Não evoluímos



Imagine um veículo sendo conduzido em excesso de velocidade. Em seguida pense em um sistema que registre esta infração através de câmeras. Na sequência entra um programa de computador que identifica o proprietário daquele veículo, emite um auto de infração e o despacha pelos correios - tudo automaticamente. Seria este cenário futurista demais? Não. Funciona há anos na Holanda.

Atualmente, nos EUA e Reino Unido, já estão em uso outros programas de computador dedicados a prevenir crimes. Um deles, por exemplo, é capaz de indicar se alguém está tentando furtar um carro em um estacionamento. Outro identifica condutas suspeitas e eventuais furtos em locais públicos. Em todos estes casos os suspeitos são detidos automaticamente por policiais próximos.

O uso de programas de computador para julgar o conteúdo das cenas capturadas pelas câmeras de vigilância tem sido justificado através de argumentos econômicos. Sustenta-se, por exemplo, que um ser humano consegue monitorar no máximo cinco telas de vídeo simultaneamente ao longo de 30 minutos antes de distrair-se e começar a falhar - evidentemente programas de computador não tem essas falhas.

E é assim, de computador em computador, que chegamos a um admirável mundo novo. Mas arrisco uma pergunta: estamos preparados para ele? Minha resposta - que me perdoem os entusiastas pela

tecnologia, dentre os quais me incluo - é "não".

Começo a justificar minha opinião citando o caso de John Gass. Trata-se de um motorista profissional residente em Massachusetts (EUA). Ele trabalhava em paz até o dia em que um programa de computador interpretou equivocadamente alguns dados e simplesmente suspendeu sua habilitação para conduzir veículos.

Este erro levou umas duas semanas para ser corrigido pelos humanos. Parece incrível, mas até uma audiência em um juizado foi necessária. Meditemos, por um instante, sobre o impacto deste erro na vida pessoal e profissional daquele cidadão. Que tal nos colocarmos, por alguns momentos, no lugar dele?

Cito outro caso, o de uma norte-americana de 21 anos, branca, moradora de Vanderburg. Ela estava em sua casa, em paz, quando por lá chegou a polícia e carregou-a sumariamente para a cadeia. Apurou-se depois que o mandado de prisão era dirigido a um homem negro. Enquanto não descobriram o erro, causado por um programa de computador, ela sofreu vergonhas daquelas que marcam uma vida. Uma vez mais, coloque-se no lugar desta pobre moça por alguns instantes.

Não quero, com estes exemplos, repudiar o uso da tecnologia. Absolutamente. Apenas desejo realçar que nossas máquinas evoluem mais rapidamente que nossos primitivos corações.

A verdade é que mudou-se a tecnologia mas o descaso e a despreocupação para com a dignidade alheia seguem firmes. Mudaram as máquinas mas não os homens! A patuleia gemia ao som dos carimbos? Que passe a gemer sob o silêncio estéril dos processadores! Era torturada pelas montanhas de papel? Que o seja, agora, pelas telas de computador - deve ser mais moderno!

Notícias falsas



Dia desses meditava sobre as “notícias falsas” - já registradas como “fake news” na terra em que liquidação virou “sale”, centro comercial virou “shopping”, pausa para um café virou “coffee break”, e por tal trilha seguimos.

Trata-se de questão que tem ganhado a atenção de todo o planeta. Já começam a surgir, aqui e ali, leis reprimindo o ato de divulgar, pela Internet, notícias falsas. Até aí nada de novo sob o sol! Só me preocupa o fato de que será o Estado - sempre ele, e só ele - a policiar e regular a questão. E assim porque o Estado sempre foi um péssimo gestor destes assuntos!

Que o diga o povo inglês: em 1672, no Reino Unido, o Rei Carlos II editou um decreto proibindo a veiculação de notícias falsas. Três anos depois, novo decreto lançou na ilegalidade os populares “cafés”, por considerá-los lugares de propagação de fuxicos e inverdades. Somente alguns poucos estabelecimentos foram autorizados a funcionar, após seus proprietários terem comprovado serem súditos leais, e bem assim se comprometido a reportar quem, dentre seus eventuais clientes, neles se manifestasse de forma “inadequada”.

Passados mais de 340 anos, contemplo o meu planeta. Vejo seus jornais, a cada dia mais dependentes do Estado e das estruturas que o governam, publicando - ou não publicando, e já não sei o que é pior - praticamente as mesmas notícias e opiniões.

Há poucos anos lançou-se a humanidade em um ciclo de perturbações ainda sem data para terminar por conta das famosas “armas de destruição em massa do Iraque”. Cadê elas? Sequer uma foi encontrada. Eis aí, seguramente, uma das maiores notícias falsas de todos os tempos, seja por seu conteúdo, pela divulgação alcançada ou por suas consequências - não por acaso, foi patrocinada pelo Estado! E ninguém, absolutamente ninguém, foi responsabilizado por ela.

Tenho o hábito de ler jornais de lugares remotos do planeta. Escandalizado, leio reportagens sobre vacinas ocidentais testadas em crianças de países miseráveis da Ásia e África, com consequências terríveis para elas. Pois é: do “lado de cá”, sequer uma linha! Poderia, a propósito, escrever um livro sobre atrocidades surpreendentemente nunca divulgadas de forma maciça.

É diante desta realidade que pergunto: ao fim do cabo, o Estado solucionará ou aumentará o problema?

A ditadura



Você sabia que 40% das mulheres que vivem nos países em desenvolvimento dão à luz sem ajuda médica ou condições de higiene adequadas? Não por acaso a cada minuto uma mulher morre no mundo por conta de complicações relacionadas à gravidez e ao parto.

Pense agora que tais números são relativos ao século XXI - através deles calcule os níveis de mortalidade do século XIX.

Naqueles dias sombrios, quando as maternidades mais pareciam matadouros de mulheres, viveu Ignaz Semmelweis. Ele era um dos obstetras do Hospital Geral de Viena.

Naqueles dias Louis Pasteur ainda não havia descoberto que muitas doenças se desenvolviam graças à ação de germes - vale dizer, poderiam ser evitadas simplesmente com higiene.

Eis que o observador Ignaz Semmelweis reparou que as pacientes

de médicos que lavavam as mãos antes de tocá-las apresentavam taxas de sobrevivência maiores. Ele resolveu, então, fazer uma pesquisa a respeito - para concluir que uma medida de higiene tão simples reduzia o índice de mortalidade de mulheres em nada menos que 90%!

Entusiasmado com sua descoberta, decidiu torná-la pública. Foi o início do fim de sua carreira e até de sua vida! A esmagadora maioria dos médicos da época ficou ofendida pois eram todos cavalheiros - e como tal, nas palavras do obstetra Charles Meigs, “tinham sempre as mãos limpas”.

Discriminado e humilhado, Ignaz Semmelweis acabou deprimido e internado em um asilo de lunáticos - no qual morreria apenas 14 dias depois, aos 47 anos de idade, vítima das surras que levou dos guardas.

O resto da história nós já conhecemos: hoje o simples ato de lavar as mãos já é rotina em qualquer hospital.

Que tal meditarmos sobre este episódio? Falamos de uma cidade que irradiava luz para todo o planeta. Tratamos de pessoas esclarecidas e cultas - “cavalheiros”, afinal. Tudo gravitava em torno de números e certeza matemática. E ainda assim o pobre Ignaz acabou preso e morto por ter simplesmente expressado algo que ia contra as convicções da época. Agora tente imaginar o quanto perdeu a humanidade com a morte prematura deste grande profissional.

A saga de Ignaz não acabou. Ela continua. Está presente em cada semelhante nosso discriminado e amordaçado por conta da ditadura terrível do “politicamente correto”, um código de conduta que nos vem imposto sabe-se lá de onde ou a partir de quais interesses.

Em cada voz silenciada, em cada órgão de imprensa censurado e em cada autoridade amordaçada lá está a sanha de tal ditadura, intimidando através da falsa legitimidade das supostas majorias de ocasião.

Olhe em volta. Perceba que de uns tempos para cá todos parecem ter a mesma opinião sobre tudo - e pobre de quem ousar ser “diferente”. Vivemos em uma era de censura e alienação que não nos deixa lá tão distantes do Hospital Geral de Viena.

Encerro estas linhas recordando, em homenagem a Ignaz Phillip Semmelweis, a sábia exclamação de Voltaire: “não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte vosso direito de dizê-las”.

Coisa de doido



Dia desses li que o Brasil importa óleo diesel dos EUA. Eis aí uma coisa difícil de entender, dado sermos um dos maiores produtores de petróleo do planeta - algo, aliás, fartamente trombeteado através dos instrumentos de propaganda oficial. Há ainda o etanol, que também importamos daquele país. É complicado compreender como um povo que há poucos anos detinha a liderança absoluta - e pioneira - na produção de álcool combustível tenha chegado a este ponto.

Somos, também, grandes importadores de chocolate da Alemanha. Tenho, igualmente, dificuldades de entender um quadro desses, na medida em que naquele país, até onde sei, não existe uma única plantação de cacau!

Nós importamos, ainda, robustas quantidades de café da Suíça. Uma vez mais acho complicado entender o que se passa, pois, segundo apurei, eles não tem sequer um cafezal em todo o país.

Descobri, não faz muito tempo, que o Brasil desde 1996 não produz trilhos de trem - importa-os, por exemplo, da França e da China. Devo ser mesmo uma pessoa de mente muito primária, pois não consigo entender como um país de dimensões continentais praticamente não tem ferrovias, e bem assim por qual motivo um dos maiores produtores

de minério de ferro do planeta importa trilhos!

Nosso país tem andado a importar energia elétrica da Argentina e do Uruguai. Pessoa de pouco bestunção que sou, ainda não alcancei os motivos que levaram aquele Brasil que criticava Itaipu como “obra faraônica” a este estado de penúria energética.

Tomei conhecimento, há algum tempo, que importamos um terço do pescado que consumimos. Devo ser mesmo uma pessoa de mente muito tosca, pois sequer imagino as razões que levam um país que conta com 8.500 km de litoral, além de ter o maior rio do planeta em volume de água, a importar tanto peixe!

Temos importado, quem diria, o bom e velho feijão! Ouvei falar que ele viria da Argentina, do Paraguai, da Bolívia, e talvez até do México e da China. É algo complexo demais para minha parca inteligência entender por quais razões importamos tanto feijão na terra em que, conforme Pero Vaz de Caminha, “em se plantando tudo dá”.

Eu teria muito mais a escrever, mas vejo-me forçado a encerrar agora este texto. Acabaram de me informar que um rabo está abanando um cachorro ali na rua, e tenho que ir lá ver isso!

Os catatônicos



Um zumbi é um ser humano dado como morto que, após sepultado, foi desenterrado e reanimado por meios desconhecidos. Devido à falta de oxigênio na tumba os zumbis padeceriam de morte cerebral, permanecendo em estado catatônico.

O norte-americano Donald Miller Jr. é um zumbi. Nos idos de 1986 ele simplesmente desapareceu. Sua esposa requereu, então, a declaração formal de sua morte, a fim de que pudesse começar a receber do governo um auxílio financeiro que permitisse o sustento das duas filhas do casal.

Foi assim que em 1994 Donald Miller Jr. foi declarado legalmente morto. Mas eis que, para surpresa geral, o dito cujo reapareceu em 2005. Apurou-se que ele permanecera durante todos aqueles anos vagando sem rumo pelo país afora.

Na qualidade de morto Donald não poderia ter carteira de identidade, seguro social ou permissão para dirigir veículos, claro. E assim ei-lo às portas dos tribunais requerendo uma decisão judicial que o declarasse vivo, a fim de que pudesse obter os documentos necessários a uma vida normal.

Eis que sua esposa defendeu, em juízo, que Donald deveria continuar mesmo morto - conforme declarou ao juiz, ela teria medo de ter que devolver todo o auxílio financeiro recebido do governo durante

tantos anos por conta da suposta morte.

Seguiu-se a este ato insólito um outro pior ainda: o juiz escreveu, em sua sentença, que as leis estaduais simplesmente não previam a possibilidade de ressurreição de um ser humano. Assim, concluiu por declarar que “o Poder Legislativo estaria obrigado, diante do caso deste morto-vivo, a mudar as leis”.

E assim lá está, vagando sem destino pelas ruas norte-americanas, Donald Miller Jr., o primeiro zumbi legalmente reconhecido da história!

Que tal meditarmos sobre este episódio? Nele estão presentes advogados destacados, um juiz experiente, um sistema legal que se anuncia como sendo o mais moderno do mundo e uma sociedade notoriamente avançada cientificamente. No entanto lá está o zumbi a zombar de tudo isso!

Escutemos os doutos, exclamando com pomposa verbosidade que “o que não está no mundo das leis não está no mundo real”, tornando possível a constatação absurda de que o mundo real simplesmente não está contemplado pelo mundo das leis - e gargalha disso tudo Donald, o zumbi, criação maior de nossa ciência.

Já se falou que quando o mundo das leis ignora a realidade esta se vinga ignorando-o. E eis o zumbi, criado ao arrepio das mais básicas regras da natureza, afrontando com seu permanente estado catatônico a inteligência viva de tantos doutores!

Algum dia, diante do absurdo da situação, os legisladores aparecerão com alguma lei nova que torne possível declarar-se vivo quem vivo esteja - e na sessão que aprová-la lá estará, entre os sábios doutores, a figura gargalhante do zumbi, a gritar a mediocridade dos homens.

Que tal olharmos, com olhos de ver, o mundo que nos cerca, tão rico em formalismos, rituais, leis e burocracia? Há alguém catatônico nele - mas seguramente não é Donald, o zumbi.

O problema



Aos 14 de maio de 2009 li, em dado jornal de grande circulação, a seguinte notícia: “As isenções fiscais concedidas pelo governo produziram uma perda de pelo menos R\$ 50 bilhões”.

No dia 19 de dezembro de 2014, nova notícia referente ao mesmo tema: “São 169 artigos tratando de 55 temas diferentes, inclusive a renúncia fiscal que dispensará duas montadoras de pagar R\$ 10 bilhões em impostos até 2019, segundo estimam técnicos do governo”.

10 de abril de 2015: “Governo ‘perde’ mais de R\$ 150 bilhões com regimes especiais de tributação. Foram identificados 49 diferentes regimes especiais de tributação. A maior parte deles é para máquinas e equipamentos utilizados pelo setor de óleo e gás. Somados os benefícios, o governo abriu mão de arrecadar entre 2011 e 2015 mais que o dobro do que faturam todas as empresas filiadas à Abimaq”.

Poucos dias depois, aos 12 de junho de 2015: “Os benefícios fiscais concedidos de 2011 até 2015 passaram de R\$ 209 bilhões para R\$ 408 bilhões. É o que mostra o levantamento “Benefícios Fiscais, tão requisitados e tão desconhecidos”, elaborado por pesquisadores do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas. Para 2016, a expectativa é que os incentivos cheguem a R\$ 419 bilhões”.

30 de novembro de 2017. Noticiou-se que uma nova leva de benefícios fiscais fará “União, Estados e municípios perderem R\$ 9,3

bilhões em arrecadação de tributos em 2018”.

Chegamos ao dia 5 de dezembro de 2017, quando noticiou-se a aprovação de “uma medida provisória que incentiva grandes empresas petrolíferas que atuam no Brasil, resultando em isenções que podem atingir a marca de R\$ 1 trilhão. As petrolíferas ainda poderão parcelar débitos de 2012 a 2014 com os cofres públicos”.

Diante de todas estas notícias decidi voltar quase meio século no tempo. Mais precisamente para maio de 1968, quando meu saudoso pai, abordando este angustiante tema na tribuna da Câmara dos Deputados, demonstrando preocupação com o futuro da economia do Brasil, proferiu as seguintes palavras: “se o objetivo do incentivo fiscal é ajudar as áreas-problema do País, então que se defina o que é uma área-problema”!

Olho pela janela. Contemplo o Brasil que temos construído. Penso nos benefícios fiscais e nos beneficiados. E fico a pensar: onde, afinal, está o problema?

A vida e a arte



Dizem ser politicamente incorreto avaliar limites para a liberdade de expressão. Porém, inimigo inflexível que sou da "ditadura do politicamente correto", segue meu singelo texto.

Começo por um relatório da Sociedade Internacional de Pesquisa sobre Agressividade, no qual lê-se que "as evidências indicam que a violência exposta na mídia pode atuar como um gatilho para pensamentos agressivos ou sentimentos já existentes".

Encontrei um outro estudo da Academia Norte-Americana de Pediatria, denominado "Tendências à Violência com Armas de Fogo em Filmes". Separei uma frase: "Pesquisas prévias demonstraram que a mera presença de armas eleva os níveis de agressividade, compondo o "efeito das armas": a violência nos filmes tem aumentado ao longo do tempo e isto aumenta o número de agressões".

Segue então uma constatação assustadora: "Os resultados mostram que a violência nos filmes mais do que dobrou desde 1950 e o número de atos violentos praticados com armas de fogo mais do que triplicou desde 1985". E: "desde 2009, programas destinados a um público com idade inferior a 13 anos apresentam tanta ou maior violência que aqueles anteriormente destinados a maiores de 17 anos".

Li que "mais de 50 outros estudos constataram a existência do "efeito das armas", tanto dentro como fora de laboratórios, sobre pessoas

calmas e agressivas. Armas podem induzir agressividade mesmo quando as pessoas não as veem. Em um dos estudos, por exemplo, pessoas que foram expostas a palavras simplesmente descrevendo armas (revólver, por exemplo) por apenas 0,17 segundo mostraram maior agressividade posterior que aquelas expostas a termos neutros (água, por exemplo). Estas descobertas sugerem que há uma forte ligação entre armas e agressão na memória das pessoas".

Encontrei então uma séria nota pública de seis importantes organizações norte-americanas: "A conclusão da comunidade responsável pela saúde pública, baseada em 30 anos de pesquisas, é que assistir a filmes violentos pode induzir atitudes, valores e comportamento mais agressivos, especialmente em crianças".

Qual seria a extensão de tal indução? Com a palavra a Escola de Medicina de Nova York: "crianças que assistem a cenas de violência e jogam videogames violentos são 11 vezes mais propensas a apresentarem comportamentos agressivos".

Descobri um alerta da Associação Americana de Psicologia no sentido de que antes de completarem o 1º grau as crianças norte-americanas já viram 8.000 assassinatos e 100.000 atos de violência na TV.

Enquanto isso Devin Moore, um americano comum, viciou-se em um violento videogame no qual o objetivo é roubar carros e matar policiais. Eis que um dia, sem o menor motivo, saiu pela rua decidido a roubar um carro. Acabou preso. Ao chegar na Delegacia pegou uma arma e matou três policiais. Este jovem de apenas 22 anos, ao ser condenado à morte, declarou algo chocante: "a vida é como um videogame: uma hora você morre".

Pois é: concluí que agredir e matar deve ser politicamente correto!

O que aconteceu



Dia desses fiquei a meditar longamente acerca do que minha geração, quando ainda em seu alvorecer, viu e ouviu sobre o nosso país.

Comecei lembrando a inauguração da hidrelétrica de Itaipu. Não poucas vezes ouvi, naqueles dias, pronunciamentos inflamados no sentido de que tratava-se de um “elefante branco”, uma “obra faraônica”. Em sala de aula um meu professor nos ensinou tratar-se de um absurdo, pois ele tinha em mãos cálculos sérios garantindo que o Brasil não teria problemas com energia para os próximos dois séculos. Vendo, hoje, o meu país importando energia elétrica do Uruguai e da Argentina, e bem assim sofrendo “apagões” constantes, fico a me perguntar: o que aconteceu?

Fomos testemunhas da aurora do álcool combustível - e bem assim da inumerável quantidade de críticas a ele dirigidas. Diante de um projeto pioneiro a nível mundial foi o próprio povo brasileiro, instigado por alguns, a desacreditá-lo. Contemplando, hoje, o meu país

importando etanol dos EUA, fico a me perguntar: o que aconteceu?

Recordo-me, enquanto fascinado pela tecnologia, das tantas iniciativas buscando o desenvolvimento de computadores genuinamente nacionais - e bem assim daqueles que as sabotaram, sob o argumento de que era melhor importá-los a preços módicos. Mirando o meu país, em pleno século XXI ainda um mero “montador” de prosaicas calculadoras de bolso, incapaz de fabricar um único “chip” que seja, fico a me perguntar: o que aconteceu?

Guardo na memória os tantos empreendimentos que buscavam o desenvolver de uma indústria automobilística genuinamente nacional - todos eles desmoralizados pelos censores de plantão até que fracassassem. Assistindo ao desfile de veículos e caminhões importados ou produzidos por empresas transnacionais percebo que um país de dimensões continentais optou por construir rodovias e não desenvolver sua indústria automobilística! E fico a me perguntar: o que aconteceu?

Envelheci. E vi os Salvadores da Pátria a trombetearem que o Pré-Sal seria comercialmente inviável ainda durante décadas - havia, pois, que se entregá-lo a estrangeiros. Vendo que tão logo entregue passou a produzir petróleo como nunca, fico a me perguntar: o que aconteceu?

Contemplo, com a alma em lágrimas, a bandeira do meu pobre país. E fico a exclamar: o que aconteceu?

A estabilidade



A Região Metropolitana de Vitória tem 2.318 km², habitados por cerca de 1,9 milhão de habitantes. Faça agora um exercício mental: reduza esta área para 716 km², porém aumentando a população para uns 5,5 milhões.

Em seguida imagine esta pequena área como um país independente. Creio já ser possível perceber o tamanho do problema: não haveria riquezas naturais ou sequer espaço para plantio de alimentos. Do que viveríamos? Como atrair investimentos? Como gerar riquezas? Seria de se esperar, pelos nossos parâmetros normais, um cenário de pobreza e tumulto sobre um solo tão pequeno em tamanho.

Pense, então, que em relativamente pouco tempo este lugar transformou-se em um dos maiores centros financeiros e comerciais do planeta. Ostenta uma das maiores concentrações de milionários e bilionários do mundo. Abriga um dos maiores portos existentes. Seus índices de criminalidade estão entre os mais baixos da humanidade. Seu aeroporto é, disparado, um dos maiores e mais luxuosos que existem.

Surpreendentemente, uma terra tão miserável não tem miséria - seu povo mora bem, desfruta de ruas impecáveis, serviços médicos de qualidade e um dos maiores padrões de segurança conhecidos. Leva uma vida digna, enfim.

Transporte esta qualidade de vida para o seu cotidiano de viver desviando de buracos em ruas depredadas, escondendo seus pertences de ladrões e andando sempre sobressaltado ao menor ruído ou presença suspeita - passe a sentir, intensamente, a dor que traz a miséria sobre um solo tão rico.

O passo seguinte será buscar a receita que transformou uma realidade sombria em alvorada majestosa, para aplicá-la aqui. A primeira palavra que nos vem à mente seria “educação”. No entanto, não foi ela a responsável - simplesmente não haveria tempo para formar-se toda uma geração antes que graves convulsões sociais ocorressem.

A solução, na verdade, foi bem mais simples. Responde pelo nome de “estabilidade jurídica”. Só isso. As instituições funcionam, quem comete crimes é punido, contratos são cumpridos e regras são estáveis. O resto vem a reboque - lá está Cingapura a prová-lo.

Quem não quiser utilizar o exemplo de Cingapura que use o do Japão, o da Coreia do Sul, o da Suíça etc. - todos eles países essencialmente pobres mas que venceram principalmente graças à estabilidade jurídica que proporcionam.

Reflita agora sobre nossa terra tão rica. A fragilidade do mundo das leis espanta a maioria dos investidores. Aos resultados: redução de investimentos, infraestrutura deficiente e uma sociedade desigual e conflituosa - lá estão Brasil e África como um todo a prová-lo.

Por favor, não coloque a culpa no povo mais humilde. Não foi este a conceber e não é este a manter o cinismo estimulado pela ineficiência do nosso sistema legal. A culpa é nossa, enquanto elite - que sabe o que há por ser feito e conhece os culpados, mas tantas vezes se omite por medo ou acomodação.

Enquanto isso a cada dia mergulhamos mais fundo no barbarismo. Sinceramente, não precisava ser assim!

Hora de pensar



Dia desses meditava sobre o absurdo número de homicídios cometidos na América Latina. Nos últimos 16 anos foram assassinadas, aqui, 2,5 milhões de pessoas! Representamos apenas 8% da população do planeta mas respondemos por 33% dos assassinatos nele cometidos.

A mortandade, bem superior à da maioria das guerras que flagelam a humanidade, é de conhecimento público. Passemos, assim, das estatísticas à busca por uma solução - sejamos pragmáticos.

Dizem alguns que leis mais rigorosas resolveriam o problema. Será? Nosso país já sofre com uma vergonhosa falta de condições físicas no sistema penitenciário. Sou testemunha, após mais de duas décadas no Tribunal de Justiça, dos costumeiros apelos dos governantes de plantão para que se “prenda menos”, dada a crise nas prisões.

Defendem outros a eliminação física dos criminosos, dentro daquela máxima segundo a qual “bandido bom é bandido morto”. Simples assim. Mas... isto já acontece! Somos destaque mundial em linchamentos e execuções sumárias! E o problema só tem se agravado.

Pelos mesmos motivos a tão propalada “pena de morte” também não resolveria a questão - ora, se já a aplicamos intensa e extensamente à margem da lei, não vejo como a execução de alguns poucos nos termos desta teria o condão de mudar este quadro.

Há, ainda, as soluções mais “pirotécnicas” do que “técnicas”, consistentes em “blitz” que, quase sempre posicionadas nos lugares mais ricos das cidades, buscam apenas proporcionar uma tal “sensação de segurança”, às custas de constranger pacatos chefes de família que pelo local passem.

Creio ser chegado, assim, o momento de deixarmos de lado os “achismos” e partirmos para a ciência. Qual o horário prevalente destes homicídios? O dia da semana? Onde eles estão acontecendo? Qual o motivo mais comum? Quão influente é o consumo de drogas ou de álcool? Qual o tamanho da impunidade? Quais suas causas objetivas? Qual a capacidade real dos sistemas preventivo e repressivo?

A partir daí as soluções aparecerão. As falhas do sistema legal, claramente identificadas, possibilitarão o fácil ajuste deste à realidade. O uso da força poderá ser corretamente direcionado. A prevenção passará a ser possível. Perceberemos então que, por serem compatíveis com a lógica, todas as medidas serão tão simples como efetivas!

Um crime



E lá veio, em algum lugar perdido do planeta, outra inundação. Os “suspeitos de sempre” são imediatamente chamados às falas. Do aquecimento global a São Pedro, do desmatamento à poluição, são todos submetidos a um brutal linchamento moral. Estranhamente não se fala da Administração Pública, tantas vezes omissa na tarefa de prevenir novas enchentes - afinal, é mais fácil acusar quem não pode se defender.

As águas tudo levaram. Do patrimônio duramente conquistado aos animais de estimação, da dignidade à própria vida, tudo desapareceu enxurrada abaixo, no meio da lama fosca.

Surge, em cenário tão cinzento, um raio de luz: a compaixão da população, materializada em doações de medicamentos, vestes, equipamentos domésticos etc. Não raramente, porém, logo retorna uma lúgubre penumbra a esconder os desvios de donativos - ora distribuídos aos amigos, ora guardados para uso em tempos mais convenientes, ora simplesmente afanados.

Por falar em desvios não é incomum surgirem denúncias de que as verbas públicas destinadas ao socorro daqueles que tudo perderam estão também indo “enxurrada abaixo”, na torrente das facilidades legais instituídas - justamente, registro - para momentos que tais.

Instalam-se na comunidade atingida a fome e a sede - saciadas pela ajuda de voluntários quando acontece de a eventual inoperância da Administração Pública não atrapalhar. Não são exceção denúncias de que toneladas de alimentos se perdem por conta disso - acabam no lixo.

Chega, então, o momento da remoção dos escombros e da limpeza das casas que não desabaram. Note que o tom fosco da lama que encobre as vestes dos amigos e familiares das vítimas contrasta com o brilho impecável dos coletes vermelhos envergados por alguns administradores ao longo de entrevistas mil - um traje quase que obrigatório nas aparições públicas em tempos assim.

Pode acontecer de surgir alguma ajuda oficial. Muitas vezes, porém, chega acompanhada de sérias denúncias no sentido de que o valor do auxílio é inferior ao da verba de publicidade gasta para divulgá-lo com tons de piedade.

Passado algum tempo tudo começa a retornar ao ramerrão habitual. Os mortos vão sendo sepultados, os imóveis reparados e os prejuízos contabilizados. Entre um culto religioso e outro lança-se o olhar ao céu em busca de bênçãos, porém quase nunca às medidas que a Administração Pública deveria ter adotado a tempo de prevenir tanta dor e sofrimento.

Alguns meses depois, quando já normalizada - eu disse “normalizada”? - a situação poucos percebem que as obras de contenção, limpeza pública, desassoreamento, dragagem e similares, que evitariam enchentes outras, simplesmente não estão sendo realizadas. Dizem alguns que assim é por não serem daquelas que realçam uma administração. Não, não pode ser! Não podemos ser assim tão pequenos!

Diante de um quadro tão medonho alguns meios de comunicação ingenuamente noticiam episódios que tais como uma “tragédia”. Humildemente, discordo. O que houve, em verdade, foi um crime. Inominável crime.

Dever de casa



Dia desses li que em 2016 as microempresas - e só elas - empregaram no Reino Unido nada menos que 4,1 milhões de pessoas, movimentando impressionantes US\$ 732 bilhões. São números absolutamente vistosos, que comprovam a importância deste ramo da economia. E tão mais sério este quadro quando, de acordo com um estudo realizado pela Enterprise Research Centre, estes números poderiam ser maiores! Para ser exato, poderiam ser US\$ 22 bilhões maiores.

Qual a receita? Segundo os pesquisadores bastaria a adoção de algumas ferramentas tecnológicas básicas, todas elas relacionadas à área digital e já disponíveis em praticamente todos os lugares - Brasil incluído.

Descobriu-se, por exemplo, que o uso de plataformas “em nuvem”, que permitam o acesso de dados em qualquer local e horário, corresponde a um aumento nas vendas de produtos e serviços da ordem de 13,5% por empregado. Outra constatação: se uma microempresa utiliza programas de gerenciamento da relação com os clientes suas vendas são, via de regra, 18,4% maiores.

Este estudo reflete, antes de tudo, a lógica: imagine, por exemplo, o ganho de horizontes que uma empresa auferir ao exportar e vender seus produtos pela Internet! Paradoxalmente, no entanto, 25% das

microempresas do Reino Unido simplesmente não fazem uso destas tecnologias.

Anunciou-se, em consequência deste estudo, um plano governamental cujo objetivo é precisamente estimular o uso adequado, por parte das microempresas, da excelente infraestrutura digital oferecida por aquele país.

Enquanto isso, aqui no Brasil, leio nos jornais que “a falta de luz e água afeta 18% das microempresas”. No mesmo sentido: “Os pequenos negócios, responsáveis por 27% do PIB brasileiro, estão com dificuldades para conseguir empréstimos no BNDES”. Ainda: “A informalidade laboral afeta 60% das microempresas da América Latina” - Brasil incluído. E as ferramentas tecnológicas? Lá vai: “42,5% dos mais de 200 milhões de brasileiros ainda não estão incluídos no mundo digital”. Não nos esqueçamos, finalmente, das absurdas cargas burocrática e tributária.

É quando, com o espírito angustiado, contemplando um dos povos mais criativos e empreendedores do planeta, fico a pensar que se a Microsoft e a Apple fossem brasileiras ainda estariam nas garagens que lhes serviram de berço.

E aqui?



No já distante ano de 2003, aos 12 dias de março, Chris Huhne acionou o motor de seu potente BMW e entrou na rodovia M11, no Reino Unido.

Já era tarde, a estrada estava vazia e assim este intrépido motorista decidiu trafegar em velocidade superior à permitida - dirigiu a 32 km/h acima do limite.

Eis que ele foi surpreendido por uma câmera de vigilância. Seguiu-se a emissão de uma autuação por excesso de velocidade.

Chris Huhne, político de projeção, não desejando ter sua imagem pública manchada por conta de infrações de trânsito, buscou alguém para assumir a culpa - e foi assim que entrou neste enredo sua esposa Vicky Pryce, “eleita” para declarar-se culpada por aquela infração.

O problema é que descobriram a manobra, quando então começou um processo criminal contra ambos. Enquanto isso o tempo passava e a carreira política de Chris Huhne acelerava: ei-lo eleito membro do Parlamento e nomeado Ministro de Estado.

Exatos dez anos depois o sistema legal britânico, finalmente, deu seu veredito: Chris Huhne e sua já ex-esposa Vicky Price eram culpados e

como tal foram condenados a uma pena de oito meses de prisão.

A esta altura o político já renunciara ao cargo de Ministro de Estado e até mesmo ao mandato de parlamentar - a opinião pública simplesmente não aceitou que pessoa tão relevante mentisse tão descaradamente sobre questão tão simples.

Ao sentenciar o casal assim disse o juiz: “Ofensas desta natureza atingem o coração do sistema de justiça criminal. Afinal, o propósito do sistema de pontuação é que aqueles que eventualmente dirijam de forma imprudente sejam punidos com a suspensão do direito de dirigir, o que serve para desencorajar o cometimento de outras infrações e proteger o público. O sistema depende, relativamente aos motoristas surpreendidos pelas câmeras, do reconhecimento honesto da culpa. O preenchimento desonesto de formulários [atribuindo a outra pessoa a culpa pela infração] é algo fácil de fazer, e a troca de responsabilidades frequentemente acaba passando despercebida”.

E prosseguiu o magistrado: “Esta prática corresponde a uma ofensa criminal séria, pois tende a perverter o curso da justiça, e, assim, uma condenação imediata a dada pena de prisão deve ser aplicada. Eis aí um tipo de ofensa que requer deste tribunal a observação de que a prevenção geral é um dos objetivos da sentença” - vale dizer, fazendo uso das palavras de Lord Halifax, “não se enforca um homem por ele ter roubado cavalos, mas para que cavalos não sejam mais roubados”.

Transcrevo as palavras do então Primeiro-Ministro David Cameron: “eis aí uma advertência de que ninguém, não importa o quão importante ou poderoso seja, está fora do alcance do sistema judiciário”.

O Reino Unido, evidentemente, não é um país perfeito. Mas que tal meditarmos sobre este episódio? Há, nele, alguns aspectos relacionados à cultura e ao comportamento de todo um povo - e das instituições que o representam - que mereceriam profunda análise sob o pano de fundo da nossa realidade.

Os letrados



Dia desses assisti a um interessante documentário sobre os horrores patrocinados pelo regime nazista contra os judeus. Indo além do simples exibir de cenas macabras, os historiadores que assinaram a produção lançaram uma pergunta intrigante: qual o perfil dos monstros que comandaram o extermínio de seis milhões de vidas? Quem eram esses homens?

A resposta chocou-me. Dos 21 primeiros comandantes dos grupos de extermínio 10 tinham doutorado! Mencionou-se inclusive um que fazia questão de ser chamado “Dr. Dr. Rasch”, a fim de que todos o soubessem portador de dois!

Pasmo, tomei conhecimento de que a maioria dos quadros da cruel Gestapo era de juristas. Os demais eram linguistas, historiadores, economistas, filósofos, homens de letras etc. - todos provenientes da mesma classe social!

Pus-me a refletir sobre o mundo de hoje. Quem, no comando de algumas de nossas grandes corporações, estimula guerras e massacres pelo mundo afora para auferir vantagens cada vez maiores? Nossos letrados!

Quem, na regência da máquina pública, mata milhões de seres humanos ao desviar recursos destinados à saúde etc.? Também aqui,

nossos letrados.

Quem, à frente de poderosas instituições financeiras, manipula mercados e moedas, satisfazendo uma ganância insaciável ao custo da dor, do sofrimento e até da vida de tantos semelhantes? Uma vez mais, nossos letrados.

Quem, definindo as bases do sistema legal da humanidade, garante a impunidade dos maus? Nossos letrados, é claro!

Quem, controlando o fluxo de informações, deixa às cegas larga parcela da humanidade, ao custo de entregá-la mansamente à sanha dos maus? Evidentemente, nossos letrados!

Quem, pelo mundo afora, prostitui a democracia, transformando-a muitas vezes em instrumento de embuste e opressão? Acredite: nossos letrados.

Quem abusa dos consumidores, envenenando-os e matando-os com produtos sabidamente nocivos por pura ganância? Sim, eles: os nossos letrados!

Refleta: mencionamos os maiores flagelos da humanidade - e em nenhum deles está presente aquela camada social à qual tantos, preconceituosamente, se referem como “Zé-Povinho”.

Foi quando fiquei a pensar em Rousseau, ao exclamar: “Deus Todo Poderoso, livrai-nos das ciências e das artes e restitui-nos a inocência e a pobreza, únicos bens que podem trazer felicidade”!

Sorte ou azar?



O japonês Tsutomu Yamaguchi estava andando pelas ruas de Hiroshima às 08:15 do dia 6 de agosto de 1945, quando caiu do céu a bomba atômica que inaugurou uma nova e sinistra era.

Atingido pela explosão, ocorrida a apenas três quilômetros de onde estava, Yamaguchi teve os tímpanos perfurados, ficou temporariamente cego e sofreu queimaduras sérias em parte do corpo.

Transferido para sua casa, em Nagasaki, Yamaguchi iniciou seu tratamento. Porém, às 11 horas do dia 9 de agosto, enquanto ele descrevia para um amigo o horror de uma explosão nuclear, os norte-americanos jogaram outra bomba atômica, que igualmente explodiu a três quilômetros de onde ele estava.

Oficialmente reconhecido como a única pessoa que sobreviveu a duas explosões nucleares, Yamaguchi morreu em 2010, abençoado por ter chegado aos 93 anos de idade.

Há também o caso de Violet Jessop, uma inglesa que trabalhava como auxiliar no navio RMS Olympic - até este chocar-se com um navio de guerra, materializando uma “trombada” de proporções olímpicas!

Um ano depois ela embarcou no famoso RMS Titanic, igualmente a trabalho. Em seguida ao famoso naufrágio conseguiu ser acolhida no Bote 16 até ser salva na manhã seguinte.

Passou-se o tempo e ei-la a bordo de um navio-hospital - o qual veio a atingir uma mina, explodir e naufragar. Violet pulou para dentro de um bote - mas este afundou, tragado pelas hélices do navio, deixando-a ao sabor das ondas até ser resgatada uma vez mais.

Violet Jessop - com quem, sinceramente, jamais embarcaria em um navio - morreu em terra firme após ter vivido longos 83 anos!

Encerro esta com a saga do inglês John Lyne. Nascido com sérios problemas nos pulmões, teve dificuldades em sobreviver. Aos 18 meses, atraído pela cor viva de um desinfetante doméstico, bebeu-o e quase morreu. Um ano depois, enquanto passeava de cavalo, sofreu uma queda - caiu exatamente em frente a um carro, tendo sido por este atropelado.

Aos 12 anos, voltando para casa de bicicleta, John foi atingido por um raio - mas sobreviveu. Dois anos depois, após quase afogar-se acidentalmente, caiu de uma árvore e quebrou um braço. Levado a um hospital, foi tratado e liberado para retornar à sua casa - para, no caminho, ser vítima de um acidente de trânsito e quebrar o mesmo braço em outro ponto.

Acredite, este personagem decidiu ir trabalhar como mineiro ao completar 20 anos de idade! Logo nos primeiros dias houve um desabamento que por poucos centímetros não o matou. Em seguida

feriu-se por conta de algumas pedras que caíram ao seu redor.

Voltando para casa envolveu-se em outro acidente de trânsito, ferindo o braço. A última notícia que li sobre este senhor dava conta de que ele caíra em um poço e estava afastado do trabalho há 32 semanas por conta dos ferimentos sofridos. Eis o que declarou a um jornal: eu tenho sorte de ter escapado. Na mesma entrevista agradeceu pelo dom precioso da vida, um bem a ser desfrutado.

É isso aí! Afinal, como dizia Cervantes, “o bom coração rompe a má sorte”.

Os “canudões”



Você já ouviu falar de Ian Calderon? Trata-se de um parlamentar norte-americano. Há algum tempo ele apresentou um projeto de lei segundo o qual quem entregasse a clientes de restaurantes canudos de plástico que não tivessem sido solicitados estaria sujeito a até seis meses de prisão e multa. O infrator já sairia de seu estabelecimento algemado, rumo a alguma penitenciária. Segundo este parlamentar os EUA consomem diariamente 500 milhões de canudos de plástico - que acabariam indo poluir o meio-ambiente de forma grave, dado não serem biodegradáveis.

De início registro que qualquer iniciativa que busque acentuar a consciência ecológica das pessoas é saudável - e fique isto bem claro. Claríssimo, até. Mas, dada a realidade que vivemos, algumas reflexões se fazem necessárias.

Comecemos pelo número “500 milhões de canudos por dia”. De onde veio ele? Acreditem: de uma criança de nove anos de idade, que em

2011 telefonou para alguns fabricantes de canudos e decidiu fazer projeções. Incrível: isto “viralizou” e virou verdade aceita!

Mas vá lá que seja! Tomemos como correta esta estimativa. Foi a partir dela que um jornalista norte-americano fez uma conta interessante: 500 milhões de canudos por dia seriam 182,5 bilhões por ano. Como cada canudo pesa em média 0,4 grama, estaríamos a falar de 73 mil toneladas métricas de plástico por ano - ou apenas 0,2% do total de plástico gasto nos EUA a cada ano, estimado em 30 milhões de toneladas métricas. Isto, conclui o jornalista, tomando-se como base a estimativa inflada feita por uma criança de nove anos de idade.

Este quadro é, assim, um alerta. Vivemos na época dos profetas que apregoam riscos mil e dos salvadores e suas medidas invariavelmente duras que os evitariam. Repito: não é de se desprezar qualquer preocupação que possa significar um avanço para a humanidade. Não é de se criticar aqueles que, de boa fé, as expõem - muito pelo contrário, sejam louvados.

Não podemos, porém, e eis aí a lição maior a ser extraída, deixar que este quadro retire de pauta nossos maiores e mais sérios problemas - que acabam passando ao largo, quase que despercebidos. Do minério que respiramos aqui em Vitória ao lixo eletrônico depositado na África, não percamos nunca de vista nossos “canudões” enquanto tratamos dos canudinhos.

A hipocrisia



Há alguns dias tive a oportunidade de ler um fascinante relatório da ONU sobre o estado do nosso planeta e suas perspectivas de futuro.

Li que a degradação do solo já atinge incríveis 40% da superfície do planeta. A agricultura já começa a se deparar com a perda de produtividade do solo - uma queda que pode chegar a 50% a médio prazo. Este já era um quadro esperado - afinal, nos últimos 50 anos a produção praticamente dobrou, porém utilizando apenas 10% a mais de solo.

Aliás, sobre agricultura, transcrevo um parágrafo revelador: “responde por 70% a 85% do uso da água, e um aumento estimado de 20% na produção global de grãos tornará o seu uso insustentável”.

Segundo este relatório já está em marcha um acelerado processo de desertificação - que, hoje, atinge regiões habitadas por um terço da população mundial.

A consequência seguinte será o aumento dos preços dos alimentos, em um patamar estimado de 30% a 50% nas próximas décadas. Será por conta disso que nos países em desenvolvimento seis a cada dez pessoas sofrerão, de forma muito intensa, as agruras deste quadro que

se descortina.

Não nos esqueçamos dos desastres naturais: furacões, inundações, enchentes, tsunamis etc. Entre 1980 e 1985 eles eram apenas 132 por ano. E eis que entre 2005 e 2009 pularam para 357.

Tradução: a situação é séria demais para ser ignorada. Enquanto isso, “há mais de 900 carros por grupo de mil habitantes em idade de dirigir nos Estados Unidos e mais de 600 na Europa Ocidental, contra menos de dez na Índia. O consumo de água “per capita” nos países desenvolvidos chega a 425 litros diários, umas seis vezes maior que o dos países em desenvolvimento, cuja média é de 67 litros”.

Este surpreendente relatório trouxe outra informação: “com apenas um sexto da população mundial, países altamente desenvolvidos foram responsáveis por quase dois terços (64%) das emissões de dióxido de carbono entre 1850 e 2005. Desde 1850 cerca de 30% do total acumulado de emissões vieram dos Estados Unidos. Na sequência estão China (9%), a Federação Russa (8%) e Alemanha (7%)”.

Seria de se esperar que, diante de um quadro desses, a parcela mais rica da humanidade estivesse fazendo a sua parte. Mas qual o que: “A necessidade de investimentos [para reverter e prevenir danos ambientais] é imensa, mas não supera os atuais gastos com outras áreas, como a militar. Os investimentos anuais para se promover o acesso universal a formas mais modernas de energia são menos de 1/8 do que se gasta em subsídios para o uso de combustíveis fósseis”.

Este relatório alerta, assim, para o fato de que “estamos brincando jogos com nosso planeta”, no qual “alguns indivíduos colhem os benefícios enquanto a sociedade arca com os custos”.

Segue a conclusão do estudo: “Em suma, os países mais pobres suportarão muitos dos custos das mudanças de clima e a perspectiva de piora dos índices de desigualdade é muito real”. É isso aí. Afinal, como exclamou Bernard Shaw, “o maior dos males e o pior dos crimes é a pobreza”.

A selva



Dia desses li um minucioso relatório produzido no Congresso Nacional pela Comissão Parlamentar de Inquérito dos Cartões de Crédito. Deparei-me, nele, com alguns números dignos de reflexão.

Os parlamentares verificaram, inicialmente, que “o mercado de cartões movimentou cerca de um trilhão e trezentos bilhões de reais em 2017. Nada menos do que treze bilhões de transações foram processadas naquele ano. Cerca de um terço do consumo de todas as famílias brasileiras se deu mediante o uso do cartão”.

Estamos, assim, a falar de algo relevante para a economia nacional. Neste sentido, é preocupante o dado seguinte: “os dados revelam que cerca de 73% da receita financeira gerada no negócio “cartão de crédito” é consumida pela inadimplência”.

A quantas anda, precisamente, esta inadimplência pelo Brasil afora? Apurou-se que “para cada real emprestado no Brasil, recuperam-se apenas dezesseis centavos. No crédito rotativo a situação é ainda pior - cada real emprestado vale apenas e tão somente dois centavos”.

A constatação seguinte: “hoje em dia, um em cada três clientes está no rotativo em razão do não pagamento. Na prática, esse inadimplente sobrecarrega os outros dois que cumprem com seus compromissos em dia”.

Uma primeira constatação, assim, mostrou-se evidente: “é fundamental que as iniciativas de recuperação de crédito sejam mais efetivas e menos onerosas ao sistema financeiro, uma vez que a inadimplência e os processos relativos à recuperação do crédito ainda são caros e pouco eficientes”.

Diante deste quadro, não surpreende a muito séria afirmação seguinte: “algumas instituições financeiras brasileiras alavancam o seu resultado a partir de estratégias que levam os consumidores ao superendividamento - estratégias essas muitas vezes violadoras da boa-fé”.

A tradução de tudo isto: vivemos em uma verdadeira selva, com prejuízos evidentes para a economia do Brasil como um todo. Fico a pensar em quantos empregos deixamos de gerar e em quantas famílias não retiramos da miséria por conta de tolerarmos tamanha balbúrdia!

Quantos séculos mais até o Brasil exclamar, lembrando Rui Barbosa, “com a lei, pela lei e dentro da lei; porque fora da lei não há salvação”? Quantos séculos mais até que decidamos entender, com nossa bandeira, que a ordem é pressuposto do progresso?

A ignorância



Dia desses condenaram uma bruxa à morte. O crime dela foi ter matado seis pessoas - sua própria filha incluída - durante um ritual de exorcismo no qual a pancadaria correu solta a fim de que todos fossem “purificados”.

Diversamente do que poderíamos imaginar, este caso não vem de nenhum país atrasado - aconteceu lá no civilizado Japão.

No Reino Unido noticiou-se recentemente o caso do filho que decapitou a própria mãe por achar que a dita cuja era uma bruxa. Poucos meses antes, li um chocante relato sobre os atos de violência envolvendo bruxaria naquele país: mais de 80 crianças foram abusadas e torturadas por conta de rituais derivados de crenças medievais - e as autoridades policiais acreditam na existência de centenas de outras vítimas.

No Haiti, há não muito tempo, 45 pessoas foram linchadas em praça pública, acusadas de bruxaria - segundo a população, foi por conta de rituais de vudu praticados por elas que uma epidemia de cólera instalou-se no país.

Enquanto isso, na Índia, o problema é a matança de crianças em

rituais de sacrifício humano, através dos quais busca-se “força e fortuna”. A esta carnificina corresponde uma outra, de pessoas acusadas de bruxaria - ora são queimadas vivas, ora tem os olhos arrancados com tesouras.

Só para que se tenha uma ideia, cerca de 200 mulheres indianas perdem a vida a cada ano por conta de suspeitas de bruxaria. Em Moçambique são umas 20. Na Tanzânia, em torno de 500.

Já na Arábia Saudita e no Sri Lanka os linchamentos foram substituídos por decapitações. Em um dos casos que acompanhei a suposta bruxa teve a cabeça arrancada em praça pública por ter sido encontrado em sua casa um livro sobre bruxaria e garrafas com um líquido usado em rituais.

Outra faceta do mesmo problema: na Tanzânia não é rara a amputação de membros ou a morte de crianças albinas em rituais de bruxaria - acredita-se que amuletos feitos com partes de seus corpos, vendidos a preços exorbitantes, trazem sorte e prosperidade. Recentemente noticiou-se o caso de uma infeliz criança que, com apenas sete anos de idade, teve as mãos decepadas por conta de tais crendices. Esta prática é igualmente recorrente no Burundi.

Em Uganda, após uma “epidemia” de casos de sacrifícios humanos em rituais de bruxaria, envolvendo quase sempre crianças, as autoridades decidiram reagir e assim, em 2009, apenas 15 casos foram registrados. Porém, recente pesquisa realizada naquele país constatou que 66% dos habitantes reconhecem a bruxaria como prática comum em seus locais de trabalho, com vistas a promoções e aumentos salariais.

Diante deste quadro proponho uma reflexão: como é possível que um escândalo dessas proporções seja quase desconhecido em um mundo que se diz “globalizado”? A partir desta questão uma outra apresenta-se: quantos outros escândalos iguais, ou até piores, estão acontecendo por aí? Pois é. Talvez estejamos alienados ou ignorando o conselho de Confúcio, segundo quem “conhecimento real é saber a

extensão da própria ignorância”.

O cotidiano



Amanheceu. Está um lindo dia. O sol azul brilha no céu amarelinho e os passarinhos pulam de galho em galho enquanto as crianças brincam alegres na praça do bairro, os velhinhos passeiam felizes pela rua, um grupo de turistas se delicia com a beleza da cidade, as pessoas seguem em paz para o trabalho e o colorido dos carros passando enfeita as avenidas.

Mas espere: há algo errado nesta descrição. Sim: cadê as crianças, por exemplo? Estão todas trancadas dentro de casa por conta de a pracinha ter sido tomada por algumas pessoas que lá fazem suas necessidades ao ar livre, sob as vistas de todos, chegando até a agredir quem ousa protestar.

E os velhinhos? Outro erro: eles não estão a passear felizes pelas ruas. Na verdade, dedicam-se ao exercício diário de desviar de buracos e crateras. A quem descuidar-se a penalidade é uma queda por vezes brutal - daquelas que significam o início do fim de suas vidas, por conta da fragilidade que trazem ao corpo.

Há também o grupo de turistas. Erro grave, este! Ora, quem virá conhecer as belezas de uma cidade pichada de alto a baixo, alvo permanente da ação impune de vândalos? Quem virá conhecer um lugar cujos bens públicos são depredados à luz do dia, de simples latas de lixo a monumentos? Não, decididamente não há turistas na cena.

Errei também ao escrever que “as pessoas seguem em paz para o trabalho”. Não, elas não seguem em paz - caminham agarrando seus pertences, a passos rápidos, desconfiadas de qualquer tipo que julguem suspeito. Poucas ousam atender um telefonema na rua - afinal, no Brasil das vítimas que são culpadas não se pode “dar bobeira”.

Outra falha: dizer que “os carros estão passando” - na verdade, eles estão sacolejando brutalmente, sendo destruídos no contato diário com algumas das piores vias do planeta. Enquanto sacolejam para cá e para lá vão destruindo junto, aos poucos, a vida e a saúde dos motoristas.

Pois é. Talvez o erro menor, no final das contas, tenha sido dizer que “o sol azul brilha no céu amarelinho”. É interessante: vivemos em um dos locais mais belos do planeta, de clima agradável e isento das tormentas que afetam outros países. Chega a ser intrigante o fato de estarmos transformando nosso cotidiano em algo cinzento, a cada dia mais distante das bênçãos que o Criador aqui derramou.

Emergente?



Dia desses conversava com um amigo sobre um assunto absolutamente sério: mortes no trânsito. Discutíamos os números relativos a 2010, ano no qual 42.844 brasileiros perderam a vida em nossos matadouros - digo, estradas.

Decidi fazer algumas contas. Um avião de grande porte carrega, em média, uns 100 passageiros. Isto significa que naquele ano as mortes equivaleram a mais de 428 aviões lotados - 35 por mês, quase um por dia. Já pensaram no que aconteceria se caísse um avião a cada dia aqui no Brasil?

Decidi pesquisar mais um pouco e fazer novos cálculos. Descobri que aqui no Espírito Santo, em 2010, o trânsito custou a vida de 1.128 pessoas - o equivalente a mais de onze aviões de passageiros lotados. Dá quase um por mês caindo sob as nossas vistas. Imaginem o que faríamos se a cada mês caísse um avião em nossa terra!

Isso tudo custa caro. O Brasil perde R\$ 5,3 bilhões só por conta de acidentes de trânsito - que respondem, de forma absolutamente incrível, por metade das internações nos hospitais capixabas. Descobri que o INSS, sozinho, gasta R\$ 8 bilhões por ano apenas com vítimas de acidentes.

Decidi passar os olhos pela Guerra do Iraque. Li que entre 2003 e 2009 perderam a vida 109 mil pessoas - algo em torno de 18 mil por

ano. Pois é. Nosso trânsito mata mais que o dobro disso!

É curioso, este mundo: quando caem aviões ou eclodem guerras movimenta-se a consciência de toda a humanidade - que, no entanto, silencia diante de morticínios muito piores, praticados diante dos olhos de todos!

Mas continuemos nossa caminhada, agora indo de encontro aos culpados. O eterno responsável de plantão atende pelo nome de “motorista”. É fácil culpá-los. Aliás, eis aí o “saco de pancadas” perfeito: não tem nome nem rosto, não se defende e nem concede entrevistas.

É assim que acabamos convencidos de que eles são mesmo os maiores culpados - afinal, bebem muito, dormem ao volante, dirigem em excesso de velocidade, fazem ultrapassagens proibidas e o que mais pudermos imaginar.

Longe de mim dizer que não fazem isso - sim, as imperfeições do ser humano se refletem no trânsito e merecem correção rígida e rápida. Eis aí uma verdade óbvia. Mas seria ela a única?

Vivemos em uma terra cuja malha ferroviária é absolutamente precária, um absurdo que compromete claramente nosso crescimento. Só para termos uma ideia, o trem-bala japonês já transportou 6 bilhões de passageiros em uns 50 anos de funcionamento - calcule quantos carros deixaram de circular e quantos acidentes deixaram de acontecer.

Por conta desta estranha opção rodoviária que fizemos deixamos de investir o suficiente em ferrovias, portos e aeroportos - em sua maioria insuficientes ou seriamente sucateados. Algum iludido poderia dizer que pelo menos investimos em rodovias. Que nada! 72% de nossas estradas estão em péssimas condições e 10% delas sequer sinalização tem.

Enquanto isso, que sejam responsabilizados os motoristas. Afinal, devemos mostrar que somos um povo civilizado a habitar um país emergente.

O Brazil



Dia desses, lendo o respeitado periódico “Diário de Notícias”, de Portugal, deparei-me com um interessante texto sobre o nosso querido Brasil. Registrou-se, inicialmente, que quem aqui chega logo percebe “traços de Portugal em todo o lado, da língua, claro, à religião mais professada, da arquitetura do centro das cidades ao essencial da gastronomia, e até em sensações, instintos, quase pressentimentos, que denunciam a história e o sangue comuns”.

Adverte-se, porém, em seguida, que “quem mora no Brasil, o que é diferente de visitá-lo, entende que o modelo do gigante sul-americano é o gigante norte-americano Estados Unidos. Já não é Portugal, que perdeu ascendente gradual sobre a ex-colônia ano após ano dos últimos 200 e é tantas vezes visto com preconceito (o inverso também é verdade); nem a herança indígena, nem a África, raiz de tanta coisa; nem Itália, Líbano, Alemanha ou Japão, de onde vieram hordas de emigrantes”.

Prossegue o texto: “O Brasil bebeu de todas essas culturas mas construiu a sua própria. E construiu-a à imagem e semelhança dos endeusados Estados Unidos. Uma cultura baseada na juventude, na velocidade, na emoção e no consumo - muito consumo. É assim na política ou na religião. Uma campanha presidencial americana ou

brasileira é um acontecimento colossal, teatral e caro como são colossais, teatrais e caras as reuniões da imensidão de cultos alternativos nos dois países”.

Sobre o sistema legal: “os suspeitos de um crime, antes mesmo de serem julgados por um juiz, são condenados entre dois intervalos publicitários da TV, de algemas na mão, por milhões de telespectadores”.

Um alerta: “No entanto, os Estados Unidos, apesar de todas as suas inúmeras faltas, são produtivos. E ricos. E poderosos. O Brasil adoraria ser as três coisas - diz-se que um pobre no Brasil quer ser da classe média, um da classe média quer ser rico, um rico quer ser milionário e um milionário quer ser americano - mas não é”.

E a surpreendente conclusão sobre o nosso povo: “é, no entanto, feliz - eis a sua riqueza e o seu poder. Na saúde ou na doença, a felicidade no Brasil é obrigação, necessidade, compulsão, vício. E antídoto contra todas as injustiças e desgraças diárias”.

Sem dúvida eis aí uma análise curiosa, vinda da terra dos nossos colonizadores. Será que procede?

Herodes



Hoje faremos um exercício mental. Vamos começar pensando em um daqueles grandes aviões a jato que percorrem todo o planeta, com capacidade para cerca de 300 passageiros.

Em seguida imagine um desses aviões carregado exclusivamente com crianças rumo à Disneylândia. Suponha, agora, que este avião sofra um acidente, vitimando todos os pimpolhos a bordo.

Um horror desses causaria comoção mundial. Inquéritos rigorosos seriam abertos e o assunto ocuparia os noticiários durante anos a fio.

Agora tente pensar no que aconteceria se caíssem, ao longo de um único ano, 29 desses aviões. Com toda a certeza o Brasil teria muito trabalho para provar que é um país responsável.

Considere, em seguida, neste passeio pelo mundo dos números, que apenas em 2010 o Brasil perdeu, assassinadas, nada menos que 8.686 crianças e adolescentes - o equivalente a 29 aviões de passageiros lotados. Curiosamente, no entanto, quase não se falou nisso! Que diferença faz um avião!

Dia desses li que entre 1981 e 2010 176.044 seres humanos com menos de 19 anos de idade foram vítimas de homicídio aqui no Brasil - 90% deles crianças. Voltei à calculadora. Descobri que matou-se o

equivalente a quase 587 aviões de passageiros lotados - uns 20 a cada ano.

Há quem diga serem estes vestígios de um passado remoto. Poeira histórica deixada pela caminhada de um povo que marcha resolutamente, rumo ao avanço e à civilidade. Discordo. E assim porque a situação só tem piorado.

Vamos a mais alguns números: em 1980 a taxa de homicídios na faixa etária entre zero e 19 anos era de 3,1 para cada grupo de 100.000 pessoas. Em 1990, até onde pesquisei, este índice aumentou para 7,7. No ano 2000 avançamos para 11,9. E em 2010 atingimos o recorde de 13,8. Decidi fazer mais algumas contas e descobri que entre 1980 e 2010 este índice de homicídios aumentou cerca de 376%. Tradução: tudo indica que o problema só tem piorado - e, o que é pior, sob o nosso silêncio! E que diferença faz um avião...

Seria este um problema mundial? Após uma pequena pesquisa constatei que não. No ano de 2008 nossa taxa de homicídios na faixa etária entre 0 e 19 anos de idade era de precisos 13%. Pois bem: em uma relação de 92 países só “perdemos” para El Salvador (18%), Venezuela (15,5%) e Trinidad e Tobago (14,3%). Alcançamos um pouco honroso quarto lugar.

Nossa vergonha é ainda maior quando perdemos até para regiões então conflagradas (Iraque, com 5,6%), palco de guerras pelo controle do tráfico de entorpecentes (México, com 2,9%) e cenário de atos terroristas (Irlanda do Norte, com 1,7%).

Diante deste quadro, transcrevo o alerta de um representante da Anistia Internacional: “o Brasil convive, tragicamente, com uma espécie de “epidemia de indiferença”, quase cumplicidade de grande parcela da sociedade, com uma situação que deveria estar sendo tratada como uma verdadeira calamidade social. É como se estivéssemos dizendo, como sociedade e governo, que o destino desses jovens já estava traçado”. Pois é. Vai ver Herodes era brasileiro!

A latrina



Rwanda é um pequeno país lá da África - tem apenas 24.670 km², contra, por exemplo, 9.147.420 dos EUA. Sem acesso ao mar, apresenta um PIB de apenas US\$ 8,9 bilhões - contra os espantosos US\$ 20,4 trilhões dos EUA. Habitam este pobre país 11,9 milhões de pessoas - contra 326 milhões dos EUA. Por incrível que possa parecer, diante do contraste exposto, Rwanda está travando uma intensa guerra comercial com os EUA, em torno da importação de roupas usadas.

Tudo começou em 2016, quando Uganda, Kenya, Tanzânia, Burundi, Sudão do Sul e Rwanda celebraram um acordo no sentido de criar restrições à importação de roupas usadas, proibindo-a totalmente a partir de 2019. Apurou-se, a propósito, que as roupas usadas vestiriam nada menos que 70% da população africana.

No ano seguinte os EUA advertiram estes países, todos paupérrimos, que seria inadmissível que parassem de importar e utilizar roupas usadas - e que seriam punidos se assim agissem.

Os africanos permaneceram firmes. Em Uganda, o Ministro das Finanças assim se manifestou: “Por que deveria nosso povo continuar a utilizar as roupas de pessoas mortas quando somos produtores de algodão e temos nossas próprias fábricas? É justo isso? Não é. Podemos negociar diversos outros produtos, mas não roupas usadas”.

Argumentou-se, igualmente, que a importação destas roupas

praticamente destruiu a indústria têxtil africana - na Nigéria, por exemplo, este setor, o que mais empregos gerava na área privada, está hoje virtualmente falido, após lançar no desemprego 500 mil pessoas.

A África não recebe apenas roupas usadas - para lá são enviados desde veículos altamente poluentes até combustíveis cuja queima seria proibida na Europa, passando pelos já notórios - e altamente tóxicos - dejetos eletrônicos.

Fiquei a meditar sobre escândalo acontecido aqui no Brasil, em função da descoberta de que importávamos tecidos usados oriundos de hospitais norte-americanos, alguns contaminados. Sobre a importação de pneus usados. De brinquedos quebrados. De produtos obsoletos. De muito lixo, enfim.

Meu pensamento seguinte foi sobre os belos ensinamentos que recebemos de tantas instituições estrangeiras sobre a proteção do meio-ambiente. Das duas, uma: ou estão atuando no local errado, ou a África e a América Latina são a latrina do planeta.

Alma poluída



Dia desses tive a oportunidade de ler um emocionante relato sobre o sofrimento das crianças norte-americanas que vivem na região de Oakland, vítimas inocentes da poluição atmosférica que por lá reina.

A cada ano são dezenas de milhares de vítimas dando entrada nos serviços de emergência dos hospitais locais, por conta de problemas pulmonares. Muitas delas não sairão de lá vivas - em um único ano 157 crianças com menos de 15 anos de idade não resistiram. Constatou-se que existem locais naquela região nos quais o índice de internações chega a inacreditáveis 126,4 por grupo de 10.000 crianças.

O problema é mesmo sério. Pesquisadores fizeram um levantamento na Lafayette Elementary School, no distrito escolar de Oakland, e constataram, chocados, que 23% dos estudantes apresentaram problemas pulmonares graves.

Este drama não atinge apenas as crianças - carrega, consigo, as famílias destas. Que o diga a mãe de Jonathan, uma infeliz criança que passa praticamente cinco dias de cada mês sob tratamento, longe das ruas. Transcrevo o seu desabafo: “É sempre aquela batalha de trabalhar e estar ao lado do meu filho. Claro que ele é mais importante, mas nós temos que pagar nossas contas”.

Por falar em contas, e daquelas salgadas, a dos danos materiais vai parar diretamente no bolso da população como um todo. Assim, gasta-se anualmente uns US\$ 56 bilhões só no tratamento dessas doenças.

Ainda sobre contas, em 2001 a revista Science publicou um devastador estudo sobre os índices de poluição, internações e mortes em Nova York, Cidade do México, Santiago e São Paulo. Numa projeção para 2020 concluiu-se que se essas cidades baixassem em apenas 10% suas emissões de gases poluentes haveria 800 mil crises de asma a menos (só em São Paulo), e seria possível evitar 64 mil mortes e 65 mil casos de bronquite crônica. Seriam evitadas ainda 60 mil internações por causas respiratórias, 300 mil consultas médicas infantis e mais de 700 mil atendimentos de emergência por causas respiratórias.

Em termos financeiros os valores economizados seriam de US\$ 21 bilhões em custos médicos e US\$ 165 bilhões em custos totais decorrentes das mortes prematuras e perda de produtividade por doenças.

Pois é. Fiquei a recordar uma tese de doutorado que abordou os casos de asma e doenças respiratórias decorrentes da poluição de Vitória. Pus-me a meditar sobre um misterioso “pó preto” que nos humilha e envergonha - e que ainda não se sabe de onde vem, apesar de tantos anos de investigações.

As crianças de Oakland e as daqui, ao contrário do que se poderia supor, não são vítimas da industrialização. São vítimas, isto sim, da insensibilidade de alguns poucos que se recusam, terminantemente, a compatibilizar suas indústrias com o notável avanço tecnológico já conquistado pela humanidade. A estes dedico, em nome de cada criança que arfa e sofre pelos hospitais de Oakland, de Vitória e de tantos outros lugares, as palavras de Pascal: de que vale ao homem conquistar o mundo, se perde a alma?

“Pero no mucho”



“Pero no mucho”

Dia desses meditava sobre a expressão espanhola “pero no mucho”, que significa algo como “porém não muito”, e sua influência sobre a nossa qualidade de vida. Retornei alguns milênios no tempo, quando ensinava-se que a certeza de que as leis serão aplicadas é mais importante que seu eventual rigor.

O Brasil, através de leis das mais rigorosas do mundo, protege seus consumidores - “pero no mucho”, já que nosso conhecido espírito tolerante acaba atenuando eventuais sanções até que desmoralizadas fiquem.

O Brasil, através de leis das mais avançadas do mundo, protege seus filhos dos efeitos nefastos da criminalidade - “pero no mucho”, pois as prisões populadas quase que exclusivamente por miseráveis e a ausência do Estado em diversos rincões lançaram-nos em deplorável realidade, justificadamente comparável a algumas guerras que flagelam a humanidade.

O Brasil, através de leis das mais meticulosas do mundo, protege o ambiente empresarial - “pero no mucho”, pois os infindáveis meandros da burocracia lançam sobre as empresas aqui instaladas uma das maiores cargas administrativas que a humanidade jamais concebeu,

tornando belos princípios “letra morta”.

O Brasil, através de leis das mais belas do mundo, protege suas vítimas de crimes - “pero no mucho”, pois a ausência de instrumentos que permitam transformar a teoria em prática lança na miséria e no desamparo tantos órfãos e viúvas.

O Brasil, através de leis das mais humanas do mundo, proíbe a tortura - “pero no mucho”, pois uma sociedade desigual e conflituosa acaba fechando os olhos ao que acontece em suas prisões, aceitando aquela máxima segundo a qual “tudo é aceitável contra certo tipo de gente”.

O Brasil, através de leis das mais lógicas do mundo, garante a saúde e a educação para todos os seus filhos - “pero no mucho”, pois a corrupção, no mais das vezes impune, aliada aos desmandos administrativos, desvia recursos dos hospitais e submete nossas crianças a criminosos que ditam quando e de que forma nossas escolas devem funcionar.

Leio nos jornais que traficantes limitam a circulação de pessoas em bairros pobres. Vou à janela. Contemplo nosso tão rico, pobre e conflituoso país. E fico a pensar: até quando ignoraremos a verdade óbvia de que nosso sistema legal, perdoando a digressão, não está legal?

A compaixão



Dia desses li que um juiz de Hengshui, no norte da China, determinou às escolas particulares do ensino secundário que não aceitem matrículas de alunos cujos pais sejam considerados inadimplentes pelo sistema judicial.

Cabe às escolas particulares, pois, verificar se os familiares de cada aluno estão em algum cadastro de devedores definido judicialmente. Lê-se, na decisão enviada, o seguinte trecho: “Nós compreendemos o amor pelas crianças, mas a dignidade da lei e a autoridade do sistema judicial devem ser respeitadas”.

Que não se pense, sequer por um instante, tratar-se de alguma atitude isolada - muito pelo contrário, faz parte de um conjunto de medidas destinadas a reforçar a autoridade dos vereditos do sistema judicial chinês.

Assim, por exemplo, recentemente produziu-se um vídeo com seis minutos de duração exibindo nada menos que 100 inadimplentes, a ser projetado nos cinemas locais no início de cada sessão. É isso mesmo: as pessoas contemplarão o nome e a face de cada um deles!

Na cidade de Nanning, no sul do país, tal exposição vai às ruas afixada nas laterais dos ônibus que por lá circulam. Em Jinan, no leste, optou-se por um imenso painel instalado ao lado da estação de trem. Assim, seja pelos cinemas, ônibus ou em lugares públicos, lá estarão os inadimplentes inevitavelmente expostos à execração pública.

Mas talvez a medida mais incrível seja aquela que altera o som das chamadas de celular. O sistema judicial de Guanyun, em parceria com as operadoras de telefonia celular, altera o toque de chamada dos telefones dos inadimplentes, alertando eventuais familiares, amigos, sócios e clientes para o fato de que este tem dívidas a pagar. Literalmente, esta é a mensagem que ouvirão: “O assinante para quem está a ligar foi colocado numa relação pelo Tribunal de Guanyun por não pagar suas dívidas. O Tribunal agradece o seu apoio”. Este toque não poderá ser cancelado e aparecerá em todos os aparelhos móveis registrados pelo devedor.

Talvez, diante destes exemplos, em um momento tão grave da vida nacional, no qual imperam a descrença e a intolerância, devêssemos olhar nosso país e suas instituições com um pouco mais de carinho e esperança! Que busquemos todos, com sabedoria, construir ao invés de destruir. Corrigir, jamais repudiar. Amar, e não odiar.

Ouagadougou



Dia desses li em um jornal africano uma matéria sobre as bruxas de Ouagadougou. Você já ouviu falar deste lugar? Trata-se da capital de Burkina Faso, um pequeno país da África ocidental.

Segundo noticiado a perseguição às bruxas é rotineira principalmente nas áreas pobres situadas no entorno da capital. Uma vez identificadas, as bruxas podem ser torturadas, expulsas da região ou até mesmo mortas.

Fiquei curioso: como, afinal, uma bruxa pode ser identificada com segurança? Descobri que tudo é feito através de um ritual conhecido como “Siongo”. Nele a vítima de uma bruxaria é estendida diante de dois jovens, de tal forma que seus pés apontem para a cabeça deles.

Estes jovens, então, entram em uma espécie de transe, passam a ser guiados pelos espíritos dos mortos e em poucos minutos pronunciam o veredito, sumário e inapelável, sobre a natureza da pessoa acusada - se bruxa ou não.

Que não se pense ser esta prática uma exceção. Absolutamente. Trata-se da regra. Basta dizer que inacreditáveis dois terços das crianças de rua da capital lá estão por terem sido expulsas dos locais onde residiam devido a acusações de bruxaria.

De igual forma não se imagine que a crença na bruxaria esteja

restrita às camadas sociais mais vulneráveis. Em absoluto. Li, a propósito, as declarações de um membro do Parlamento dando conta de ter, com uma pistola, expulsado uma bruxa do local onde residia.

Fiquei curioso: afinal de contas, o que fazem essas bruxas? Aliás, bruxas e bruxinhas, pois que crianças são rotineiramente assim classificadas. Após poucos minutos de pesquisa, a resposta encontrada me chocou.

O fato é que simplesmente não existe desgraça ou morte natural nas comunidades de Burkina Faso. Por exemplo: as pessoas não falecem por conta de velhice, acidentes ou doenças - há que haver um responsável para cada morte, não importa sua natureza.

Dentro deste raciocínio ninguém morre de câncer - houve, isto sim, a ação de alguma bruxa introduzindo a doença no corpo da vítima. Acidentes? Que nada! Tudo obra de bruxaria. E as pessoas viveriam para sempre, não fosse a ação funesta das praticantes de magia negra. Trata-se de uma lógica implacável: a cada mal há que corresponder uma punição, para que a paz volte a reinar no meio da sociedade.

Diante deste sério quadro, preocupei-me em verificar qual o perfil social das bruxas, sobre cujos ombros repousa a imensa responsabilidade de absorver todos os males que afligem suas comunidades. E descobri serem praticamente todas miseráveis, pertencentes às classes mais carentes e desamparadas daquele país. Parece incrível, mas não consegui localizar episódios de bruxas ricas ou poderosas - a responsabilidade sobre os males do país recaem inexoravelmente sobre os fracos, e só sobre estes.

Pois é. Dizem alguns que o grande responsável pelas tragédias que infelicitam o Brasil não está nas elites, mas no “Zé-Povinho”, que não soube votar corretamente. Cheguei a uma conclusão: ele é a versão brasileira das bruxas de Ouagadougou.

Os esqueletos



Hoje meditaremos sobre os esqueletos. Daqueles que estavam escondidos em algum armário. Que alguns, em algum lugar, contavam como varridos definitivamente para baixo do tapete - mas que do nada apareceram para assombrá-los.

Pense em uma daquelas enchentes fruto do descaso da administração. Eis aí um esqueleto. Ficarão dentro do armário até o dia em que alguém atentar para o fato de que as águas tudo levaram, porém deixando um rastro de responsabilização civil e criminal que vai muito além de governos - chegam às pessoas físicas que se omitiram ou assinaram em algum documento que “não havia risco”.

Considere agora algum caso sério de poluição - desses que apenas a ação de pessoas inescrupulosas e a omissão de agentes públicos tornam possível. A cada dano causado corresponde um ilícito civil, e a cada assinatura legitimando o erro um crime.

O fato é que há um monte de esqueletos escondidos por aí. Porém, mais hora menos hora, eles aparecerão. É o que nos ensina o livro “A Civil Action”, do norte-americano Jonathan Harr.

Tudo começou em Woburn, uma pequena cidade próxima a Boston (EUA), quando índices anormais de doenças graves foram detectados por conta da poluição industrial. Alguém decidiu estudar o assunto e descobriu que uma longa série de documentos atestando estar “tudo

certo” era não mais que um esqueleto - que se transformou em vistosas ações no mundo das leis.

Identificou-se cada pessoa física - nas empresas e na administração pública - que, por ação ou omissão, escondeu a verdade ao custo de condenar à desgraça tantos seres vivos.

Foram computados, em seguida, os danos que a poluição ilegalmente produzida por alguns poucos causou. Dos custos com tratamentos à perda da qualidade de vida, das mortes prematuras à redução da produtividade de toda uma comunidade, tudo foi devidamente calculado - e cobrado judicialmente.

Chamadas às falas, as pessoas responsáveis - físicas e jurídicas - sentiram, talvez pela primeira vez na vida, o “frio da desgraça”.

Este episódio, retratado em um livro que bem sintetizou umas 50 mil páginas de documentos e depoimentos, é um sério alerta a todos aqueles que, confiando na impunidade, passam os dias a esconder esqueletos - pode acontecer que antes de seus nomes serem convocados pela justiça divina o sejam pela dos homens!

O hospício



Dia desses li que lá no Reino Unido o serviço de emergência da Polícia recebeu dada ligação de um desesperado cidadão relatando estar em dificuldades no banheiro por conta da falta de papel higiênico e pedindo a ajuda dos agentes da lei.

Ainda naquele país um elemento, perfeitamente sóbrio, telefonou para a Polícia dizendo que tinha gasto todo o dinheiro no Natal, esquecendo-se de reservar algum para pagar o metrô - solicitou, pois, uma carona para casa.

Há também o caso da inglesa que procurou o serviço de emergência dizendo que o restaurante que entregava comida chinesa a domicílio não atendia suas chamadas - e assim pediu ajuda oficial para resolver o problema, pois estava com fome.

Um outro cidadão, incomodado com algum problema relacionado a energia elétrica em sua casa, optou pelos serviços policiais. O agente da lei, pacientemente, chegou até a fornecer o número da concessionária local - só para ouvir, em seguida, ser “inacreditável” que a Polícia não lidasse com problemas elétricos.

Encerro a participação dos ingleses com a ligação do preocupado proprietário de um cachorro relatando suspeitar que este estava com febre e solicitando a presença de uma equipe de paramédicos no local,

munidos com um termômetro.

Enquanto isso, do outro lado do Oceano Atlântico, uma mulher de 45 anos foi presa em Fort Pierce, na Florida (EUA), depois de chamar a Polícia para dizer que havia “comido demais”.

Outro norte-americano procurou os serviços policiais para relatar ter sido enganado ao comprar cocaína - cobraram do dito cujo US\$ 40 por 0,4 grama, um preço que ele entendeu ser absolutamente abusivo e desonesto.

Não menos curioso foi o chamado de um larápio que arrombou uma casa, instalou-se na banheira lá existente, relaxou bastante ao longo de um demorado banho e ao final pediu aos policiais que levassem para ele toalhas de banho e, se possível, alguns chocolates - porém os agentes da lei só levaram um par de algemas e nada mais.

E que dizer da ligação de uma mulher lá de Ohio, pedindo aos agentes da lei que lhe arrumassem um marido? Advertida de que o uso impróprio do serviço de emergência lhe renderia três dias de cadeia, ela insistiu para que os policiais providenciassem seu casamento - e aí acabou presa e continuou solteira.

De volta à Florida: um marmanjo de 32 anos procurou os policiais para reclamar que sua mãe implicava com seu hábito de beber cerveja, tendo chegado ao ponto de tomar-lhe uma latinha das mãos. E foi exatamente pensando em beber que outro norte-americano telefonou para a Polícia, buscando uma carona até algum bar. Conseguiu uma - porém, só até a cadeia local.

Ao norte dos EUA, no Canadá, o problema foi a falta do que fumar - uma mulher de Ontario acionou os serviços de emergência pedindo que agentes fossem a alguma loja comprar mais cigarros para ela.

Os casos que colecionei dariam um livro - mas paro aqui, por falta de espaço, com a reflexão de Molière: “e de todas é uma loucura sem par, este mundo querer-se endireitar”.

À venda



Dia desses conversava com um amigo sobre o que se pode comprar e vender no seio desta humanidade tão avançada - e resolvi realizar uma pequena pesquisa em meu banco de dados a este respeito.

Comecei encontrando o seguinte anúncio: “Comerei um punhado de ração seca para gatos por US\$ 5. Por apenas um dólar a mais, traçarei duas colheres de sopa de ração molhada. Registrarei tudo, ou posso fazer isto ao vivo via Skype. Por apenas mais um dólar extra gravarei tudo em alta definição”.

O “serviço” seguinte era igualmente deplorável: “Eu flertarei com seu marido ou esposa, namorado ou namorada, para comprovar se eles realmente são comprometidos e fiéis. Se você suspeita de algo, descubra a verdade. Assim você não precisará contratar um investigador particular ou mesmo xeretar por aí”.

Descobri uma outra propaganda que assim dizia: “Seu chefe o irritou? Não está suportando alguma atitude de sua esposa? Quer

desabafar? Aqui está a chance de expressar seus pensamentos da forma mais vulgar e rude possível. Ofenda-me onde machuca, e eu serei seu saco de pancadas por cinco minutos ao telefone”. Se você não tiver algum telefone à mão vá a um restaurante no qual é permitido aos fregueses xingar os pobres garçons dos piores palavrões possíveis.

Um outro elemento se propunha a vestir botas cheias de catchup ou mostarda, ao gosto do freguês, andando com elas por aí durante cinco minutos para deleite geral.

A “prestação de serviços” seguinte consistia em cobrar para levar uma surra. O “consumidor” estabelecia a intensidade da surra, em uma escala de 1 a 10, e ficava assistindo algum amigo aplicá-la. O preço variava em função da força e da quantidade dos tabefes dados.

Não menos chocante foi o anúncio que encontrei em outro jornal: “Deixe-me fazer um vídeo de um minuto anunciando seu evento, loja, produto, etc., de uma forma engraçada como um pregador. Eu falarei como um pregador, com toda a dicção típica”. Em seguida, este “profissional” esclarece que estará vestido com uma camisa branca e um casaco negro, de forma a parecer o mais autêntico possível.

Há também o caso de um cidadão que, por módicos US\$ 5, compromete-se a pular feito um louco vestindo uma fantasia de galinha. E o de uma empresa que faxina a sua casa por US\$ 100 a hora fazendo uso de domésticas absolutamente nuas - aliás, para quem não puder pagar, o “pacote” básico contempla apenas uma arrumadeira vestindo roupas íntimas.

O fato é que tem de tudo. Vi até a contratação de uma “profissional” cuja função é aplicar um “pescoção” em algum funcionário desatento. Funciona assim: o dito cujo se distrai um pouco diante do computador e recebe imediatamente um tabefe na nuca.

Diante destes e de tantos outros casos que encontrei - não enumerei aqui sequer a metade da lista - fiquei a meditar sobre uma humanidade na qual até vender a dignidade é permitido, desde que todos os tributos

respectivos sejam devidamente recolhidos. E lembrei-me do Apóstolo Paulo: “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males”.

Bengal Gazette



James Augustus Hicky nasceu na Irlanda, por volta de 1740. Nos idos de 1772 decidiu ir para a Índia tentar a sorte. Lá chegando, montou um pequeno negócio que, no entanto, fracassou quatro anos depois - e ei-lo preso em Calcutá por conta de dívidas.

De dentro da prisão, este intrépido irlandês decidiu começar um novo negócio que desaguaria naquele que seria o primeiro jornal da Índia. Com a ajuda de um amigo conseguiu uma impressora. E ei-lo trabalhando, segundo consta das seis da manhã às duas da madrugada, ganhando dinheiro como gráfico.

Passados alguns anos Hicky foi solto - e decidiu então iniciar a jornada que o imortalizaria, lançando o “Bengal Gazette”. Imagine-se o impacto desta iniciativa em um país no qual as notícias ainda eram transmitidas de “boca a boca”. O primeiro exemplar chegou às ruas no dia 20 de janeiro de 1780, prometendo “rígida fidelidade à verdade e aos fatos”.

Este veículo pioneiro não se limitava a divulgar notícias de interesse dos europeus - e muito pelo contrário! Mergulhava fundo na realidade miserável das periferias. Narrava os dramas vividos pelos oprimidos. Denunciava a brutalidade e a corrupção dos colonizadores britânicos. E foi assim que Hicky começou a incomodar.

A primeira reação veio através da fundação de um jornal concorrente

que, graças aos subsídios dos empresários britânicos, era distribuído gratuitamente. Em seguida o governo simplesmente proibiu que o jornal de Hicky fosse distribuído pelos Correios.

O passo seguinte era previsível: o jornal foi processado por ativismo e seu proprietário preso. Apesar de estar no cárcere, Hicky não se acovardou: continuou publicando seu diário, denunciando as torpes tentativas de calá-lo.

Hicky acabou condenado a um ano de prisão, e teve a impressora de seu jornal confiscada pelas autoridades. Solto posteriormente, porém na miséria, ele mal tinha recursos para sustentar-se e à sua família. Acabou indo para a China, onde morreria em 1802 - na pobreza.

Dizem alguns que de lá para cá tudo mudou, e que hoje vivemos em plena “era da informação”. Deve ser verdade, claro! Enquanto isso, cá fico a pensar no pobre Hicky! Deve estar a contemplar o mundo de hoje, com aquela serenidade que só a certeza do dever cumprido proporciona - e com saudades imensas do seu heróico jornal!

Nossas cidades



Há alguns dias li um fascinante relatório produzido pelo Conselho de Inteligência dos EUA. Trata-se de um documento intitulado “Tendências Mundiais 2030”.

Um dos cenários mais fortemente destacados é o da “urbanização” do mundo. Aos números: em 1950 apenas 30% da população viviam em cidades. Atualmente, são 50% - e prevê-se que em 2030 serão cerca de 60%.

Detectou-se que nove países se destacarão neste processo, contribuindo com nada menos que 26% do crescimento urbano. São eles: Bangladesh, Brasil, República Democrática do Congo, Indonésia, México, Nigéria, Paquistão, Filipinas e EUA. Tradução: podemos esperar, no nosso país, um processo de urbanização bem mais acelerado que a média mundial.

Este fenômeno traz oportunidades incríveis, dado o aumento de demandas por obras e serviços. Calcula-se, por exemplo, que o volume de construções nos próximos 40 anos superará a soma de tudo que já

se construiu ao longo de toda a história. Daí estimar-se que as cidades serão responsáveis por nada menos que 80% do crescimento econômico previsto nos próximos 17 anos.

Ao ler este estudo fiquei a recordar-me de um livro que li há alguns anos, de autoria do economista japonês Kenichi Ohmae. Dizia ele, em resumo, que grandes cidades podem ser ferramentas de desenvolvimento de vastas áreas ao redor - e citou os casos de Shanghai, Guangdong, Hong Kong, Cingapura e outras tantas pelo mundo afora.

Há, porém, e eis aí o alerta feito, que se providenciar a melhor infraestrutura possível. Estas cidades devem ter energia e comunicações fartas e baratas, transporte público eficiente, ordem tributária simplificada e sistema legal ágil.

Caso isto não seja alcançado, o que deveria ser um milagre de desenvolvimento transforma-se em um emaranhado de problemas. E está lá, naquele livro, a orientação do que não se deve fazer, baseada nos exemplos de alguns países - Brasil incluído.

São cidades imensas e ricas, com um potencial fabuloso, mas cuja rede viária e de transportes é precária, que padecem sob sistemas tributários e legais confusos e obsoletos e que não foram contempladas com redes de energia e comunicações modernas e eficientes.

Os resultados desta cegueira gerencial aparecem na forma de cinturões de miséria bloqueando o que deveria ser uma fronteira de desenvolvimento. Também se manifestam no alto grau de informalidade da economia e nos elevados índices de criminalidade.

Acredito que uma simples visita a qualquer grande cidade brasileira seja suficiente para percebermos que nos encaixamos, sim, no exemplo do que não se deve fazer para se obter progresso econômico sustentável e de longo prazo - são desnecessários maiores comentários sobre este aspecto.

Penso que não devemos nutrir a ilusão de que mudaremos todo o país. Mas podemos, sim, participar mais ativamente da vida de nossas pobres cidades, tornando-as mais lógicas, dinâmicas e preparadas para o futuro venturoso que se prenuncia - e com isto, por via reversa, estaremos começando a mudar todo o Brasil.

Um erro



Dia desses li que a famosa empresa norte-americana Amazon conseguiu um feito histórico: tornar-se a segunda empresa daquele país a alcançar o valor de mercado de um trilhão de dólares.

Se esta empresa fosse um país seria a 17ª maior economia do mundo, superando países como a Turquia (851,1 milhões de dólares) e Argentina (637,6 milhões de dólares). Equivaleria a praticamente o dobro do Chile (277 milhões de dólares) e de Portugal (217,6 milhões de dólares) somados. Empataria com a Indonésia (1 trilhão de dólares) e quase com o México (1,1 trilhão de dólares). E responderia por metade do Brasil (2 trilhões de dólares).

Diante destes números fiquei a meditar longamente sobre um aspecto pouco comentado, mas que reputo fundamental: trata-se de uma empresa que, por sua natureza, poderia ser brasileira - ao fim do cabo, temos acesso à mesma tecnologia que a viabilizou.

Há, na Europa, diversas empresas que exportam café para o Brasil, malgrado lá não exista um único pé de café. Fico a pensar que estes empreendimentos bem que poderiam ser brasileiros, dado termos acesso - e até mais fácil - à tecnologia e matéria-prima por eles

utilizados.

Outras empresas, europeias e norte-americanas, exportam chocolate para o nosso país, apesar de em seus países não existir um único pé de cacau. Não posso deixar de ponderar que todas elas poderiam, claro, ser de brasileiros!

Não nos esqueçamos daquelas transnacionais que aqui estão a nos vender a água de nossas nascentes e o leite de nossas vacas, remetendo para seus países de origem verdadeiras fortunas a título de remessas de lucros. Quero crer que o nosso país contemple tecnologia suficiente para engarrafar água e pasteurizar leite - sim, com certeza temos capacidade suficiente para isso.

Estamos a falar, nestes e em outros exemplos, de empresas valiosíssimas, que proporcionam aos seus respectivos países vigoroso impulso econômico. Pois é. Tudo isto poderia ser brasileiro - mas preferimos sufocar nosso povo, tão empreendedor e criativo, com as amarras da burocracia, da corrupção impune, da criminalidade ostensiva e da falta de infraestrutura.

Talvez, cegos pelo provincianismo e seu filho primogênito, o extrativismo, estejamos negligenciando a sábia lição de Câmara Cascudo: “o melhor produto do Brasil ainda é o brasileiro”.

O enrolo



Dia desses li em um jornal africano um relatório sobre a fome neste planeta. Decidi, a partir dele, buscar mais alguns dados que, isoladamente, pouco diriam - mas cuja mensagem, no conjunto, chega a ser chocante.

Vamos começar considerando que neste planeta 870 milhões de semelhantes nossos passam fome. Isto significa que uma a cada oito pessoas vai dormir com fome todos os dias. Em seguida, meditemos sobre o fato de que a fome ocupa o primeiro lugar na lista de riscos para a saúde - sozinha, ela mata mais gente que a AIDS, a malária e a tuberculose combinadas.

A estatística seguinte é dolorosa: um terço de todas as mortes de crianças abaixo de cinco anos nos países em desenvolvimento está relacionado à desnutrição. Mas pensemos nas que sobrevivem: os primeiros mil dias da vida de um ser humano são a fase crítica no que toca à nutrição. Uma dieta adequada ao longo deste período é fundamental para evitar uma série de males mentais e físicos na vida adulta.

Vamos, agora, às soluções - e elas são muitas e simples. Para começar, se as mulheres que vivem nas áreas rurais tivessem o mesmo acesso que os homens a terra, tecnologia, serviços financeiros e educação o número de famintos seria reduzido em quase 150 milhões!

Prossigamos: custa apenas US\$ 0,25 por dia alimentar uma criança com todas as vitaminas e nutrientes necessários a um crescimento saudável e regular - cálculos da WFP. Concluiu-se que com menos de US\$ 100 dá para alimentar uma criança durante todo um ano. É destes números tão simples que muitas verdades começam a aparecer.

Dizem que a corrupção, e só ela, custa ao Brasil US\$ 41 bilhões a cada ano. Fiz algumas contas e concluí que com este dinheiro daria para nutrir adequadamente 410.000.000 crianças ao longo de todo um ano. Sim, só com o que se desvia no Brasil alimentaríamos quase a metade dos famintos do planeta todo.

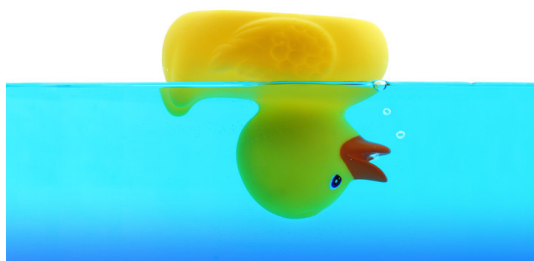
Mudemos de escala: segundo cálculos do Banco Mundial, a corrupção custa ao mundo não menos que US\$ 1 trilhão. Voltei à calculadora e concluí que com esta dinheirama resolveríamos o problema da fome de 10 bilhões pessoas - umas 11 vezes o total atual de famintos do mundo inteiro.

A conta é assustadoramente simples: se a roubalheira - e só ela - acabasse poderíamos eliminar os famintos deste planeta inteiro e ainda sobraria para atendermos outros onze, acabando com a fome das crianças de Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, Plutão e de mais dois de algum outro sistema. Seríamos os benfeitores da galáxia!

Há ainda o desperdício. Só com os alimentos desperdiçados nos EUA e Europa seria possível alimentar a humanidade inteira três vezes! Aqui mesmo no Brasil, segundo cálculos realizados pela ONU/FAO, 64% de tudo que é plantado se perdem na produção, distribuição e consumo.

Vejam que só falamos, aqui, do óbvio ululante. Porém, há alguns dias sustentou-se que com o preço de um batom dá para nutrir um refugiado lá do Quênia durante três semanas. Então é isso: a culpa da fome é dos consumidores de batom.

Os tios



Dia desses, lendo o respeitado jornal Chosun Ilbo, da Coreia do Sul, deparei-me com uma matéria digna das mais profundas reflexões, particularmente sob o pano de fundo do futuro da humanidade.

Noticiava-se ser um negócio florescente, naquele país, a contratação de um certo “serviço de tios”, destinado a ajudar crianças que estejam sendo vítimas de assédio nas escolas - algo lamentavelmente comum em um mundo no qual a instituição da família e a figura da autoridade enfrentam uma crise sem precedentes.

Funciona assim: os pais da criança que estiver sendo vítima de assédio contratam os serviços da empresa, que despacha para a escola, como se “tio” desta fosse, um daqueles tipos com aspecto de pessoa sinistra e violenta.

Este falso tio, lá chegando, providenciará na porta da escola um “barraco” de grandes proporções, ameaçando a criança que estiver assediando seu “sobrinho”, e bem assim sua família. Este “pacote” custa precisos US\$ 443 por dia.

Há também a opção, mais civilizada, de coleta de provas. Conforme esta, o suposto tio reunirá evidências do assédio, inclusive filmagens e gravações, e comparecerá diante da diretoria da escola para cobrar providências, sob pena de encaminhar o assunto para as autoridades. Para este serviço, a família desembolsará US\$ 354.

O terceiro “pacote” de serviços, entretanto, é de longe o mais, digamos assim, exótico - e caro, custando US\$ 1.772. Neste caso, o falso tio da vítima - lembremos, um brutamente de aspecto sinistro - compromete-se a ir nada menos que quatro vezes ao local de trabalho dos pais da criança autora do assédio. Lá chegando, começa a instalar um escândalo, gritando frases como “o pai de uma criança que pratica assédio trabalha ali”, seguidas das devidas ameaças e intimidações.

Fiquei a meditar sobre este quadro. Reflete ele uma crise profunda de autoridade - que o digam os professores, a cada dia mais desamparados e impotentes diante da violência instalada nas salas de aula. Traduz, também, a falência do aparelho estatal e a aurora de um trágico “salve-se quem puder”.

Mas talvez o aspecto pior seja o da decadência da instituição denominada “família” - uma das grandes responsáveis por um quadro de violência, depressão e até suicídios de crianças, algo que já começa a se tornar rotina no seio da humanidade.

A Glória



Brasil, Espírito Santo, Vila Velha, bairro Glória - um conhecido polo da indústria de confecções. Li que em função das importações de tecidos chineses cerca de 70 fábricas de lá fecharam suas portas, após uma queda entre 35% e 40% no faturamento.

Soube também que o impacto da concorrência com a China na indústria brasileira é tão significativo que 67% das empresas exportadoras brasileiras que competem com produtos chineses perderam clientes - e outras 4% simplesmente deixaram de exportar. Além disso, 45% das empresas que competem com o gigante asiático perderam participação no mercado brasileiro.

Há quem diga que o culpado é o alto custo do trabalhador brasileiro. Eu discordo. Afinal, os produtores chineses de tecidos contam com a vantagem de 27 tipos de apoio diferentes, concedidos pelos governos federal, provinciais e municipais.

Os benefícios vão desde incentivos tributários e crédito facilitado até o controle dos preços das matérias-primas, passando por fundos de apoio à exportação - esta a constatação de um estudo norte-americano.

Citarei um pequeno exemplo: quando os preços do algodão no mercado externo chegaram a US\$ 2 por libra-peso as tecelagens chinesas continuaram pagando apenas US\$ 1, graças à interferência do

Estado - que também ajuda com descontos no custo da energia, financiamentos camaradas e até terrenos para construção de fábricas.

Enquanto isso li no jornal “Deccan Herald”, lá da Índia, a seguinte notícia: “Corantes tóxicos que podem causar câncer foram detectados em alguns tecidos chineses, criando preocupação de que consumidores possam ser expostos a riscos”.

Na Arábia Saudita esta preocupação também existe. Segundo reportagem publicada pelo jornal “Al-Eqtisadiyah”, “cerca de 10% das roupas importadas [da China] contém componentes causadores de câncer”.

Repercutindo esta matéria, o jornal “Arab News” ouviu um representante do governo chinês. Segue sua resposta sobre os culpados: “são os comerciantes sauditas, que pedem sempre produtos baratos”. Simples assim.

Sou leitor diário de diversos jornais deste planeta. Poderia citar, em complemento ao que já escrevi, reportagens que encontrei sobre substâncias altamente tóxicas encontradas em produtos tão diversos como pasta de dentes, alimentos, água, móveis, calçados, brinquedos etc. - mas limitei-me, aqui, a lançar algumas luzes sobre a questão têxtil.

Não sou, e fique isto muito claro, adepto do isolamento - defendo a integração plena com outros países. Sou inimigo declarado das barreiras comerciais e defensor intransigente do livre-comércio.

Sim, nada veria de incorreto em expor nossas empresas a uma concorrência saudável. Porém, o que temos testemunhado passa ao largo do que conhecemos como “concorrência” ou “livre-comércio”.

Acredito seja chegada a hora de, com justiça e serenidade, discutirmos de forma profunda as exatas dimensões e consequências desta “abertura dos portos” promovida no Brasil ao longo das últimas décadas - e que pode levá-lo a ser um país... sem glória!

A vingança



Dia desses descobriram que o sistema penitenciário faliu. Nossas prisões, superlotadas, lentamente vão brutalizando presos e carcereiros. A todos reserva-se um declínio na saúde - em alguns casos, inclusive mental. E à sociedade, não por acaso, o convívio com um dos maiores índices de reincidência do planeta - algo em torno de 80%.

A busca por uma solução começa por longas reuniões entre representantes dos poderes Executivo e Judiciário. Já fui a dezenas delas. Quase sempre iniciam com um apelo para que se “prenda menos”. Segue-se, então, costumeira estatística demonstrando que há, pelas ruas, aproximadamente o equivalente à população carcerária com ordem de prisão sem cumprimento - de latrocidias a estupradores. Decide-se, então, após horas de discussões modorrentas, a realização de algum mutirão ou coisa do tipo - afinal, há que se dar uma satisfação à opinião pública.

Quem está passando pelo mesmo problema é o Reino Unido. Uma “solução” encontrada pelo Executivo de lá foi a de soltar milhares de presos por ano. Cogitou-se inicialmente de 25 mil deles. Enquanto isso dispararam os níveis de violência nas prisões - e o de suicídios, opção exercida a cada quatro dias. Paralelamente, a população, sofrendo com altos índices de criminalidade, protesta contra a impunidade.

Quem também cogita “aliviar” o problema soltando presos é Portugal,

às voltas com o mesmo quadro. Há também os EUA. A França. E por aí vai. Aliás, se fosse aqui enumerar os países que estão a enfrentar este desafio faltaria espaço!

O que fazer, diante de problema tão complexo? Muito se fala nas chamadas “penas alternativas”. Porém, diante da falta de fiscalização, em muitos países ela acaba virando sinônimo de impunidade. Ademais, na prática, o que vemos é uma esmagadora maioria de presos cujos crimes simplesmente não comportam tal solução.

Eis que, aqui e ali, um princípio de solução começa a surgir: facultar-se o cumprimento domiciliar de penas privativas de liberdade. Obedecidas certas condições e requisitos, diversos países já começam a permitir que alguns condenados, devidamente monitorados, cumpram suas penas em casa - e, até aqui, a experiência tem dado certo, preservando empregos, casamentos, a educação de filhos etc.. O único problema detectado: nossa cultura - cega - de vingança!

A gentileza



Dia desses um motorista distraído esqueceu de fechar o vidro do carro. No dia seguinte, após uma noite chuvosa, encontrou-o fechado - e também um bilhete: “Não queria que seu carro se molhasse. Tenha um bom dia”.

Um outro cidadão foi buscar seu carro, estacionado em uma movimentada rua, e encontrou no vidro dianteiro um recado: “Observei que seu bilhete de estacionamento estava quase vencendo e vi a fiscal descendo a rua. Comprei para você duas horas extras”.

Há também o caso de um motorista de caminhão que encontrou colado na porta deste um envelope com a seguinte mensagem: “Você não me conhece, mas eu percebi que seu veículo precisa de pneus novos. Sempre quis fazer uma bondade para uma pessoa estranha, porque um dia alguém fez o mesmo por mim. Em anexo está o recibo da loja de pneus da esquina. Basta ir lá e eles trocarão os pneus do seu caminhão gratuitamente. Tudo o que peço é que algum dia você faça algo bom para um completo estranho”.

Não nos esqueçamos do ciclista que foi apanhar sua bicicleta, estacionada na rua, após um violento temporal. Encontrou o banco devidamente protegido por um plástico, sob o qual lia-se “Um assento molhado não teria sido legal”.

Não faz muito tempo um jovem casal, com um bebê a reboque, foi a um restaurante. Enquanto faziam as contas para ver o que seria

possível pedir receberam um bilhete: “Certa vez, quando estávamos começando a vida, alguém nos pagou um jantar. Isto nos marcou profundamente. Sejam bons pais e trabalhem duro - a vida passa depressa”. Seguiu-se, então, um maravilhoso jantar absolutamente grátis.

Há o caso do casal de turistas que tomou o metrô errado em um país distante. Já na saída da estação perguntaram a um policial como fazer para chegar ao destino, que supunham próximo. Eis que o agente da lei, pacientemente, explicou-lhes que deveriam pegar outra linha. Em seguida, para espanto de ambos, foram por ele acompanhados até a porta do metrô correto. Na estação de chegada um outro policial os aguardava, com um mapa às mãos, para orientá-los. O casal insistiu em pagar os dois bilhetes, mas ouviu o seguinte: “você estão perdidos e devem ser ajudados - o valor dos bilhetes não importa, mas sim o princípio”.

Tenho arquivado o registro de cada um destes casos. Omiti, intencionalmente, onde se passaram. Pode ter sido aqui, ali, lá ou acolá - não importa. Teria também exemplos mais vistosos em meu “database”, como uma estatística segundo a qual quase metade dos atendimentos médicos do mundo todo vem do trabalho de voluntários. Ou de que a esmagadora maioria dos casos de recuperação de drogados é igualmente fruto da dedicação de pessoas que se doam sem esperar nada em troca.

Sim, eu teria belos números a mostrar. Mas hoje ficarei apenas com aqueles pequenos gestos de grandeza e gentileza das pessoas comuns, praticados sob o único impulso de saber que alguém teve um momento de alegria ou algum sofrimento atenuado. Afinal, o menor ato de gentileza vale mais que a maior de todas as intenções!

A pena



Dia desses escrevia sobre o cumprimento de penas de prisão em casa, desde que obedecidas certas condições e preenchidos dados requisitos, prática que já começa a ser adotada com sucesso em diversos países.

Dada a curiosidade demonstrada acerca do tema, a ele retorno. E o faço começando pelo caso de um certo Karl, condenado pelo sistema judicial da Suécia ao cumprimento de seis meses de prisão em função de atos de agressão.

Trata-se de um cidadão primário - aos 45 anos, foi a primeira vez que viu-se às voltas com o mundo das leis. É proprietário de uma empresa especializada em pintura que emprega nada menos que 23 pessoas. É casado e pai de duas filhas.

Imaginemos o primeiro cenário, aquele da prisão pura e simples. Nele, seguramente haveria perda de empregos e danos irreversíveis à família. O Estado arcaria com as despesas de uma prisão. Uma empresa seguramente seria encerrada, prejudicando o desenvolvimento do país.

Pensem, agora, no cumprimento domiciliar destes seis meses de prisão. Haveria, como houve, a preservação da empresa e dos empregos que gera. A família restou preservada de traumas. Restou protegida a população, dado que um condenado efetivamente esteve

fora das ruas pelo tempo da condenação. E praticamente não foi onerado o Estado - aliás, muito pelo contrário, continuou a receber os tributos que a empresa de Karl gera.

Entrevistada, uma servidora do Ministério da Justiça sueco detalhou que as despesas do Estado nos casos de prisão domiciliar são 85% menores - isto sem contar os custos sociais e indiretos. E para um mesmo resultado: o isolamento de um condenado.

Por falar em custos sociais, recente pesquisa realizada no Reino Unido demonstrou haver uma relação direta entre a prisão do pai ou da mãe durante a primeira infância do filho e a prática de crimes na vida adulta - relação esta sensivelmente reduzida quando o cumprimento de pena é domiciliar.

Fique claro não estar eu a recomendar a adoção generalizada desta opção - lá, como aqui, há que se observar as peculiaridades de cada caso. Mas eis aí, sem dúvida alguma, um bom caminho para reduzirmos a crise das prisões.

Em um tempo no qual tanto se fala em “ressocialização”, é surpreendente que nosso país tanto insista na política criminal das masmorras - uma vingança cara e inútil, afinal.

Os maiores



Dia desses pensava sobre o quanto é querida a educação. Todo mundo é a seu favor. Nunca encontrei quem fosse contra. Nunca vi quem defendesse não ser ela fundamental para o futuro da humanidade.

Surpreendentemente, no entanto, li que a cada sete minutos um professor é agredido lá no Reino Unido. Cataloguei casos de mestres mordidos, arranhados, chutados, socados, linchados pelos alunos e até assassinados. Na Europa, a cada ano, 1,5 milhão de professores enfrentam esta dura realidade. E ninguém resolve o problema. O Estado tão poderoso, que tanto investe em armas e segurança, não consegue impor a ordem nem nas salas de aula. É assim que se gosta da educação?

Nunca falta dinheiro para a educação. E assim pesquisadores ingleses gastaram milhões para descobrir se um pinguim olha para o céu quando passa algum avião. Na Suécia cientistas investiram outros milhões para concluir que galinhas preferem seguir pessoas bonitas fisicamente. Nos EUA outra fortuna foi gasta para apurar a relação entre

a música sertaneja e os índices de suicídio. Enquanto isso, 25% das crianças norte-americanas passam fome. Na Europa são em média uma a cada sete crianças. É assim que se ama a educação?

Os recursos para a educação devem ser tratados com total seriedade. E lá está a Controladoria Geral da União denunciando irregularidades em 73% dos municípios brasileiros. E segue firme a frequente compra de equipamentos caríssimos que quase nunca serão usados porque falta nas salas de aula a estrutura mais básica necessária. É assim que se cultua a educação?

Trombeteia-se que uma escola não forma apenas estudantes - forma cidadãos. Apregoa-se que quem abre uma escola fecha uma prisão. Paradoxalmente, no entanto, noções as mais básicas da vida real passam ao largo das salas de aula. Será mais fácil uma criança nelas aprender qual o nome do navio que conduziu José Bonifácio ao exílio do que receber uma mínima noção sobre, por exemplo, o funcionamento das leis. As consequências são terríveis: 67% das empresas enfrentam dificuldades na contratação de trabalhadores qualificados. É assim que se homenageia a educação?

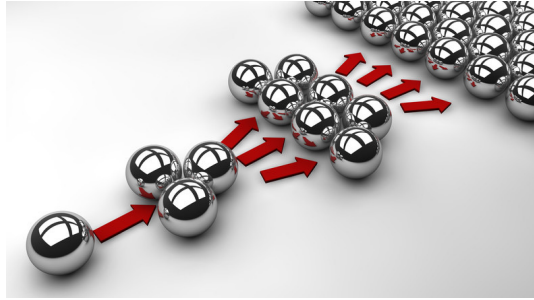
Berra-se, pelas esquinas afora, que aos estudantes deve se proporcionar a saúde necessária a todo e qualquer bom desempenho escolar. Para nossa surpresa, porém, 6,8 milhões de alunos brasileiros assistem aulas em escolas desprovidas de abastecimento de água, e 5,2 milhões não tem sequer água potável para beber. Há ainda outras 20 milhões de crianças que estudam em escolas desprovidas de esgoto - milhares morrem a cada ano por conta disso, segundo o UNICEF. É assim que se ama loucamente a educação?

Grita-se, aos quatro ventos, que crianças devem estudar em um ambiente de paz e serenidade - de outra forma, gravemente comprometido estará o aprendizado. No entanto, lá estão pelos jornais as notícias de que traficantes controlam o funcionamento de escolas. É assim que se reverencia o sagrado ensino?

Pois é. Talvez, afinal, o maior problema dos menores sejam os

maiores.

A ciência



Você já ouviu falar de Gary Slutkin? Trata-se de um médico norte-americano, epidemiologista da Organização Mundial da Saúde (OMS). Por volta de 1995, após longos anos lutando contra doenças infecciosas na Ásia e na África, ele retornou para sua cidade - Chicago, nos EUA.

Lá chegando, confessou-se chocado com os índices de criminalidade que encontrou: “eu vi toda aquela violência acontecendo nos EUA e, como passei tanto tempo fora, não fazia ideia. Vi nos jornais e na TV que havia garotos de 14 anos atirando na cabeça de meninos de 13 anos. Se matando. Eram garotos atirando uns nos outros”.

Naquela época, entre 1994 e 1999, 4.663 pessoas foram assassinadas em Chicago. Intrigado, este médico decidiu estudar o problema. E notou uma série de semelhanças entre a violência em Chicago e as epidemias contra as quais lutara.

Logo de início ele percebeu que os crimes estavam ocorrendo em lugares e momentos específicos. Mais: pareciam multiplicar-se como uma doença infecciosa. Seguiu-se a conclusão, lógica, de que a criminalidade deveria ser enfrentada segundo as estratégias de saúde pública.

A primeira regra foi a de que a violência não deveria ser tratada como “um problema de pessoas ruins” - antes, como uma doença contagiosa, a ser objeto de prevenção e eventual mitigação. Em Uganda, por exemplo, ao lutar contra a AIDS, ele aprendeu que as pessoas só

ouviam conselhos sobre sexo seguro se viessem de alguém em situação análoga à delas. Assim, em Chicago, ele recrutou ex-criminosos para dialogar com as gangues, identificando situações e indivíduos de alto risco, intervindo em disputas antes que se transformassem em ciclos de violência. Um destes assim disse: “esses caras não vão ouvir a polícia, mas nós temos uma reputação e credibilidade nas ruas. Nós falamos a língua deles”.

Vamos aos resultados: nas áreas em que estes “interruptores de violência” atuaram os tiroteios caíram em até 40%. Outras cidades seguiram o exemplo, como Los Angeles, Nova York e Baltimore. Em Glasgow, no Reino Unido, foi-se além: adotou-se uma estratégia mais ampla de saúde pública, a envolver educação, saúde e serviços sociais. O resultado: redução de 50% nos homicídios entre 2004 e 2017.

Fico a pensar no Brasil. Já não terá passado da hora de sermos mais científicos no combate ao crime?

O elefante



Nos idos de 1968 meu saudoso pai, então Deputado Federal, apresentou um requerimento ao Ministro da Fazenda. O objetivo era simples: saber quanto o país estava gastando com o pagamento dos juros sobre a dívida pública. A resposta: US\$ 153 milhões.

Após lamentar tal estado de coisas, porquanto “as nossas indústrias e o nosso comércio estão enfrentando grandes dificuldades e muitas até mesmo fecham suas portas”, concluiu por pedir “providências enérgicas e imediatas para se por cobro a esse horroroso estado de coisas”.

Passou-se o tempo e chegamos a 2006. Naquele ano, calculadora à mão, apurei que os recursos destinados no orçamento nacional para custear toda a Previdência Social, a Assistência Social, a Saúde, a Educação, o Trabalho, a Reforma Agrária, a Segurança Pública, o Urbanismo, a Habitação, os Direitos da Cidadania, o Desporto e Lazer, a Cultura e até o Saneamento, somados, davam R\$ 317 bilhões. Ou R\$ 7,9 bilhões a menos do que pagamos a título de juros - só de juros - naquele ano.

Quatro anos depois noticiou-se que “o governo brasileiro gastou o equivalente a 45% do Orçamento de 2010 pagando juros”.

Segue a realidade do ano seguinte, 2011: “O governo gasta com juros atualmente mais do que o triplo do que despende com o Ministério da Educação”.

Alcançamos 2016, quando o Brasil reduziu em 23% seu gasto com juros em comparação com 2015 - e mesmo assim esse montante foi de R\$ 407 bilhões. Naquele ano divulgou-se que este valor correspondia a 7,6% do Produto Interno Bruto, o quarto maior encargo dentre 183 países pesquisados. Só perdíamos para o Líbano (9,15% do PIB), Gâmbia (8,81%) e Iêmen (8,36%), países em situação de conflito e sob elevado risco de inadimplência.

Precisamente meio século depois do já distante ano de 1968 consultei o Jurômetro da FIESP: '2018 ainda está algo longe de acabar, mas já nos consumiu uns bons R\$ 331 bilhões a título de pagamento de juros'. Esta montanha de dinheiro seria suficiente para construir 315.996 escolas. Ou 5.038.422 casas populares. Ou 110.117 km de ferrovias. Ou para conceder 1.245.056.683 benefícios do Bolsa-Família. Ou 798.883.341 cestas básicas.

Saudamos a aurora de uma nova década - mas não de uma nova realidade: "As despesas com juros superaram os gastos juntos, em 2023, dos Ministérios da Saúde, da Educação e do Desenvolvimento e Assistência Social - responsável pelo Bolsa Família". O montante gasto: R\$ 816,2 bilhões.

Agosto de 2024. Retornei ao Jurômetro. Já havíamos gasto, nos sete primeiros meses do ano, R\$ 246 bilhões pagando juros - suficientes para construir 81.901 km de ferrovias ou 302 aeroportos.

Dizem ser muito fácil ocultar-se um elefante em uma plantação de morangos: basta pintar as unhas dele de vermelho. Deve ser verdade, já que temos passado as décadas a discutir a eliminação de direitos do bode expiatório, digo, do povo, e a entrega, digo, venda, do patrimônio público, a fim de que tenhamos mais recursos para nutrir o paquiderme dos juros - que segue em paz, longe dos holofotes.

As importações



Dia desses li que o Brasil houve por bem importar em torno de um milhão de toneladas de soja de seu principal competidor no mercado global, os EUA. Recentemente anunciou-se, também, importação de trigo do Canadá e dos EUA. E de feijão da Argentina, do Paraguai e da Bolívia. Há ainda a importação de café em grão do Peru. E que dizer do pescado? Importamos mais de um terço do que consumimos, conforme informado pelo Governo Federal.

Enquanto isso, uma empresa russa começou a fazer as primeiras entregas de gás natural liquefeito ao nosso país - que irá cerrar fileiras com o gás que tradicionalmente importamos da Bolívia. Por falar em combustíveis, soube que o diesel importado dos EUA, que em 2015 respondia por 41% do total, em 2017 chegou a superar 80%. Descobri, também, que somos importadores regulares do etanol norte-americano. Ainda sobre a questão energética, recentemente foi autorizada a importação de energia elétrica da Argentina e do Uruguai. Não desprezemos, é claro, as importações relacionadas à área industrial. Neste campo, em apenas três anos, importamos US\$ 141 bilhões em máquinas, peças e embarcações.

Encerro esta relação sinistra com a seguinte notícia: “1.200 toneladas de lixo exportadas ilegalmente serão devolvidas pelo Brasil à

Inglaterra. O volume equivale ao produzido por 900.000 pessoas em um dia e inclui banheiros químicos, seringas e preservativos usados”. Ela não é isolada - há relatos de importação de lixo que vão desde material hospitalar até pneus, passando por dejetos químicos.

Pois é. Somando tudo, somos o 21º maior importador do planeta. Nada contra importarmos, e fique isto muito claro. Sou um defensor do livre comércio e um entusiasta da competitividade que apenas este gera.

Só acho difícil de entender como alcançaremos índices razoáveis de desenvolvimento importando, por exemplo, café! Ou peixe! Ou combustível! Ou energia elétrica! Eis algo que, decididamente, meu peço bestunto não assimila.

Não nos esqueçamos dos serviços: de sanduíches a transporte de passageiros, muito do que o suor brasileiro produz vai para o exterior, sob a forma de licenças ou remessa de lucros. Nada contra as licenças, mas... para coisas tão banais?

Mudar isso é difícil, mas possível: basta que cultivemos algo denominado “conscientização nacional”.

Reage, Brasil!



Nos idos de 2021 o Banco Mundial publicou um estudo denominado “Doing Business Subnacional Brasil”, no qual compara o ambiente de negócios para empresas nacionais em 27 localidades brasileiras com o de outras 190 economias. Transcrevo a seguir algumas de suas conclusões.

Alertou-se para o fato de que “o Brasil é uma das 15 economias - entre as 191 medidas em todo o mundo - onde a abertura de uma empresa requer pelo menos 11 procedimentos. O processo de abertura de uma empresa no Brasil requer, em média, três semanas e custa o equivalente a 5,1% da renda per capita anual. A complexidade do registro de uma empresa deve-se principalmente ao envolvimento de nada menos do que seis diferentes órgãos públicos em todos os níveis de governo - municipal, estadual e federal”.

Apurou-se, complementarmente, que “no Brasil, são necessários três procedimentos a mais do que a média das economias da América Latina e o Caribe”.

Uma outra advertência: “Cumprir com os requisitos de licenciamento para um armazém comercial demora seis meses a mais no Brasil do

que na média das economias de alta renda da OCDE e o dobro do tempo da média dos países do BRICS”.

Detalhou-se que "a obtenção de alvarás de construção requer 22 procedimentos, leva 323 dias e custa 1,4% do valor do armazém”, sendo que "na Federação Russa e na Índia, por exemplo, só são necessários 13 e 15 procedimentos”.

Não estamos a falar de pouca coisa: “a construção civil é um componente importante da economia do Brasil, representando 3,3% do PIB em 2020”.

Até a simples compra e venda de imóveis foi objeto de sérias observações: “A transferência de propriedades no Brasil requer, em média, 15 procedimentos, 39 dias e custa 3,2% do valor do imóvel. O processo é, do ponto de vista de procedimentos, o mais complexo do mundo”.

A propósito, apurou-se o absurdo de que "cerca de metade da população urbana carece de direitos de propriedade formais sobre seus bens imóveis”.

Não nos esqueçamos da questão tributária: “Pagar tributos pode ser difícil no Brasil. Os tributos são declarados e pagos on-line, mas as empresas enfrentam vários obstáculos para cumprir com as suas obrigações em um dos sistemas tributários mais complexos do mundo, com uma alta carga tributária e longos processos pós-declaração”.

Ponderou-se, a propósito, que "altas cargas tributárias e obrigações onerosas têm impacto negativo sobre o empreendedorismo e o investimento e aumentam a informalidade”.

Finalmente, digna de menção uma grave sinalização sobre o funcionamento do mundo das leis: "Resolver uma disputa comercial nas varas cíveis no Brasil leva em média 32 meses e custa 27,2% do valor da ação (estimado em R\$66.965,00). Esse processo é mais demorado e mais oneroso do que a média dos países de alta renda da OCDE”.

Confesso que saí desta leitura chocado. Afinal, os problemas - meramente burocráticos - destacados são tão singelos quanto históricos. Trata-se de algo básico demais. Será mesmo possível que até estes estejam acima do nosso bestunto?

Os brasões



Dia desses tomei conhecimento de uma significativa certidão, datada e assinada por um Oficial de Justiça. Dava conta da impossibilidade de intimar dada pessoa por conta da absoluta falta de condições de trafegar no bairro onde esta residia - trata-se de uma área sob o controle do crime organizado.

De onde é esta certidão? De praticamente todas as grandes cidades brasileiras. De quando? Há décadas é assim.

Fiquei a meditar longamente sobre este quadro. Afinal, tudo isto vem acontecendo ali do lado, à vista de todos, a poucos metros das sedes de poderes constituídos da República Federativa do Brasil ou de suas instituições mais sagradas.

A verdade amarga é que a cerca de 3 km de qualquer sede de poder constituído de praticamente qualquer grande cidade brasileira há bairros nos quais a lei que impera é a do crime. São locais nos quais o Estado raramente se atreve a entrar, seja para qual finalidade for.

Coloquei-me a meditar sobre o documento que deveria ter sido objeto de cumprimento pelo Oficial de Justiça. Ele inicia exibindo um vistoso brasão. Logo abaixo, a indicação “Poder Judiciário”. Mais alguns centímetros e pode-se ler a expressão “O Exmº Sr. Dr. ... MANDA ... ao Oficial de Justiça ... que intime” dada pessoa.

Fico a pensar na cena de um meirinho suplicando a um “chefão do crime” que aponha seu “cumpra-se” a tal vetusto documento, tão pródigo em brasões e títulos. Talvez, no final das contas, o dito cujo esteja a entender que “Excelência”, “Senhor” e “Doutor” seja ele - e dentro de um raciocínio rigorosamente lógico, pois na realidade foi quem conferiu validade prática ao mandado judicial.

Que dizer da imagem de um emissário do tão solene "Mundo das Leis" enfrentando, com seu vistoso mandado judicial, escopetas e até granadas de mão em plena luz do dia? Não o protege documento tão sério - e nem sua reluzente identidade funcional, não menos rica em títulos, brasões e advertências.

Contemplo a bandeira do Brasil. Leio a expressão “Ordem e Progresso”, tão orgulhosamente ali lançada. Começo a compreender por qual motivo o desenvolvimento nos tarda tanto a chegar.

Talvez, diante desta realidade tão pungente, devêssemos pensar em retirar de nossos documentos oficiais os brasões e títulos que os adornam - seria menos humilhante para todos nós. E para o Brasil.

Uma alternativa



Há alguns dias li um relatório publicado pela Universidade da Pensilvânia (EUA) sobre o tormentoso tema das prisões. Fruto de extensa pesquisa, deveria ser objeto de reflexão por uma humanidade a cada dia mais preocupada em punir que em ressocializar.

Os pesquisadores, Paul H. Robinson e Jeffrey Seaman, iniciam suas conclusões com uma constatação simples: cerca de 2/3 dos acusados sentenciados recebem uma pena de prisão. Eles são ressocializados? Não: entre 2005 e 2014, após terem cumprido suas penas, 68% dos condenados voltaram à prisão em três anos, 79% em seis anos e 83% em nove anos.

Tradução: nossas prisões não funcionam. Devolvem às ruas - as mesmas que frequentamos com nossas famílias - criminosos talvez mais perigosos do que quando nelas entraram. Trata-se, pois, de um modelo ineficiente - e caríssimo. Os EUA gastam a cada ano mais de US\$ 80 bilhões apenas com a operação de suas prisões.

Os prejuízos, porém, não se limitam à manutenção do sistema prisional. Há um outro, estimado em US\$ 70 bilhões a cada ano, relativo à perda de produtividade dos encarcerados. Não nos esqueçamos de suas famílias. Da redução de expectativa de vida. Dos custos com tratamento médico. Ao fim do cabo, os autores citam um estudo segundo o qual os prejuízos anuais - diretos e indiretos - causados pela política de encarceramento montam a mais de US\$ 1 trilhão.

Convenhamos: ‘é muita coisa para pouca coisa’...

Estaria a solução nas denominadas “penas alternativas”? Não. Apurou-se que 94% dos condenados por crimes violentos já o haviam sido anteriormente por delitos menores. Ou seja, não é inteligente qualquer tipo de leniência em matéria criminal.

Discute-se, então, a adoção de um novo modelo: o da “prisão eletrônica”. Seria, no mais das vezes, uma prisão domiciliar ou uma liberdade rigidamente controlada com o uso intenso e extenso de ferramentas tecnológicas - de braceletes a câmeras pessoais.

Apurou-se que seria possível o uso deste modelo em 40% da população carcerária, com imensos ganhos econômicos e sociais.

Iniciemos pela parte econômica. Cada preso custa, apenas em despesas diretas, US\$ 30 mil por ano. Enquanto isso uma prisão domiciliar com o uso de braceletes onera o Estado em apenas US\$ 800 - US\$ 1.800 se acrescentarmos monitoramento por câmera corporal.

Refletamos, em seguida, sobre a parte social. Na imensa quantidade de famílias - crianças incluídas - que seriam preservadas de traumas. De empregos que seriam mantidos. De tributos que continuariam sendo pagos.

Realço que tal modelo não importa em impunidade alguma: os condenados estariam, afinal, afastados das ruas - ou seja, restaria preservada a dignidade de suas vítimas e da própria sociedade como um todo.

Encerro este texto com uma grave ponderação do Dr. Drew Gray, da Universidade de Northampton (Reino Unido): “Nós queremos realmente ressocializar criminosos ou simplesmente trancá-los? As prisões não funcionam, nunca funcionaram, e, a menos que mudemos nosso jeito de pensar, jamais funcionarão”.

O Mercosil



Está com saudade daquele queijo delicioso adquirido durante uma viagem pelo interior? Lembra daquela linguiça saborosa que seu parente trouxe de algum lugar distante? Ou daquele sabonete artesanal maravilhoso comprado em alguma feira regional? Ou, ainda, daquela manteiga que só se encontra em um dado município - e que combina à perfeição com o pão e o café produzidos em um outro?

Agora levante-se e vá a algum mercadinho - qualquer um - para nele encontrar, por exemplo, queijos holandeses, linguiças alemãs, sabonetes italianos, manteiga francesa, pães austríacos e café vietnamita. Dificilmente, porém, um daqueles produtos regionais brasileiros!

É difícil de entender um quadro desses! Exportamos empregos e enfraquecemos a economia nacional de uma forma absolutamente primária. Entregamos o esforço de tantos brasileiros a um desamparo cruel. Nós, e somente nós, os condenamos aos confins do Brasil, limitando-os em tamanho e dignidade.

O culpado maior, como sempre, responde pelo nome de “burocracia”, origem da esmagadora maioria das barreiras comerciais que impedem brasileiros de vender produtos - feitos aqui - para brasileiros.

Há não muito tempo os canadenses decidiram estudar este problema. Descobriram que a simples remoção das barreiras comerciais

internas proporcionaria ao país ganhos estimados em US\$ 200 bilhões a cada ano!

Apurou-se também que o Produto Interno Bruto (PIB) do Canadá é em média 5,05% menor somente por conta dos custos e restrições impostas pelas barreiras comerciais internas. Fico a pensar nos números brasileiros...

Porém, praga pior nos atinge: o tratamento claramente discriminatório dispensado às pequenas empresas regionais em nosso país, quando comparadas às grandes transnacionais aqui instaladas - estas, não raramente, são presenteadas com benefícios fiscais e facilidades de crédito governamental. Já aquelas... ora, aquelas!

Nas últimas décadas vimos nosso país promover uma segunda “abertura dos portos”, desnacionalizar vasta parcela de sua economia e desindustrializar-se a um ponto perigoso. Nós o temos visto a tentar reduzir barreiras comerciais com estrangeiros, a torto e a direito.

Pois é. Talvez, fascinados por tanta “globalização”, não estejamos percebendo que uma boa iniciativa seria criar, ontem, o Mercosil - Mercado Comum do Brasil.

As instituições



Na Alemanha existe uma cidade chamada Rothenburg. Nela acha-se localizado o Museu do Crime. E nele uma relação das penas mais humilhantes concebidas nos anos sombrios da Idade Média.

Duas mulheres brigaram? Eram amarradas a um pedaço de madeira de tal forma que suas faces ficassem a poucos centímetros uma da outra - e nesta posição permaneciam dias inteiros, em praça pública, sob as gargalhadas de quem por lá passasse.

Havia também uma gaiola na qual outros condenados eram exibidos em algum local público. A todos os transeuntes era permitido ofendê-los à vontade - e quem não se satisfizesse com ofensas verbais poderia lançar sobre eles até dejetos.

Felizmente essas penas degradantes foram extintas. É gratificante vermos que o planeta se civilizou. Dia desses fiquei a pensar sobre isso ao ler uma relação de penas recentemente aplicadas nos Estados

Unidos da América.

Em Houston, por exemplo, Daniel e Eloise Mireles foram condenados, em função de um furto, a permanecer diante de um centro comercial cinco horas a cada final de semana segurando uma placa com os dizeres “Sou ladrão” - isto durante seis anos. Para completar, um aviso foi colocado diante da casa deles, avisando a todos que lá moravam dois ladrões.

Em Wisconsin Shane McQuillan resolveu dirigir embriagado e bateu no portão de uma empresa. Foi condenado a ficar oito horas em um lugar público segurando uma tabuleta na qual lia-se a expressão “Eu fui estúpido”.

Há também o caso de Curtis Robin, morador do Texas. Ele deu uma surra no enteadado com uma antena de carro, e por conta de tal brutalidade foi condenado a dormir 30 noites consecutivas em uma casinha de cachorro medindo 2 x 3 metros. A fiscalização do cumprimento desta pena foi rigorosa: determinou-se que a polícia passasse lá sempre que possível para ver a quantas ia o sono do condenado - cuja única regalia foi poder levar uma tela de proteção contra mosquitos.

Na Pensilvânia Evelyn Border e sua filha Tina Griekspoor foram apanhadas furtando um vale-presente de uma criança. Por conta disso ei-las no meio da rua, diante de um juizado, segurando um cartaz no qual lia-se “Eu furtei de uma criança de nove anos no dia do seu aniversário. Não furte ou isso poderá acontecer com você”.

E que dizer de Jessica Lange e Brian Patrick, moradores de Ohio, que defecaram sobre uma estátua? Acabaram condenados a desfilarem 30 minutos pela cidade afora montados em um burro carregando uma placa na qual lia-se “Desculpem pela ofensa idiota”.

Mais recentemente uma mulher de Cleveland foi flagrada ultrapassando um ônibus pela calçada. Julgada, viu-se condenada a passar dois dias no local ao lado de uma imensa placa com os dizeres:

“Só uma idiota poderia dirigir sobre a calçada para ultrapassar um ônibus escolar”. Detalhe: depois do primeiro dia de cumprimento de pena o juiz declarou que iria pessoalmente fiscalizar o segundo, de forma a garantir a maior humilhação possível à condenada.

Diante destes exemplos fico a pensar em nossas instituições.

Destruidores



Dia desses tive o privilégio de assistir a uma já antiga entrevista no Programa Roda Viva. O entrevistado era o Dr. Ozires Silva. Chamou-me a atenção sua extraordinária lucidez, que os anos não afetaram.

Lá pelas tantas surgiu uma interessante dúvida: por qual motivo nosso país não apresenta nenhum ganhador do Prêmio Nobel? Dei-me ao trabalho de fazer uma rápida pesquisa, antes de aqui anotar a resposta dada pelo entrevistado.

Apurei que este nobre prêmio já foi concedido à África do Sul (10 vezes), Albânia (2), Alemanha (107), Argentina (5), Austrália (13), Áustria (19), Azerbaijão (1), Bangladesh (2), Bélgica (11), Bielorrússia (5), Myanmar (1), Bósnia e Herzegovina (2), Bulgária (1), Canadá (23), Chile (2), China (10), Chipre (1), Colômbia (2), Coreia do Sul (1), Costa Rica (1), Croácia (2), Dinamarca (14), Egito (4), Eslovênia (1), Espanha (7), EUA (369), Ilhas Faroé (1), Finlândia (5), França (68), Gana (1), Grécia (2), Guatemala (2), Hungria (12), Yemen (1), Índia (9), Irã (1), Irlanda (8), Israel (12), Itália (20), Japão (27), Letônia (1), Libéria (2), Lituânia (2), Luxemburgo (2), México (3), Nigéria (1), Noruega (14), Nova Zelândia (3), Holanda (20), Palestina (1), Paquistão (2), Peru (1), Polônia (15), Portugal (2), Quênia (1), Reino Unido (129), República Checa (5), Romênia (4), Rússia (27), Santa Lúcia (2), Sérvia (1), Suécia (31), Suíça (26), Taiwan (1), Timor-Leste (2), Trinidad e Tobago (1), Tunísia (1), Turquia (3), Ucrânia (5), Venezuela (1) e Vietnam (1).

Intrigante, não? Brasil: zero! Nunca! Jamais! Por que será? Eis aí, decerto, uma pergunta de difícil resposta. E eis que o entrevistado contou tê-la feito precisamente a três membros do comitê julgador do Prêmio Nobel, durante um jantar em Estocolmo. Após algum constrangimento, ouviu a seguinte resposta: “Vocês, brasileiros, são destruidores de heróis”. Revelou-se, então, que, diversamente do que ocorre com outros países, qualquer brasileiro cotado é imediatamente desqualificado por seus próprios compatriotas.

Eis aí uma verdade dolorosa. Heróis, nesta terra, só os estrangeiros. Desconfiamos das intenções e do caráter de qualquer brasileiro que faça algo. Nós somos assim. Fiquei a recordar, triste, uma célebre frase de Machado de Assis: “está morto, podemos elogiá-lo à vontade”.

As muralhas



No ano 122 o Império Romano decidiu isolar do mundo civilizado os pictos, que viviam ao norte da Inglaterra. Assim, por ordem do Imperador Adriano, foi construída uma muralha de uns 117 quilômetros de extensão, 4,5 metros de altura e 2,4 metros de largura.

Na Índia, nos idos de 1443, Rana Kumbha determinou a construção da muralha de Kumbhalgarh. Com 36 quilômetros de extensão, esta obra serviria como proteção frente aos povos incultos que então percorriam aquela região.

Não podemos nos esquecer, evidentemente, da Grande Muralha da China. Segundo consta, sua construção foi iniciada no ano 7 antes de Cristo. O incrível foi a extensão que alcançou: mais de 20 mil quilômetros, através de montanhas, desertos e rios.

Tempos bárbaros, aqueles! Do lado de cá a civilização e a riqueza, em contraste com a ignorância e a ganância dos que viviam do lado de lá - o resto do mundo. Mas dizem que, de lá para cá, a humanidade evoluiu.

Sou forçado a concordar: realmente a humanidade encontra-se, hoje, em um estágio mais avançado - na construção de muralhas, claro! Começo pela que construíram na fronteira entre os Estados Unidos da América e o México: são três barreiras de contenção equipadas com sensores eletrônicos e sistemas de visão noturna. Em Tijuana, México, três mil cruzeiros simbolizam os imigrantes que faleceram tentando cruzar a fronteira.

Há ainda a grande muralha que separa Israel dos palestinos - são cerca de 700 quilômetros de extensão, com uma zona de exclusão de 60 metros ao redor. Em alguns trechos ela alcança oito metros de altura. Enquanto isso, na Grécia projeta-se a construção de um muro de 12,5 quilômetros para frear o fluxo contínuo de imigrantes asiáticos e africanos.

Não nos esqueçamos de Melilla, cidade espanhola encravada na África, cercada por uma muralha de 12 quilômetros, um fosso de três metros de profundidade e reforçada por sistemas eletrônicos de última geração.

Por falta de espaço encerro aqui - afinal, a verdade é que nunca a humanidade teve diante de si tantas muralhas e barreiras! Ora isolando povos, ora países e até mesmo ricos de pobres dentro de uma mesma cidade, lá estão elas simbolizando o fracasso desta globalização tão cantada em prosa e verso!

O pecado maior desses muros, porém, tem sido separar os problemas de suas soluções. Varrê-los para debaixo de algum tapete. Tornar desagradável qualquer debate sobre “o lado de lá”.

Há mendigos pela rua? Ao invés de terem sua miséria tratada, que sejam escondidos atrás de alguma parede, digo, muralha. Menores infratores? Ao invés de receberem, desde o nascimento, saúde, educação e segurança condignas, que sejam ocultados do lado de lá de algum muro. Favelados miseráveis? Ao invés de receberem condições humanas de vida, que fiquem por lá, isolados atrás das tantas barreiras

invisíveis - e até mesmo visíveis - que temos construído. Enquanto isso, olhe para sua casa: protegida por muros, grades, alarmes etc., ela não se parece a cada dia mais com uma fortificação medieval?

Ninguém segura!



Olho pela janela. Contemplo uma procissão de retirantes. Fogem dos tiroteios de um morro próximo. De cabeça baixa, retratando uma humilhação que nos atinge a todos, seguem pela rua afora carregando suas trouxas. Muitos terão como casa a vida e como endereço o mundo.

Mas há algo errado na cena: a procissão segue em silêncio! Eis o que falta: uma trilha sonora adequada ao quadro! Talvez o “Requiem” de Wolfgang Amadeus Mozart. Ou o de Gabriel Fauré. Surpreendentemente, no entanto, ela surge, pelas mãos de torcedores reunidos em um prédio próximo! Agitando bandeiras do Brasil, celebrando um jogo de futebol da seleção, começam a cantar e exclamar um sonoro “Viva o Brasil”!

Animadamente chegam ao refrão da música, uma certa “Eu te amo meu Brasil”, atribuída aos “Incríveis” (e nunca tão oportuna a referência). Cantam, a plenos pulmões, “Eu te amo, meu Brasil, eu te amo. Ninguém segura a juventude do Brasil”. Deve ser verdade - que o digam os retirantes.

A triste procissão segue seu curso. Passa diante de reluzentes prédios públicos - muitos deles abrigando importantes instituições, daquelas simbolizadas por vetustos brasões e símbolos magnos da república. À porta, tremulam os pavilhões nacional e estadual. E prossegue o fundo musical: “Eu vou ficar aqui, porque existe amor”.

Converso com um dos retirantes, meu conhecido de longa data. Com o olhar sem brilho e a voz embargada, me descreve o horror da noite anterior, entrecortada por disparos de revólver e metralhadora. Ao nosso lado, a música continua: “As noites do Brasil tem mais beleza, lá, lá, lá, lá”.

Sou apresentado, por intermédio de uma senhora, às lágrimas de sua neta, traumatizada pela cena dos meliantes portando armas pesadas ostensivamente, à luz do dia, e dos cadáveres que produzem impunemente. Com o coração apertado pela desesperança que testemunho na face daquela criança, mais música chega aos meus ouvidos: “Mulatas brotam cheias de calor. No Carnaval, os gringos querem vê-las”.

Vejo a procissão dobrando a esquina da rua e da vida. Ouço a música ao fundo. Passa-me pela mente a orquestra do tristemente célebre navio Titanic, embalando, com seus acordes, um naufrágio de proporções dantescas. Mas logo afasto qualquer associação com o quadro que vejo - afinal, lá a música traduzia compaixão.

Uma oração



Dia desses meditava sobre o futuro do Poder Judiciário. Será que o teremos? No Reino Unido, por exemplo, já discute-se a privatização de todos os serviços judiciais - todos! Pelo mundo afora um lento mas constante processo de corrosão nos descaracteriza e subordina de forma crescente aos caprichos do sistema político.

Fico a recordar o famoso conselho de Benjamim Disraeli à Rainha da Inglaterra: “Majestade, o povo está insatisfeito e clama por mudanças. Se elas não forem feitas por nós serão feitas sem nós - e, o que é pior, contra nós”.

Contemplo o presente. Apenas 2% do que acontece nas ruas chegam ao “mundo das leis”. Existimos mais como fator de contenção que como força de solução.

Será mesmo que teremos algum futuro? Ou somos a última geração ativa desta instituição?

Eu desconheço a resposta. Apenas sei que nosso tempo de reação aproxima-se do fim. Não nos contempla mais a passividade. E, como alerta a canção, “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

Mas o que fazer?

Humildemente sugiro que nos afastemos das discussões cotidianas rumo a um ponto de vista mais amplo - e que lá, serenamente, façamos uma súplica ao Criador.

Senhor, temos uma instituição em crise, a apequenar as ruas e a ser por elas apequenada.

Dai-nos luz para que compreendamos a falência do nosso sistema legal. O esgotamento de um modelo institucional que nos afasta da justiça.

Que tenhamos sabedoria para conceber estruturas legais e institucionais compatíveis com o século XXI e com a realidade do nosso país, porque temos vivido na alienação.

Que não vejamos nos sistemas eletrônicos panaceia alguma, porque temos digitalizado a burocracia e chamado isto de modernização.

Que não fiquemos a inchar nossos quadros inutilmente e chamar isto de fortalecimento institucional, porque sob o sistema vigente nunca teremos recursos humanos suficientes.

Que não insistamos na construção de mais juizados e tribunais, porque não temos condições de utilizá-los devidamente.

Que tenhamos noção do ridículo ao trombetear a eliminação de alguma formalidade menor como tendo sido importante desburocratização, porque já a findar a paciência das pessoas.

Que compreendamos, enfim, que “mais da mesma coisa” pouco resolverá - apenas aumentará o sacrifício do povo.

Inspira-nos, Senhor, para o futuro.

Que não passemos anos a fio a discutir se dado processo é

municipal, estadual ou federal, se é daqui ou dali, de lá ou de acolá, porque isso semeia a descrença em nossa instituição - e, afinal, somos todos juízes.

Que não percamos horas a ler textos em longas sessões, porque isso provoca sono nos ouvintes e nos apequena.

Que não pratiquemos atos inúteis ou ridículos por conta da burocracia cega, porque isso nos mediocriza enquanto profissionais.

Que amanhã, enquanto julgadores criminais, não nos seja imposto ouvir desnecessariamente pessoas que já foram ouvidas durante o inquérito, porque isto as degrada, diminui a autoridade policial e nos humilha.

Que compreendamos que nossas abarrotadas masmorras, digo, prisões, não são e nunca serão suficientes, porque isto nos abrirá novos caminhos baseados na ciência e na lógica.

Que nossas masmorras, digo, prisões, dado serem habitadas quase que somente por miseráveis, nos façam perceber que temos dado aos poderosos direitos que eles não tem ou negado aos fracos direitos que eles tem - o que nos coloca em pecado mortal.

Renove, Senhor, nossa rotina de trabalho.

Que nossos sistemas tecnológicos priorizem a simplicidade, porque eles são apenas um meio, e não um fim.

Que sejamos sábios no uso da denominada “inteligência artificial”, porque ela é incapaz de aprender o que quer que seja - é apenas um algoritmo “burro” que calibramos, e de forma opaca.

Que vejamos na tecnologia um caminho de retorno à lógica e não uma ferramenta de perpetuação da burocracia, porque esta nos condena e aquela nos salva.

Que a população saiba de forma simples quem está contribuindo para a morosidade que nos macula, porque ninguém suporta mais a falta de transparência.

Que nossa produtividade não seja reduzida a simples números, porque isso pouco mede.

Que nossos mecanismos de controle disciplinar consigam afastar os maus sem desanimar os bons, porque é fundamental que possamos trabalhar em paz.

Que tenhamos condições de ser verdadeiros juízes e não revisores do trabalho de assessores, porque esta é uma contradição dos nossos dias.

Senhor, abençoe o nosso local de trabalho.

Que em nossos prédios haja segurança discreta e pronta, mas nunca aparatos constrangedores, porque eles afastam a população.

Que o Poder Judiciário tenha uma parcela fixa no orçamento, porque deixá-lo sujeito aos caprichos dos suseranos de plantão põe sob risco a democracia.

Que nossa instituição não contemple que a transparência, sem confundi-la com a exposição, porque aquela nos fortalece, mas esta nos fragiliza.

Que nossa administração somente aja iluminada por estudos técnicos consistentes, porque já não há espaço para gestos afoitos fruto da vaidade de alguns poucos.

Que haja em nosso meio o devido respeito à continuidade administrativa, porque não temos o direito de fazer aquilo que criticamos nos outros.

Ilumine, Senhor, nossos profissionais.

Que nossos concursos de admissão afirmem a vocação e a formação humanística dos candidatos, antes que o decorar mecânico de conceitos ao fim do cabo vazios, porque se assim não for perderemos, enquanto corpo, a sensibilidade.

Que nossa autoridade repouse principalmente em uma estatura moral nobre, porque cargos não fazem pessoas, e sim o inverso.

Que nossas interpretações respeitem a vontade do legislador, porque eles foram eleitos e nós não.

Que aceitemos, com o escritor francês Victor Hugo, a verdade simples de que quem é compassivo com os lobos condena os carneiros.

Que tentemos com ardor respeitar os lares e as famílias dos que estão sob julgamento, porque ações espalhafatosas as profanam, e nossa missão é distribuir luz, antes que calor.

Que tenhamos sensibilidade política mas não sejamos “politicóides”, porque já Voltaire nos ensinava que os juízes incorruptíveis são os que se vendem mais barato.

Que a política em sua pior acepção não contamine nossa Casa, porque uma classe desunida fatalmente será esmagada.

Que nossas decisões sejam redigidas em português claro, porque o “juridiquês” é um escárnio aos 68% dos brasileiros entre 15 e 64 anos que não conseguem ler nada além de um anúncio de cinco palavras.

Que o mundo das leis não utilize por mera afetação palavras em idiomas estrangeiros, porque tal provincianismo nos humilha enquanto povo.

Que sejamos somente juízes, porque quem abusa da força do cargo inevitavelmente descobrirá sua fraqueza.

Que sejamos corporativistas apenas no bom sentido do termo, porque a leniência nos transforma em cúmplices e nos desacredita perante o povo.

Que não possamos decidir sozinhos sobre a sorte dos nossos semelhantes, porque somos imperfeitos demais para fazê-lo.

Que colegiados proporcionais à complexidade do caso sejam a regra, porque a maior segurança que inspiram permitirá a simplificação dos ritos.

Que nosso sistema processual seja simples a ponto de ser compreendido pela população, porque não temos o direito de submeter a vida à vaidade de conceitos herméticos.

Que tenhamos condições de examinar problemas e não processos, porque é isso que a sociedade espera de nós.

Finalmente, Senhor, que nossas togas nunca sejam abadás, porque, se de nós não se espera a perfeição, exige-se seriedade.

Ajudar a pescar



Como reduzir a pobreza? Mais especificamente, como reduzi-la entre os mais jovens? Há algum tempo surgiu uma fascinante resposta a este desafio lá na Nigéria. Trata-se de um país no qual 40% das pessoas entre os 25 e os 34 anos amargam o desemprego.

Tudo começava com um “concurso de planos de negócios” organizado pelo governo. Qualquer pessoa com menos de 40 anos poderia participar, bastando apresentar uma proposta viável de abertura de um algum negócio.

Os projetos eram então avaliados por juízes de empresas de consultoria independentes, que selecionavam particularmente aqueles com maior potencial de geração de empregos. Entre 2012 e 2015 foram escolhidos mais de 3.000 candidatos, que receberam US\$ 100 milhões para tornarem realidade as ideias que apresentaram - uma média de US\$ 33.000 para cada um.

Vamos aos resultados, devidamente avaliados pelo Banco Mundial e publicados na conceituada revista “American Economic Review”. Apurou-se que este programa gerou 7.000 novos empregos, a um custo unitário de US\$ 8.500 para o governo - contra um custo típico que oscila entre US\$ 11.000 e US\$ 80.000, dependendo da área.

Não nos esqueçamos da motivação: descobriu-se que os vencedores

trabalham, em média, 12 horas a mais por semana e contratam 2,6 empregados a mais - aliás, é 11,1% maior a probabilidade de contratarem mais de dez deles.

Constatou-se, igualmente, que os negócios lançados com a ajuda deste programa mostraram-se mais inovadores e rentáveis, quando comparados com outros iniciados de forma convencional - precisamente 22% contra 14%. Basta dizer que a probabilidade de terem um sítio na Internet é praticamente o dobro.

Não por acaso, 87% deles sobreviveram ao primeiro ano, 84,4% ao segundo e 75,9% ao terceiro - uma média até 20% superior à do restante da economia local. Um outro dado importante: o retorno real de capital para estas empresas oscila entre 1,3% e 3,4% ao mês, tornando-as aptas a novos investimentos.

Os dados completos montam a umas 30 páginas - e delas extrai-se a verdade simples de que ideias inovadoras podem dar um vigoroso impulso a tantos que, no alvorecer de suas caminhadas profissionais, muitas vezes sucumbem ao desânimo ou encontram limitações intransponíveis.

Pois é. Que tal pensarmos em algo similar para os nossos jovens?

O potencial



Hoje vamos à Etiópia, cuja população padece sob elevados índices de miséria. Na maior parte das aldeias deste país crianças e adultos não sabem ler. Nelas não há professores - que seriam inúteis, pois não há escolas. Telefones celulares e computadores, nem pensar!

Li que nelas uma a cada três pessoas sofre de desnutrição crônica. Ou seja, o de que aquele pobre povo trata, nas aldeias do interior, é de simplesmente sobreviver - habita um mundo à parte.

Imagine o que aconteceria se alguém por lá passasse e entregasse, sem falar nada, um computador tipo “tablet” a crianças absolutamente analfabetas. Esta foi a ideia da OLPC, sigla em inglês de um projeto denominado “Um computador para cada criança”, liderada por Nicholas Negroponte.

A princípio, tudo parecia uma maluquice: saber como seria o processo de conhecimento e adaptação a computadores sem a intervenção de professores e longe de uma escola. Participaram desta experiência 20 crianças que vivem em aldeias isoladas do “mundo moderno”.

Transcrevo, a seguir, as palavras de Negroponte, registradas pelo jornal chileno “El Mercurio”: “deixamos as caixas com os “tablets” nas aldeias. Fechadas. Sem instruções, sem presença humana. Pensei que

as crianças iriam chutar as caixas”.

Mas eis que, em apenas quatro minutos, uma das crianças não apenas abriu corretamente a embalagem como encontrou o botão de ligar o aparelho - cujo idioma era exclusivamente o inglês.

Cada “tablet” tinha embutido um programa que registrava em detalhes todas as ações do usuário. E foi assim que constatou-se, com absoluta surpresa, que em apenas cinco dias aquelas crianças analfabetas, desnutridas e abandonadas já utilizavam nada menos que 47 aplicações. Em cinco semanas já aprendiam inglês sozinhas, chegando a cantar músicas sobre o alfabeto. E ao cabo de cinco meses já sabiam tanto sobre o aparelho que violaram seu sistema de segurança e descobriram como ativar a câmera de fotografias - que os técnicos norte-americanos haviam desabilitado.

Todas as crianças - sem exceção - aprenderam sozinhas o alfabeto ocidental, começando a relacionar letras com sons e até mesmo a escrever algumas palavras. Repito e insisto: sozinhas. Imaginem o potencial oculto dentro de cada um destes pimpolhos!

A propósito, uma criança chamou a atenção. Anêmica e isolada, vivia cabisbaixa sem olhar ninguém nos olhos e sem dizer palavra - uma cena que nos é familiar. E foi ela, exatamente ela, a primeira a descobrir como ligar o aparelho. Ao fazê-lo gritou, no dialeto da aldeia, “sou um leão”. E converteu-se no “professor” e “líder” dos demais.

Esta experiência, levada a efeito em um dos mais pobres países da África, é na verdade uma acusação terrível a todos quantos negligenciam a educação pelo planeta afora. Ela mede e torna visível o tamanho da insensibilidade e da crueldade de todos quantos, por ação ou omissão, não proporcionam condições dignas de aprendizado àqueles pequeninos seres, dotados de um potencial infinito, que chamamos “crianças”.

Pouca vergonha



A Organização das Nações Unidas é uma instituição voltada aos mais nobres fins. Depreende-se que quem nela trabalhe seja parte de uma fina elite. Pois é: e li que uma a cada três de suas funcionárias enfrenta assédio sexual no ambiente de trabalho!

O Parlamento do Reino Unido é uma vetusta instituição, abrigada em um dos mais belos prédios do mundo. Dia desses fui informado, por um sério jornal britânico, ter recente inquérito constatado que “suas funcionárias tem sido inadequadamente tocadas e abusadas verbalmente em uma insidiosa e perversa cultura de assédio”. Algumas das vítimas relataram que certos parlamentares do sexo masculino comportam-se desta maneira “quase diariamente”.

A imprensa deste planeta é uma instituição nobre. Nela repousam as esperanças da humanidade pelo desenvolvimento moral de governos e povos, fruto da transparência que somente ela poderá proporcionar. Enquanto isso, dois terços das jornalistas experimentam assédio sexual no ambiente de trabalho!

As universidades norte-americanas são uma das referências deste planeta, seja pelo alto nível acadêmico ou pela riqueza de recursos. Surpreende, assim, ter sido divulgado pelo governo daquele país que nelas 20% das estudantes são vítimas de abuso sexual.

As prisões deste planeta não são apenas repositórios de gente - lá estão guardadas, também, as esperanças da humanidade pela

ressocialização de muitos. Os que nela atuam devem, pois, compor uma elite preparada e consciente. Surpreende, assim, que 84% das presas espanholas sofram maus tratos físicos e sejam sexualmente abusadas.

O mundo das leis é, talvez, a esperança última das pessoas. Nele estão alguns dos profissionais mais preparados - cultural e filosoficamente - que a sociedade forjou. E eis que 700 deles, por escrito, pediram ao presidente da Suprema Corte norte-americana que combatesse o assédio sexual que macula os juizados daquele país.

Diante de todos estes casos, reflita por um instante: eles acontecem no interior de órgãos os mais importantes e são praticados por representantes da “elite das elites”. Alguém diria que este triste quadro é universal. Pode ser. Mas, como ensina sábia reflexão vietnamita, “os vazamentos sempre começam no telhado” - daí a importância do exemplo. É quando só nos resta dizer: que pouca vergonha...

Os loucos



Hoje viajaremos pelo mundo, conhecendo gente nova. E ao final deste passeio daremos razão ao cineasta japonês Akira Kurosawa, segundo quem “em um mundo louco, apenas os loucos são sãos”.

Começemos lá no Reino Unido, para conhecer um certo Sean Murphy. Este decidido cidadão, incomodado com uma verruga na mão, gastou um bom dinheiro em pomadas e cremes. Como a verruga não desapareceu resolveu removê-la com um tiro de escopeta! Desnecessário dizer que após o disparo a verruga realmente desapareceu - assim como o seu dedo.

Ainda naquele país há o caso de Gerald Sanctuary, morador de Hertfordshire. Este cuidadoso motorista perdeu seu carro no estacionamento municipal e só conseguiu encontrá-lo três anos depois - ainda assim graças a uma funcionária, intrigada pela sujeira acumulada no mesmo.

E que dizer de Shawn Merter? Ao sair para uma festa a fantasia viu-

se agoniado porque o chapéu não parava em sua cabeça. Resolveu o problema com um tubinho de “Super Bond”. Terminada a festa, nem os médicos de um hospital conseguiram desgrudar o adereço!

Ali perto, na Irlanda, um estudante que atende pelo nome de Paul Moran teve a ideia de utilizar seus conhecimentos de alquimia para transformar excremento em ouro. E lá foi ele, esquentar o “material” em um forno elétrico. O resultado: além do cheiro insuportável, a “matéria-prima” derreteu e causou um curto-circuito no aparelho, dando início a um incêndio que destruiu toda a casa.

Do outro lado do oceano, nos EUA, um outro estudante preparava-se para o Dia das Bruxas quando teve uma inspiração: colocar uma tabuleta de madeira sob a camisa para, em seguida, simular que levava uma faca cravada no peito. O problema é que o pedaço de madeira, muito fino, não suportou o impacto da facada que ele mesmo executou. Suas últimas palavras foram: “não acredito, eu realmente fiz isso”.

Enquanto isso, um casal sul-africano resolveu viajar. Decidiram ir para Eastbourne, na Nova Zelândia. Desembarcaram, tomaram um táxi e foram informados pelo motorista que estavam a 19 mil quilômetros de distância do hotel - parece incrível, mas eles confundiram a Nova Zelândia com a Inglaterra!

Quem também errou de destino foi o atento turista alemão Tobi Gutt. Vestido de camiseta e bermuda, saiu da Alemanha para visitar sua namorada na quente Sydney, na Austrália. Acabou desembarcando do outro lado do planeta, na gélida Sidney, nos EUA, sob uma forte nevasca.

Encerro nossa viagem no Egito, país no qual um frango caiu dentro de um poço. Eis que o proprietário do galináceo pulou atrás para salvá-lo, e começou a se afogar. Um outro parente desceu para ajudá-lo. E outro. E outro. E outro. E outro. Como nenhum dos seis sabia nadar morreram todos afogados. Em tempo: o frango sobreviveu...

Que ninguém pense serem estas pessoas loucas. Absolutamente.

Todas normais. Vivem conosco. Votam e são votadas. É quando encerro recordando Bernard Shaw, segundo quem precisamos de mais loucos no mundo - vejam só para onde as pessoas normais nos levaram...

O esmagamento



Dia desses li uma fascinante notícia em um respeitado jornal britânico. Denunciava-se, veementemente, que naquele país o custo de morrer está, perdoando a expressão, “pela hora da morte”.

Apurou-se que a margem de lucro das empresas funerárias alcança surpreendentes 43% - o que, segundo a reportagem, é suficiente para posicioná-las dentre as mais rentáveis do Reino Unido.

Nos últimos dez anos os preços de enterros e funerais foram majorados em 84%. Somente em 2018 houve uma alta de 4,9% no preço dos enterros e 6,1% no das cremações, contra uma inflação nacional de apenas 2,2%.

Assim, o custo de morrer lá no Reino Unido anda em torno de £ 9.200 - é muito dinheiro! Apurou-se que este valor corresponde a cerca de 40% das despesas anuais de uma família típica de classe baixa - e mais do que ela gasta com alimentação, vestuário e energia somados.

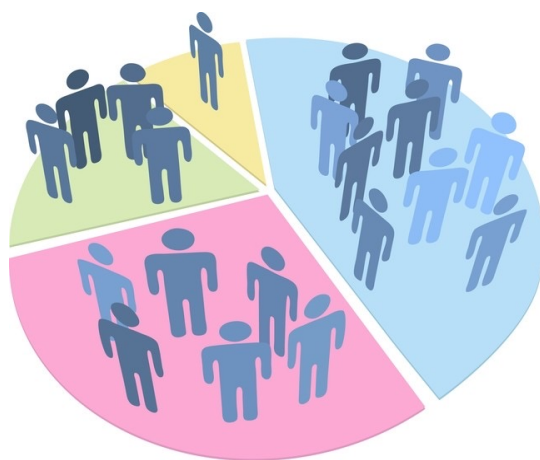
Dir-se-ia estarmos diante de um caso típico de ganância de empresários, de exploração dos mais vulneráveis em um momento particularmente difícil da vida, qual o da perda de um ente querido. Nada mais falso! E assim porque este é um serviço gerido, em sua maioria, pela administração pública!

Eis aí algo digno de reflexão: a flagelar os menos favorecidos está exatamente o governo, responsável, à guisa de exemplo, por dois terços dos cartórios, digo, crematórios disponíveis. Segundo registrado na matéria as administrações municipais arrancaram, apenas em 2018, £ 95 milhões das famílias em luto!

Diante destas informações fiquei a pensar no quanto os governos arrecadam pelo planeta afora vendendo serviços prestados - no mais das vezes precariamente - a preços absurdos, totalmente dissociados de qualquer planilha de custos séria. Eis aí o retrato de uma economia monopolista e cartorial, superior a épocas e fronteiras.

Dizem alguns, ingenuamente, que o Estado existe para nos servir, que o povo o constitui e sustenta para ser por ele atendido em suas necessidades. Contemplando a realidade, porém, chego a conclusão outra: nós é que existimos para satisfazer o Estado. Uma vez formado, este adquire personalidade e interesses próprios, no mais das vezes distintos e até contrapostos aos dos cidadãos que o constituíram. É desta constatação que explica-se a grande luta travada há séculos pela humanidade: como proteger-se do Estado?

Nosso tamanho



Dia desses vi um cálculo curioso. Alguém teve a ideia de imaginar que todo o planeta fosse apenas uma pequena aldeia com exatos 100 habitantes, mantidas, porém, todas as proporções e escalas que regem nossa realidade.

Logo de cara alguns números curiosos se apresentaram. Assim, nesta aldeia haveria 57 asiáticos, 21 europeus, 8 africanos e 4 americanos - algo que dá o que pensar em termos de projeções econômicas, mercado consumidor etc.

Nesta pequena aldeia 70% dos habitantes não seriam brancos, 30% seriam cristãos e 89% heterossexuais. É curioso constatar que diante dos números subitamente a realidade mundial parece algo diversa daquela que testemunhamos diariamente em nossa cidade.

De toda a população desta aldeia, ou seja, 100 pessoas, apenas 6 possuiriam 59% de toda a riqueza - todas elas norte-americanas. Enquanto isso 80 habitantes viveriam na mais triste miséria, em condições degradantes. Inclusive, 50 pessoas - a metade - sofreriam de desnutrição.

Destes 100 habitantes 70 não conseguiriam ler, e apenas um teria ido à universidade! Complemento esta informação com uma outra, não

menos chocante: nesta aldeia haveria apenas um proprietário de computador. Sim, em plena “era da tecnologia e da informação” apenas um habitante disporia de um computador.

Mas prossigamos, agora indo de encontro à sua realidade em comparação com a da população mundial. Assim, se você nunca sofreu os horrores de uma guerra e nunca foi torturado, comemore o fato de estar em situação melhor que a de nada menos que 500 milhões de semelhantes seus.

Se você pode ir a uma igreja orar sem receio de ser humilhado, preso, torturado ou morto, agradeça a Deus, pois sua situação é mais digna que a de três bilhões de seres humanos.

Você tem comida na geladeira? Roupa no armário? Um teto sobre sua cabeça? Então alegre-se, pois sua riqueza é maior que a de 75% da população deste planeta. E, se você tem algum dinheiro no banco ou moedas em um daqueles cofrinhos em formato de porquinho, celebre duplamente, pois já está entre os 8% mais ricos do mundo.

Sua vida é um calvário por conta da seca? Você sofre os horrores da desertificação e da sede? Se a resposta for negativa isto significa que você está livre de um infortúnio que flagela a vida de um bilhão de seres humanos em cerca de 100 países em pleno “planeta água”.

Você tem um simples banheiro à disposição? Então agradeça, pois 2,5 bilhões de semelhantes nossos não contam com algo tão básico. Você bebe água tratada? Se a resposta for positiva lembre-se de que 1,4 bilhão de pessoas bebem água suja até hoje - assim, aproveite cada gole.

Finalmente, parabéns por estar lendo este texto - imagine que dois bilhões de semelhantes nossos não conseguiriam fazê-lo, vítimas de uma taxa de analfabetismo incompatível com este início de milênio.

É diante de tantos números que fico a pensar em Vercors, segundo quem “a humanidade não é um estado a que se ascenda - é uma

dignidade que se conquista”. Pois é: seria a raça humana dotada de humanidade?

Gente de bem



Dia desses, por volta das 06:00, um caminhão carregado de cebolas caiu da ponte de Valvan, próxima a Lonavla, na Índia. O motorista, gravemente ferido, ficou preso na cabine. Eis que outros motoristas e pessoas que circulavam pelo local passaram a saquear a carga, ignorando um ser humano que agonizava. Vi uma fotografia da cena, publicada pelo jornal “Hindustan Times”: eram dezenas de pessoas recolhendo avidamente as cebolas, enquanto o motorista padecia a poucos metros delas.

Acidente similar aconteceu nos idos de 2015 em Hong Kong, na China, desta vez com um carro-forte. Não foi diferente o comportamento das pessoas: passaram a saquear o caminhão, recolhendo pacotes de dinheiro e fugindo apressadas, ignorando as vítimas do sinistro.

Aqui mesmo no Brasil, em 2013, uma multidão de mais de mil pessoas, ao longo de 40 minutos, afanou nada menos que 30 toneladas de frango de um caminhão acidentado. Já o motorista ferido... ora, o motorista!

No Reino Unido o acidentado foi um navio. Encalhou no litoral. Eis que a população de uma cidade próxima passou a saqueá-lo impiedosamente. Foram levadas de caixas de vinho a motocicletas de luxo da marca BMW.

Poderia prosseguir narrando diversos outros casos análogos -

inclusive um, acontecido no Espírito Santo, no qual uma carga de cerveja foi saqueada em seguida a um acidente acontecido dentro dos limites da Grande Vitória, uma capital de estado.

Creio, todavia, que estes episódios já são suficientes para uma reflexão. Em todos eles havia seres humanos em estado de sofrimento. A poucos metros, pessoas capacitadas fisicamente a fazer o bem. E todas elas, sem exceção, se dedicaram ao saque mais asqueroso, recolhendo produtos e valores que, ao fim do cabo, não iriam fazer grande diferença em suas vidas. Optaram pelo mal.

Essa gangue, em sua maioria, convive conosco. Passada aquela “oportunidade” voltaram a ser “gente de bem”. Retomaram a posição de pessoas que se declaram inimigas da corrupção e apreciadoras da lei e da ordem. Todas, sem exceção, acabaram impunes perante a Justiça dos Homens.

Fica, de tudo isso, uma dúvida: seriam elas fonte de inspiração para aqueles que saqueiam recursos públicos às custas de tantas vidas? Ou foram estes saqueadores a se espelharem naquelas? Ou são todos “farinha de um mesmo saco”?

Justiça divina



Aconteceu na Austrália: dada família enterrava um ente querido quando foi abordada por um servidor da administração do cemitério, cobrando um certo tributo instituído precisamente naquele dia - acredite, uma “taxa de carbono” cujo fato gerador era a morte. A viúva ainda tentou argumentar, inutilmente, que seu marido falecera na véspera, antes da instituição do tributo.

No Reino Unido, país no qual milhares de crianças são resgatadas da escravidão todos os anos, o governo recentemente reconheceu que dez mil delas foram acidentalmente vendidas a conhecidos traficantes de pessoas.

Em Paris, na França, Naomi Musenga, 22 anos de idade, telefonou para o serviço de emergência declarando-se agonizante e dizendo que iria morrer. Ouviu como resposta que ela certamente iria morrer algum dia, como todo mundo - o que realmente aconteceu poucas horas depois.

Por falar em saúde, na Índia - uma das maiores economias do mundo - 60 crianças morreram em um hospital depois que cortaram o fornecimento de oxigênio por falta de pagamento.

Enquanto isso, no Chile, descobriram que 90% dos aposentados nos moldes de uma salvadora reforma da previdência social lá realizada em 1983 recebem apenas o equivalente a 60% do salário mínimo local.

Por falar em previdência, assim manifestou-se um ministro japonês sobre os idosos: “deveriam apressar-se em morrer para aliviar os gastos do governo”. Quem também busca apressar mortes é uma empresa norte-americana cuja função consiste em, através de eloquentes empregados, convencer pacientes terminais a recusar tratamentos - poupando despesas, pois.

Por falar nos EUA, dado doente mental foi condenado à morte pelo sistema legal. Constatadas suas péssimas condições mentais, determinou-se que fosse tratado o suficiente para que pudesse compreender sua pena e ser então executado.

O quão distante estaria esta sinistra realidade de cada um de nós? Levante-se, vá à janela, contemple o nosso país e perceba que não muito. Pois é. Desde criança ouço, nos sermões das missas do querido Padre Ayrola, uma séria advertência: as coisas da vida passam, e passam muito depressa. É verdade. Quando menos esperarmos alcançaremos o momento supremo de nossas vidas - aquele no qual ela termina. Será que nossos burocratas, tecnocratas e cleptocratas se esqueceram disso?

Kafka vive



Há algum tempo li o levantamento “Justiça em Números 2024”, publicado pelo Conselho Nacional de Justiça. E fiquei a meditar.

Segundo consta, o ano de 2023 “se encerrou com um acervo de 83,8 milhões de processos em tramitação”. Para julgá-los, 18.265 magistrados. Dá uns 4.588 processos para cada um deles.

Façamos mais algumas contas. Calculou-se que cada juiz julga 8,6 casos por dia útil. Precisaremos, assim, de uns 533 dias úteis somente para que este passivo desapareça. Cada ano tem, em média, 250 dias úteis. Tradução: se fecharmos as portas dos juizados e tribunais levaremos dois anos para eliminarmos uma montanha de processos antigos.

Prossigamos: apurou-se que a cada ano aparecem 35,3 milhões de casos novos. Assim, quando forem reabertas as portas estará do lado de fora, aguardando processamento e julgamento, uma outra montanha de 70,6 milhões de processos.

Diante destes números fica clara a realidade de que o quadro atual é insustentável. De que “mais da mesma coisa” pouco revolverá, apenas adiará o momento da falência total, com imenso prejuízo para a população. De que o uso intenso e extenso da tecnologia apenas esconderá a verdade simples de que temos criado uma “burocracia digital” de contornos perigosos.

Fiquemos com os 8,6 casos julgados a cada dia útil por um único juiz. Dá quase um por hora. É humanamente impossível que cada um deles receba atenção serena.

Pois é. Temos orgulho de trombetear pelo mundo afora que neste país há juízes julgando dezenas de milhares de processos a cada ano. Deveríamos ter vergonha. Criamos uma justiça triste, quase que por atacado, entregue mais e mais a assessores. Fico a pensar se não temos sido que meros revisores do trabalho deles!

Sob o sistema atual, porém, não há saída - a alternativa é responder perante os órgãos de controle e a população. Assim seguimos em frente, julgando lado a lado casos simples e complexos, rasos e relevantes, da forma como for possível. Do jeito que der! Que erremos pouco, eis a súplica que faço ao Criador! Que erremos pouco!

Será tão difícil, meu Deus, devolvermos a dignidade ao mundo das leis tornando mais lógicos nossos procedimentos? Deve ser. Minha geração falhou neste dever. Sucumbiu diante da cegueira ávida de um sistema. Que a próxima seja mais feliz.

O que deve e o que não deve ir ao sistema judiciário? Por qual motivo prestamos tão poucas homenagens aos julgamentos colegiados? Ao princípio da oralidade? Como punir-se alguém de forma sábia? O que é crime, afinal? Por qual motivo permanecemos isolados em paróquias diante de um mundo globalizado?

Seria possível, através dessas reflexões, reduzirmos o brutal sistema de recursos que nos sufoca sem fragilizarmos a cidadania? Seria

possível sermos mais juizes e menos burocratas? E que tal colocarmos ao nosso lado, na mesa de trabalho, a sociedade civil?

Estas são discussões complexas. Ultrapassam as próprias fronteiras do sistema judicial, adentrando nas searas da política e da economia. Mas seja nossa bandeira iniciá-las.